HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOM. DECIMO TERCEIRO.

HISTORIA

DE

PORTUGAL.

TOM. DECIMO TERCEIRO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XIII.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1789.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatrocentos rèis em papel: Meza 3 de Julho de 1789.

Com tres Rubricas.

INDICE

DOS CAPITULOS.

LIVRO XLVI.

via-

LIVRO XLVII.

LIVRO XLVIII.

CAP.

HIS-

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO XLVI.
Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Nuno da Cunha faz a Fortaleza de Dio, Diogo Botelho traz esta noticia a Portugal, com outros successos de Malaca, e das Molucas.

O GOVERNADOR Nuno da Cunha teve de dissimular o desprazer de Martim Affonso de Sousa se lhe adiantar

Era vulg. 1536.

Era vulg. na conclusaõ do Tratado da paz com Badur, e ser elle o que tomasse posse do terreno demarcado para a Fortaleza de Dio: noticia, que lhe foi communicada por Diogo de Mesquita, para abbreviar a viagem, em que Nadur impaciente por opprimido naõ queria demora. Elle usou de huma diligencia extrema para a abbreviar, e chegou a Dio com huma armada numerosa, seguido de huma Corte brilhante. O Rei lhe tinha preparado o Baluarte do mar soberbamente, para seu Quartel General, aonde elle vio arvorado o Pavilhaõ Real de Portugal com indissimulavel complacencia. No lugar do desembarque o esperavaõ o Embaixador Xacoez, Medinarraõ, Governador da Cidade, Alucaõ, Coge Çofar, e outros Generaes de Badur, que o encaminháraõ ao Paço do Rei. Nestas vistas esqueçêraõ todas as formalidades do ceremonial, que impedíraõ as primeiras. Mudanças do tempo, ou effeitos da necessidade, que até na esféra da Soberanía alteraõ as configurações.

Re-

Reduzido o Tratado a boa fórma, e firmado de ambas as partes; se deo principio á obra da Fortaleza, a que o Governador pôz a primeira pedra a 21 de Dezembro do anno passado, dia de S. Thomé, Apostolo da India. Ella está situada de mar a mar na ponta de terra, em figura triangular com tres muros de dezasseis pés de largo, e mais de 20 de alto. Nos dous angulos, que fazem frente á Cidade, se levantáraõ duas torres bastionadas, huma chamada de S. Thomé com 80 pés de diametro sobre huma eminencia, outra da invocaçaõ de Sant Iago de 60 pés. Na face destas duas Torres se plantou a parte defendida de huma falsa-braga. O fosso se alargava, e aprofundava á proporçaõ da qualidade do terreno; mas elle cingia toda a praça, aonde com agitaçaõ rápida se viaõ crescer os muros, a Igreja, a casa do Governador, os quartéis, e os armazens. Tudo em estado de defensa no espaço breve de 50 dias, com grande assombro de Badur, que naõ podia deixar de se admirar de semelhante di-

Em vão.

Em vulg. ligencia. O Governador, que a observava, e a alegria de toda a classe de gentes, que trabalhava sem socego, lhe disse acabassem com pressa aquelle novo monumento. que havia sepultar a muitos Portuguezes: dito, que pareceo pressagio, como nós o veremos especialmente nos dous espantosos sitios, que poucos annos depois defendêraõ os memoraveis Heróes Antonio da Silveira, e D. Joaõ Mascarenhas, o primeiro no mesmo governo de Nuno da Cunha, o segundo no de D. Joaõ de Castro.

A conclusaõ do Tratado de Dio, a fabrica da sua Fortaleza, como na idéa d'El-Rei eraõ dous objectos taõ interessantes, entendeo o Governador, que naõ devia demorar-se em mandar a Lisboa noticia taõ agradavel. Elle despachou logo por terra a hum Judeo, e a hum Armenio, que fizeraõ caminho por Ormuz, e quasi ao mesmo tempo em huma fragata ligeira ao Secretario Simaõ Ferreira pelo rumo ordinario do mar. Estes expedientes foraõ prevenidos por Diogo Botelho Perei-

reira, Fidalgo honrado, antes e depois infeliz, que emprendeo a acçaõ mais audacioſa, a menos ouvida, que até entaõ ſe praticára no ſeu genero; mas ella foi huma façanha Portugueza, que ſe ſervio de premio a ſi meſma. Diogo Botelho era homem de grande coraçaõ, que ſentio naõ lhe darem hum deſpacho, de que ſe entendia digno. A Corte, que receou encontrar nelle outro Fernaõ de Magalhães, depois de o ter annos preſo, o entregou ao Conde Almirante para ſe ſervir delle na India, com ordem de naõ voltar ao Reino. Eſta prohibiçaõ foi hum novo eſtimulo para o ſeu reſentimento; mas com penſamentos bem alheios dos do Magalhães, o Botelho ſó eſperava aſſignalar-ſe em alguma acçaõ taõ façanhoſa, que lhe mereceſſe reentrar na graça do ſeu Soberano, como ſobre tudo deſejava.

Era vulg.

Quanto ſe havia paſſado em Dio, Diogo Botelho o eſtimou pelo objecto, porque elle ha tantos annos eſperava. Havendo á maõ a copia do Tratado, e o plano da Fortaleza, eſte

bra-

Era vulg. bravo homem, publicando que hia a huma viagem a Melinde, se embarcou em huma meia Fusta, que elle construio pela sua idéa, e á sua despeza. Ella tinha vinte, e dous pés de comprido, seis de altura, e doze de largo. Sem mais companhia que a dos seus escravos, e a de cinco homens da sua obrigaçaõ, Diogo Botelho passa por Chaul ganhando o largo; chega a Melinde, navega a Quiloa, e feito ao mar declara aos camaradas o seu formidavel designio. Todos se cobrem de horror, o susto os aprehende, naõ dá o temor lugar á obediencia. Entaõ metteo elle em taõ bom uso as promessas, e os ameaços, que reduzio os espiritos abatidos a naõ duvidarem perder-se, aonde elle se perdia. Se tivessem discurso os mares, o do Cabo de Boa-Esperança estaria pasmado da confiança, com que o lenho desprezivel, depois indignamente desprezado, o cortava, o dividia, o separava. Assombrar-se-hia o grande golfaõ da Ilha de Santa Elena até a embocadura do Tejo da audacia, com que o peito de hum

hum mortal lhe ſobmettia as ondas, Era vulg.
lhe calcava as vagas, desfazia as eſcumas. Entrou Diogo Botelho em Lisboa com eſpanto do mundo, e foi navegando até Almeirim, aonde eſtava a Corte. Gente immenſa occupada de aſſombro miſturado de horror, concorreo a vêr a nova fabrica do Argonauta temerario, que levava as attenções de todos. O Rei, ainda que goſtoſo das noticias do Botelho, eſtimou mais vêr a embarcaçaõ, que o homem. Ella mais digna de admiraçaõ, que a náo Argos de Jaſon, que a náo Victoria de Magalhães, foi condemnada a acabar varada no rio de Sacavem. Diſſe-ſe entaõ que era neceſſario eſte despreſo para banir dos homens a idéa, de que a taõ pouco cuſto ſe podiaõ fazer viagens taõ longas.

O homem foi recebido como culpado nas demonſtrações ſérias, que mudamente o arguiaõ de ter emprehendido a jornada ſem licença do Governador da India. A equidade lhe permittia que andaſſe ſolto; mas a da Imperatriz, irmã delRei, naõ diſſimu-

Esta vulg. mulava, que acçaõ semelhante ficasse sem premio. Ella gastou annos de rogativas para conseguir se lhe désse a Capitanía de S. Thomé, que o tornava a levar para fóra do Reino, donde passou depois para o governo de Cananor: premio sempre acompanhado, naõ só do retiro da Pátria; mas daquellas suspeitas, que em materias de interesse de Estado saõ ordinariamente do número dos males de sua natureza incuraveis. Muito depois de Diogo Botelho chegou a Lisboa o Judeo com as cartas do Governador Nuno da Cunha, que El-Rei estimou com demonstrações públicas de gosto, e de satisfaçaõ para o Judeo, que além de outras mercês foi remunerado com huma tença vitalicia de 140$000 réis. Noticia taõ alegre, que promettia o abatimento dos Turcos em Asia, El-Rei a mandou participar ao Papa Paulo III. que a celebrou com huma procissaõ solemne, a que elle assistio com todo o Collegio dos Cardeaes. Depois celebrou Pontifical, e no fim delle o Mestre Theofilo, Eremita de Santo

Agos-

Agostinho, recitou com a sua costumada elegancia huma Oraçaõ pathetica em louvor dos Portuguezes, que foi huma recapitulaçaõ plausivel das façanhas, que os distinguiaõ entre todas as Nações do Universo.

Era vulg.

A obra crescia em Dio, e em Badur os signaes apparentes do muito que estimava a nossa amizade, e alliança, que agora foi a sua redempçaõ, pouco depois a sua ruina. Sim chegavaõ a Dio os rebates das incursões, que os Mogores faziaõ nos Estados de Cambaya; mas elles naõ se atrevêraõ a seguir Badur defendido na Ilha pelas nossas armas. O Governador de Baroche, Cidade grande dos mesmos Estados, ameaçado dos inimigos, pedio soccorros a Badur, que mandou alguns navios, e Nuno da Cunha dous com 70 Portuguezes ás ordens de Manoel de Macedo; que fazia retroceder os Mogores, se os Guzarates medrosos naõ o deixassem só na praça. O Nizamaluco, seu alliado, em attençaõ nossa embainhou as armas, abandonou a alliança, fez a paz com Badur. Vasco

Era vulg. Peres de Sampaio ganhou o Fórte de Varívene, situado sobre o rio Indo, de que os Mogores se haviaõ apoderado. Com a noticia de que estes retrocediaõ para se opporem aos Pataues, que lhes invadiaõ o Imperio, Badur se resolveo a sahir a campo em pessoa, acompanhando-o Martim Affonso de Sousa com 500 Portuguezes, que enchêraõ a expectaçaõ de Badur, já em firmar nos seus Estados a fé dos espiritos commovidos, já sobmettendo os mal intencionados, e sendo o principal instrumento da expulsaõ dos inimigos.

O Rei dos Mogores mettido em cólera por abandonar todo o Reino de Cambaya, que tinha conquistado, sentia menos a torrente das victorias com que os Patanes lhe hiaõ ganhando o Reino de Delli, que a opposiçaõ dos Portuguezes. Elle os olhava como alma das emprezas de Mira Mahamut, parente do Rei Badur, que de posto em posto hia sacodindo as suas tropas dos dominios de Cambaya. Em desaggravo desta injúria quiz elle sobprender-nos em Baçaim, aonde Garcia de

Sa

Só com 400 homens naõ se attrevia a esperar o golpe da multidaõ dos Mogores, soberbos com as passadas victorias. Elle se determinava a abandonar a praça, que tinha todas as defensas ainda imperfeitas; mas Antonio Galvaõ, quinto filho do famoso Embaixador da Ethiopia o memoravel Duarte Galvaõ, se oppoz a esta acçaõ injuriosa ás nossas armas, e o fez mudar de sentimentos. Os Mogores á vista da nossa resoluçaõ, naõ se attrevendo a arriscar no ataque, tomáraõ a de se retirar medrosos. Pouco depois chegou Nuno da Cunha, taõ pago da intrepidez de Antonio Galvaõ, que o honrou com lhe mandar pozesse a primeira pedra na fortificaçaõ, que entaõ se principiou em Baçaim. Nós seguiremos logo este grande homem pelos passos, que deraõ nas Molucas igualmente a sua virtude, e o seu valor.

Era vulgá

Da ausencia do Governador se aproveitou o Hidalcaõ para invadir as terras firmes de Salcete. Elle fez esta guerra com forças, e vigor, mas encontrou bisarra a opposiçaõ de D Joaõ Pe-

rei-

Era vulg. reira, Governador de Goa, que se sustentou sempre victorioso até a chegada de Nuno da Cunha, que concluio a Fortaleza de Mador para freio destas irrupções. Ella foi guarnecida por 800 homens ás ordens de Manoel de Sousa, que obteve este governo em attençaõ ao parentesco com o Conde da Castanheira, já reconhecido o primeiro valido do Rei. Ao mesmo tempo se recebeo a agradavel noticia da vantajosa paz, que D. Estevaõ da Gama, depois de derrotar a Alodin, Rei de Viantana, concedêra a este Principe. Elle lha mandou pedir a Malaca com as submissões de abatido; sugeitando-se a entregar-lhe toda a artelharia; a naõ construir nos seus portos Fustas de guerra; a abster-se de fazer fortificações em Bintaõ, e Viantana; a vir residir no porto de Muar para de mais perto commerciar com Malaca; e outras vantagens semelhantes, que promettiaõ a esta Cidade felicidades permanentes, se fossem menos enormes os seus crimes.

Mas antes que passemos á narra-

çaõ

çaõ de outros successos, eu vou a fazer huma recapitulaçaõ breve do governo de Antonio Galvaõ nas Molucas, para onde foi despachado, logo que o Governador voltou de Dio. Antonio Galvaõ digno dos maiores empregos pelas suas virtudes, até entaõ naõ obtivera algum. No estado de simples particular, ellas lhe fizeraõ entrada na acceitaçaõ universal dos homens, ellas promovèraõ de sórte os seus interesses, que era hum dos poderosos da India, como que queria Deos mostrar nelle, que todas as cousas concorrem para a felicidade daquelles, que o amaõ. Nuno da Cunha, que conhecia, e sabia distinguir o verdadeiro merecimento, attendeo ao de Antonio Galvaõ, que achou com qualidades para reparador das desgraças das Ilhas Molucas, fomentadas pela avareza, pela libertinage, pela pouca Religiaõ de Tristaõ de Ataide, e dos seus predecessores. Elle o provê no governo daquella dominaçaõ desolada, e Antonio Galvaõ lhe responde: Que o acceita só para servir a Deos, e a El-Rei; mas

Era vulg.

Era vulg. mas naõ para ir fazer mal a ninguem. Nuno da Cunha o advertio: Que servir a Deos, e ao Rëi era fazer justiça igual sem excepçaõ de pessoas, com premio das virtudes, aonde as achasse, com amargura dos vicios, aonde os descobrisse.

Antonio Galvaõ se dispõe a encher toda a expectaçaõ de Nuno da Cunha no governo das Molucas, menos na figura de Capitaõ, ou de Negociante, que na de vassallo fiel, e Apostolo fervoroso de Jesu Christo, que sem o baculo da ambiçaõ, e o alforge da avareza fizesse a jornada, residisse, e voltasse das Molucas para a Pátria. Do exterminio de ambos estes vicios deo elle as mais elegantes próvas no meio das intrigas indecentes, com que Ministros indignos em Cochim, que deviaõ concorrer para a expediçaõ, o reduzíraõ a estado de fazer á propria despeza quasi toda a sua equipagem. Quanto elle adquirira na India de dinheiro, de baixella, de móveis de casa, tudo gastou o Galvaõ em aprestar a sua viagem. Elle se embarcou para Malaca com

200 homens, que escolheo, e a que pagou; com muitas mulheres para as casar nas Molucas, e multiplicarem o Povo; com todos os instrumentos de cultivar a terra, para fazer a Colonia florescente por meio da industria, que nella se necessitava.

Em vulg.

Naõ obstante pertencerem os successos do Galvaõ nas Molucas aos annos seguintes, eu me resolvo a tratallos no Capitulo II. No fim deste tecerei o seu elogio, resumirei as suas façanhas, direi delle, que com 150 Portuguezes triunfou de oito Reis colligados: que lhes desbaratou Exercitos numerosos, queimou Armadas formidaveis, tomou despojos preciosos; que com corage igual derrotou a astucia dos Reis de Moro, de Java, de Banda, de Amboino, obrigando estes Principes a reconhecerem as armas de Portugal por tutelares dos seus Dominios; que unindo o ardor militar ao zelo pio, era ao mesmo tempo Capitaõ, e Catequista, taõ vigilante em augmentar o Estado para interesse do Principe, como em avançar o Dominio

Era vulg. nio da Igreja para gloria de Deos: que para conseguir esta segunda empreza sagrada, e heroica derrubou muitos Pagodes, erigio Templos, arrasou Idolos, levantou Altares: empreza tanto sua, que despendeo nella setenta mil cruzados da sua fazenda. Á sua custa fez Antonio Galvaõ o famoso Seminario para nelle serem educados nos Dogmas Catholicos os filhos dos Infieis. Elle conseguio que dous Reis das Molucas com as suas famílias, e grande número de vassallos abjurassem os delirios de Mafoma, e buscassem a regeneraçaõ da alma nas aguas saudaveis do Baptismo.

Antonio Galvaõ tinha o espirito taõ levantado sobre as cousas da terra, que desprezou generoso a Coroa de Ternate, que lhe offerecêraõ; mais attento a ser vassallo fiel do seu Principe natural, que a deixar-se levantar Rei de gentes estranhas. Elle escolheo para base firme da sua gloria opprimir a iniquidade, fazer triunfar o merecimento, naõ offender os generos de justiça. Este homem maior, do que eu o pinto, aca-

acabado o seu governo voltou para Portugal; e quando Vicente da Fonceca, e Tristaõ de Ataide, que naõ deviaõ esperar senaõ castigos á proporçaõ dos seus crimes achavaõ o meio de se justificar, e avançar-se, porque eraõ ricos, Antonio Galvaõ, digno de todas as recompensas, que só devia receber premios correspondentes ás suas heroicas virtudes, parecia hum Réo, atrasado a todos, porque o serviço de Deos, e do Rei o fez pobre. Os ouvidos, os corações da Corte todos se fecháraõ ás vozes da mendicidade do homem illustre, que pedia, por naõ ter que dar. Elle se estimou na Pátria feliz, quando achou o azilo de hum Hospital, aonde se vio reduzido á miseria de assistir desasete annos aos enfermos para sustentar a vida com extrema parcimonia, sem que já mais a relevancia dos seus serviços fizesse nascer a idéa de ser arrancado hum Heróe das mãos do abatimento vilissimo. Depois de morto achou na Confraria da Corte a Caridade de lhe dar de esmola huma pobre mortalha, e de lhe fa-

Ecl. vulg. zer hum enterro com pompa bem igual ao fausto dos ultimos annos da sua vida.

Este foi o fim de Antonio Galvaõ, que a naõ ter todas as recomendações no seu merecimento, merecia a lembrança, de que era filho de Duarte Galvaõ, Embaixador d'El Rei D. Manoel ás Cortes de Roma, Paris, Viena, e Ethiopia, ultima jornada da sua vida, que veio acabar com mais de 80 annos na ilha de Camaraõ; Chronista mór do Reino; na sua pessoa, na de seu Pai Ruy Galvaõ, digno de que se transfundissem as suas honras no filho, e neto de taõ benemeritos avô, e Pai. Mas que mais ha de vantajoso para inspirar o desprezo do serviço dos homens? Esta pergunta faz hum grave Historiador Francez, acabando de debuchar a imagem de Antonio Galvaõ, quando Governador das Molucas, quando Servente do Hospital, quando morto em miseria summa. Elle crê que tudo foraõ acções da Providencia para tecer mais preciosa a Coroa deste Predestinado. Manoel de Faria e Sousa navegando por outro rumo na Asia Portu-

tugueza, diz do nosso Heróe. *Para lo de la fama el será claro, mientras durare el mundo, porque en ella no tienen jurisdicion ni los Reies floxos, ni los Ministros malos, ni la fortuna ciega, ni las edades caducas.*

Em vulgar

CAPITULO II.

Trata-se o governo de Antonio Galvaõ nas Molucas, e outros successos da India no anno de 1537.

1537.

QUANDO Antonio Galvaõ navegava de Cochim para Malaca, e desta Cidade pelo rumo de Borneo para a ilha de Ternate, chegáraõ as náos, que o anno passado de 1536 sahíraõ do Reino, e ardia furiosa a guerra do Idalcaõ, fomentada por Acedecaõ, sobre o dominio das terras firmes de Salcete. A Esquadra do Reino era composta de cinco náos, commandadas por Jorge Cabral, que trazia ás suas ordens os Capitães Vicente Gil, Gaspar de Azevedo, Ambrosio do Rego, e

Era vulg. Duarte Barreto. Com esta gente da Armada determinou Nuno da Cunha forçar a Acedecaõ no campo de Bory, e fundar em Rachol huma Fortaleza, que refreasse as invasões dos inimigos nas terras firmes. Para esta empreza entregou elle 600 homens a D. Gonçalo Coutinho, Governador de Goa, que entaõ sentio a desgraça superior á sua grande corage. Infelizmente se despenháraõ 200 Portuguezes com as altas tranqueiras dos inimigos, que os matáraõ a seu salvo. Animados com esta vantagem, carregáraõ o nosso campo, que teve a sensivel perda de outros 200 homens, entrando no seu número D. Gonçalo Coutinho, e 40 captivos, que honráraõ o triunfo de Açedecaõ.

Sentia Nuno da Cunha a quebra das nossas armas, a falta de muitos Fidalgos, o estrago de tantas vidas, quando o opprimíraõ novos cuidados. Manoel de Sousa, Governador de Dio, lhe pedia com instancia naõ demorasse a jornada do Nórte; porque Sultaõ Badur ajuntava tanta gente, e fazia taes

mo-

movimentos, que tiravaõ toda a dúvida, de que intentava sitiar a Fortaleza. Tudo perplexidades, o Governador advertia que se acodisse á guerra ameaçada de Dio, arriscava Goa; se continuasse a guerra existente de Goa, expunha-se a perder Dio. Neste combate de idéas, quando menos se encontrava com sahida ás suas dúvidas, entrou em Goa hum Embaixador do Idalcaõ propondo a paz com condições acceitaveis, que Nuno da Cunha estimou como hum favor especial do Numen Supremo, que na India guardava os Portuguezes debaixo da sombra da sua protecçaõ admiravel. Mas deixando os negocios geraes neste estado para logo elevarem as nossas attenções, sigamos a Antonio Galvaõ, que no principio deste anno chegou ao seu governo de Ternate.

Era vulg...

Elle achou todas as Ilhas reduzidas a huma desolaçaõ extrema, causada pelas atrocidades, avarezas, e injustiças de Vicente da Fonceca, e de Tristaõ de Ataide, que actualmente as governava, ou destruia. Elle vio todos os

Era vulg. Reis daquelle Archipelago conjurados em nósso dano, rodeados de gentes immensas, promptos a descarregar-nos o ultimo golpe, que cortasse unidas em huma as gargantas de todos os Portuguezes. Estes afflictos paizanos olhàraõ para Antonio Galvaõ como para hum Anjo tutelar, que os vinha arrancar do abysmo da angustia, a que os arrojára a tyrannia de Tristaõ de Ataide; a sublevallos da extremidade da fome, a que elle os havia reduzido; a introduzir-lhes hum novo espirito de liberdade, que lhes opprimiaõ os Insulanos reunidos para o seu universal estrago. Ainda a pública recomendaçaõ do parentesco de Tristaõ de Ataide com D. Estevaõ da Gama, entaõ Governador de Malaca, fazia bem pouca impressaõ nos espiritos para deixarem de pretender, que elle experimentasse os justos abatimentos merecidos das suas desordens, e que arrastando cadeas fosse apresentado na India como hum Réo abominavel, esquecido o seu nascimento.

Mas Antonio Galvaõ cheio de beni-

nignidade, em todas as suas acções moderado, desejoso da paz, da uniaõ, da tranquillidade pública, e particular, longe de prender, de carregar de ferros o seu predecessor, como a voz geral lhe requeria; elle se desvelou em o tratar com delicadezas, com todos os generos de politica para esfriar o ardor dos seus accusadores; para lhe dar lugar delle satisfazer á justa razaõ dos queixosos. A todos os negocios entrou o Galvaõ a dar hum tom harmonioso, que agradasse á differença dos ouvidos. Como todos estavaõ em ruina, principiou pelos Ecclesiasticos, que ajustou aos regulamentos mandados de Portugal á India pelo zelo prudente do Cardeal Infante D. Henrique. Elle reduzio a preço rasoavel os generos necessarios para a vida, que os monopolistas vendiaõ á sua vontade: estabeleceo Juizes, e Intendentes de Policia, que vigiassem sobre a petulancia dos poderosos, sobre as fraudes dos pequenos, sobre as intrigas dos dissolutos: trabalhou nos reparos da Fortaleza, que os necessitava tanto, como os costumes

Era mil-

Extravag. mes licenciosos dos homens, que pisavaõ a ambos os pés todas as sórtes de leis, ainda as mais santas, que só saõ capazes de os refrear.

Como elle levára da India todas as cousas necessarias ao fundador de huma nova Colonia, a que queria dar firmeza, poz os edificios na figura dos de Europa; repartio as terras pelos moradores, que as haviaõ cultivar, e para os fazer activos no trabalho os casou com as mulheres, que trouxera de Goa; dando com prudencia huma tal fórma a todas as cousas, que insensivelmente se insinuava nos corações de todos. He verdade que os Ilheos, ainda que desejosos de que os governasse hum homem de probidade, costumados ás successivas desordens de tantos improbos, naõ conheciaõ o Galvaõ pelo que era. Elles ainda olhavaõ para as suas acções como para humas superficies affectadas de animo dobrado; e esta desconfiança conservava teimosos na liga geral os Reis daquelle Archipelago até a terra dos Papous, que com Cachil Ayalo na sua testa se haviaõ

viaõ fortificado em Tidore, aonde tinhaõ o numeroso Exercito de 50[illegible]000 homens conjurado para a ruina dos Portuguezes nas Molucas.

Era vulg.

Muitas vezes sollicitou o Galvaõ os Principes colligados para hum ajuste amigavel; mas elles soberbos com o poder, escandalisados pelas injurias, incredulos com a lembrança das trahições passadas; em fim mettendo ao Galvaõ na ordem do Ataide, e do Fonseca; de todas as suas propostas zombáraõ, elles as escarnecêraõ, affrontáraõ a Naçaõ, desestimáraõ ao Embaixador, e resolveraõ encomendar ás armas a vingança dos seus oprobrios. Como Antonio Galvaõ occupado de intenções santas, esgotára todos os meios pacificos para justificar os seus procedimentos ulteriores na presença do Deos dos Exercitos; elle busca o recurso das armas com esperança firme de conseguir a victoria. Entregou o governo interino da Fortaleza ao mesmo Tristaõ de Ataide para o confundir com beneficencias; o Galvaõ na frente de 170 Portuguezes, e de 230 homens de Ter-

Era vulg. nate, que embarcou em quatro Galeões, e algumas Corocoras da terra, elle vai a buſcar os inimigos na meſma Cidade de Tidore. Os exercicios, com que elle adeſtrou as tropas para eſta expediçaõ foraõ orações, jejuns, eſmolas, preces, prociſsões, e rogativas para aplacar a indignaçaõ do Ceo.

Naõ eſperáraõ os inimigos, que elle chegaſſe à abordar a Ilha; porque vieraõ recebello no mar com huma Armada de mais de 300 Corocoras, em que ſe aſſegura haverem 30⧖000 homens. O fogo da noſſa artelharia os ſervio de modo, que fazendo o temor os ſeus officios, elles mudáraõ de intentos, e retrocederaõ para defender em terra o deſembarque. Antonio Galvaõ encontrou as praias bordadas de homens, que faziaõ ſemblante de animoſos combatentes. De nada ſe aſſuſta o noſſo Chéfe, que com confiança ſuperior, eſtima a multidaõ para maior gloria do triunfo; determina atacar a Cidadela na ſua meſma face; desfazer as prevenções com o deſembarque nocturno para enganar os Barbaros no dia

com

com outro fingido, que serviria de lhes divertir as forças. Elle desembarcou no maior silencio com 120 Portuguezes, e 180 de Ternate, marchando por caminhos occultos sem ser sentido para lhe ir amanhecer á Cidadela. A esta hora havia a Armada fazer as manobras de quem queria forçar o porto da Cidade para postar a gente em terra, e chamar por aquella parte á defensa o grosso dos inimigos.

Era vulgar

Tudo aconteceo como Antonio Galvaõ o pensou. Quando o Sol lhe deo nas armas, os reflexos o descobriraõ ao Campo, que cobria a Cidade, mandado pelo Rei Ayalo, que era hum dos quatro Soberanos alliados. Elle bem armado se moveo intrepido sobre os poucos Portuguezes para os fazer victimas do furor, como a instrumentos que o privaraõ da posse do seu Reino. O Galvaõ fingio que o temia, e se retirou a hum bosque para aproveitar a vantagem do terreno. Ayalo fez movimentos de quem queria rodear a nossa gente; mas naõ lhe deo lugar o Galvaõ, que invocando o Apostolo

da

Eri vulg. da India S. Thomé por ser o seu dia, e a Sant-Iago, Patraõ das Hespanhas, se lançou aos inimigos com impeto mais que humano. Ayalo combatia como tigre, e pode-se dizer, que elle só sustentava o pezo de todo o campo. As muitas feridas lhe esfriáraõ o ardor; a perda do sangue o fez cahir em terra tres vezes; esmaiou a gentileza, e elle pedio aos seus o retirassem do campo, antes que os cães Portuguezes o acabassem de sacrificar á sua cóleta indomavel. Ausente o Chéfe, desfaleceo nos soldados a corage; huns buscavaõ o horror das grutas: outros quizéraõ salvar-se na Cidadela. O Galvaõ seguindo a victoria entrou misturado com elles neste Fórte, que logo reduzio a cinzas por ser todo de madeira.

Para naõ esfriar o ardor, elle volta caras á Cidade, que defendia o seu Rei com os outros dous alliados. Aqui naõ encontrou o Galvaõ inimigos, que tivessem corage para a resistencia. Surprendidos de vêrem as nossas trópas em terra, Ayalo desfeito, a Cidadela abra-

sa-

sada; os que naõ buscavaõ o azilo das montanhas se deixavaõ matar indefensos. O Rei de Tidore se poz em cobro com a sua familia: os outros Principes poderaõ embarcar as pessoas com grande perigo para se recolherem ás suas Ilhas, deixando as trópas á discriçaõ dos contrarios. A Cidade rendida em breve tempo foi vista hum monte de ruinas; os campos juncados de cadaveres; quatro Reis rodeados de muitos mil homens a irrizaõ de 120 Portuguezes, sem que estes tivessem mais perda, que a de hum escravo: Victoria, que os nossos na fórma do costume, desfazendo no seu valor, a attribuiraõ a milagre, e que Couto para a fazer crivel, lhe chama nunca vista, nem ouvida. O Rei de Tidore abandonado dos amigos, foi o primeiro em pedir a paz, que negociou, e anciosamente desejava seu irmaõ Cachil-Rade. O Galvaõ lha concedeo benevolo, e ajudou officioso a reparar a sua Corte arruinada. Politica com que trouxe á sua devoçaõ os corações de Tidore, assim como já attraira os de Ternate.

Era vulg.

Quan-

Era vulg.

Quando as acções de Antonio Galvaõ davaõ a conhecer aos Ilheos as suas qualidades, os Portuguezes entráraõ a affectar, que as ignoravaõ. Aquelles desejavaõ hum homem justo, que os governasse com equidade, e na pessoa do Galvaõ viaõ cumprido o seu desejo. Estes queriaõ hum Chéfe, que os favorecesse na sua prevaricaçaõ, e na posse do que tinhaõ como reformador dos escandalos, a vontade se lhes agoniava. Inflexivel no cumprimento das suas obrigações, inexoravel aos vicios, elle naõ perdoava a expedientes, que podessem conter a dissoluçaõ. Para dar a todos os servidores do Rei exemplo edificante de desinteresse, em todo o tempo do seu governo naõ fez negocio, de que lhe resultasse á menor ganancia, antes despendeo no serviço quanto adquirira na India. Esta heroicidade era mais para admirar, que para seguida de espiritos mal costumados. Todos os do humor de Tristaõ de Ataide o fizeraõ cabeça do seu partido; e este homem ingrato aos beneficios, que acabava de receber de

An-

Antonio Galvaõ; elle toma a confiança de fazer carregar os seus navios, com as armas na maõ, de todo o genero de contrabandos; elle fórma hum corpo dos sediciosos, que eraõ os mais, para os levar comsigo á India; o Governador he forçado a soffrer esta deserçaõ abominavel; e ella reduzio Ternate á mesma extremidade de miseria, em que estava antes.

Era vulg.

Os Reis de Geilolo, e Bachaõ, que ainda naõ tinhaõ concluido com solemnidade a paz, quizeraõ aproveitar esta conjunctura favoravel para continuar a guerra. O Galvaõ para poupar o sangue dos poucos homens, que o Ataide lhe deixára, propôz a ambos hum combate singular de pessoa a pessoa. Elles o acceitáraõ; mas mediando nos ajustes o Rei de Tidore, e seu irmaõ Cachil Rade, elles se concluíraõ, e entráraõ a gozar as Moluccas de huma tranquillidade perfeita. Nada perturbava já aos de Ternate, a excepçaõ da lembrança do seu Rei Tabarija, que Tristaõ de Ataide mandára preso para a India; lembrança

sau-

Era vulg. saudosa, que lhes fazia violencia para obedecerem a Aeyro, que lhe occupava a praça; que os estimulou a pedirem ao Galvaõ intercedesse pela restituiçaõ do seu Principe; ultima acçaõ, que faria immortal a sua memoria em todo o Archipelago das Molucas.

Quando os Ternatezes faziaõ este requerimento, já o Governador da India Nuno da Cunha tinha reconhecido a innocencia de Tabarija, e o tratava em tom de grande Principe, agora mais recomendavel por haver abraçado o Christianismo. Elle depois foi enviado a Malaca, donde havia ser reconduzido ás Molucas para reentrar na posse do seu Reino. Antonio Galvaõ, que ignorava as aventuras deste Principe; que pisára a ambos os pés o Sceptro de Ternate, que os Insulanos lhe queriaõ metter na maõ: elle com a mesma força de espirito, que o animou a esta repugnancia inimitavel, trabalhou por inclinar á Aeyro todas as almas dos Ternatezes. Indignado da insolencia, com que os seus predecessores

tra-

tratavaõ aos Reis como escravos, va- Era vulg.
leo-se do pretexto da paz para soltar,
dar plena liberdade a Aeyro; permittir
que se casasse; que governasse em So-
berano; que naõ parecesse hum fan-
tasma, mas deposito real da Magef-
tade.

Entaõ os póvos barbaros, que saõ
barbaros em quanto a nós pelas idéas
baixas que delles concebemos, quando
no seu fundo saõ bem capazes de esti-
mar a virtude, e de lhe dar o seu pre-
ço verdadeiro; elles o mostráraõ ago-
ra nas meditações da probidade de An-
tonio Galvaõ, que os encheo de assom-
bro; que os deixou occupar de con-
fiança para fiarem tudo do seu mere-
cimento. Huma confiança semelhante
á dos Sabinos com os Romanos, que
fazia parecer Portuguezes, e Ternate-
zes hum mesmo Povo, e hum só os
interesses de ambos. Com complacen-
cia geral se vio entaõ derramada em
Ternate a Civilidade Portugueza nos
edificios, na cultura, nas Artes, nos
costumes, em fim parecendo a Ilha hu-
ma Provincia do Continente de Portu-

Era vulg. gal: próva evidente, naõ só da força do bom exemplo, mas de quanto he facil a huma conducta edificante reparar os desmanchos da relaxaçaõ, que tendo origem na enormidade do vicio, este naõ póde deixar de esconder a cara, quando se lhe faz face com o seu contrario a virtude.

Com os Castelhanos, que naõ se podiaõ conter sem nos repetirem as visitas nas Molucas, mostrou o Galvaõ a grandeza da sua alma. Fernaõ Cortez o Conquistador do Mexico nos mandou mostrar duas Náos, que sahiraõ da Nova Hespanha. Os tempos grossos as arrojáraõ á Ilha de Tidore, aonde as suas gentes esperavaõ encontrar azilo taõ seguro, como os passados, ignorantes dos obsequios, que ella rendia ao novo Chéfe de Portugal em Ternate. O Rei de Tidore, em-quanto avisava ao Galvaõ da sua chegada, lhes negou a entrada do porto: ultima das suas infelicidades, que obrigou as Náos a vararem em terra, e desfazer-se nos cachopos, escapando do naufragio a menor parte dos homens. A gente de Tido-

dore os tomou como cativos, e os enviou ao Galvaõ, para que dispozesse delles ao seu arbitrio. Na humanidade do Chéfe encontrárao elles taõ delicada a caridade, a hospitalidade taõ condescendente, que só a differença do Clima os fazia crêr, que naõ estavaõ em Hespanha.

Era vulg.

A nova tempestade de huma guerra dobrada, que se levantou nas outras Ilhas, desafiou as attenções de Antonio Galvaõ, para que ella naõ perturbasse a formosura da paz em todas as Molucas. O primeiro incendio se levantou em Java, Banda, Macaçar, e Amboino atiçado pelos Mercadores, que sentindo alterado o comercio do cravo, se dispozeraõ a sustentallo com as armas. O Galvaõ se determinou a abafar a faisca, antes que se levantasse lavareda. Elle manda ás Ilhas inquietas a Diogo Lopes de Azevedo com quarenta Portuguezes, e 400 homens de Ternate, e de Tidore. Diogo Lopes encontrou os inimigos conjurados em Amboino. Elle os bateo com tanta corage, que lhes tomou todos os navios,

Era vulg. a sua artelharia, fez muitos prisioneiros, dissipou-os, e com hum golpe fundo acabou a guerra de repente.

Preparava-se a segunda tempestade nas Ilhas do Moro. Elle a prevenio, ordenando ao zeloso Padre Fernando Vinagre, que representando o cargo de General de huma pequena Esquadra, com outros 40 Portuguezes, e vários homens da terra, fosse vibrar a espada secular com a mesma dexteridade, com que manejava a lança penetrante da palavra divina. Elle executou as idéas do nosso Chéfe, como tinhaõ sido pensadas. Como os inimigos o esperavaõ, o valeroso Padre os combateo, lhes matou o General, e metteo em derrota. A victoria teve por consequencia o rendimento das Ilhas rebeldes. Entaõ embainhadas as armas, o Padre Vinagre entrou a derramar nellas as doçuras de Apostolo; a pisallas com os pés especiosos, que evangelisaõ a paz, e a bondade; a tomar para si as almas, deixando tudo o mais para os outros, como idéa unica, que elle sabia dominava a Antonio Galvaõ, sem-

ſempre ambicioſo de multiplicar os lu- cros na ſementeira do campo da Igreja. He verdade que as conversões ſe faziaõ com rapidez; que o General ſe accommodava a ellas com eſpirito mais militar, que theologico; mas elle naõ podia dilatar a complacencia, que lhe cauſava a preſſa, com que todas as Molucas ſe aliſtavaõ a ſervir debaixo das bandeiras do Redemptor.

Era vulgar

Via o piedoſo General, que a torrente arrebatada de zelo levava as chamas ateadas neſtas Ilhas ás dos Celebes, de Mindanao, e outras adjacentes. Sim diſcorria que a carreira por agitada poderia parar opprimida: mas para naõ esfriar o ardor, edificou á ſua cuſta hum Seminario, aonde as Mocidades das Ilhas illuminadas aprendeſſem, e ſe confirmaſſem na crença dos Dogmas Catholicos para depois ſerem ellas os Catequiſtas das ſuas Pátrias. Elle foi o primeiro, que na India deo principio a eſtas ſórtes de fundações taõ uteis á ſociedade: ella a ultima, que acabou de render todos os corações em ſeu obſequio. Entaõ no

meio

Era vulg. meio do gosto os atacou a agonia, de que o Galvaõ hia acabando o seu tempo: que o viria substituir algum genio com semelhanças dos passados: que esta perda para todas as Ilhas era irreparavel. Sentimentos de amor, que obrigaraõ os Ilheos a mandar Deputações ao Governador da India, e ao Rei de Portugal para prorogarem o governo de Antonio Galvaõ. Mas o seu successor já se fazia prestes para o ir render; e nós o deixaremos na sábia, e pia administraçaõ do seu cargo, até chegar o tempo de fallarmos na sua despedida das Molucas.

CAPITULO III.

Successos de Africa neste anno de 1537, e continuaõ os da India no mesmo anno.

A POTENCIA dos Xerifes em Africa tinha sobido ao estado eminente, que nós em várias partes havemos referido. A do Rei de Sus, irmaõ menor do de Marrocos, depois que o anno passado

nos

nos conquistou a Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer, como tambem deixamos dito, desafiou o ciume do de Marrocos, que desejava romper com o irmaõ victorioso. Daqui nasceo a ordem arrogante, com que lhe mandava fosse em pessoa dar-lhe do successo do sitio, e da victoria sobre a Villa de Santa Cruz, huma relaçaõ individual para regularem a partilha dos despojos: ordem, que o Rei de Sus naõ quiz executar, e que foi origem do principio de discordia entre ambos. Cide Aral, Caciz bem reputado, fez o officio de medianeiro, e conseguio que os irmãos se avistassem com semblante de pacificos no meio da distancia, que ha entre Tarudante, e Marrocos. Elles se avistáraõ, cada qual na frente de 500 cavallos; mas o de Marrocos, que foi o primeiro nos abraços, quiz dar com o de Tarudante em terra.

Em volg.

Este, que era mais forçoso, o levou nos ares, derrubou-o, e fazendo a acçaõ de que o degollava, se contentou com dizer-lhe: Ainda tu, meu irmaõ, naõ perdeste os costumes de trahidor?

Era vulg. dor? Como te enganas comigo, sabendo que eu te conheço. O de Marrocos lhe respondeo: Que elle era o que vinha determinado a matallo; mas que com a sua corage lhe abateria a soberba. Sem se dizerem mais palavra montáraõ a cavallo, e se recolhêraõ aos seus Estados respectivos. O de Marrocos naõ se demorou em declarar a guerra com felicidade nas primeiras escaramuças, que o animáraõ para arriscar o Imperio á sórte de huma batalha. Naõ podia o Rei de Sus pôr dúvida em acceitalla, depois de haver promettido á sua gente, que elle raparia as barbas, senaõ trouxesse a seu irmaõ preso para Tarudante. Á vista estavaõ os dous Exercitos promptos a atacar-se, quando os discursos dogmaticos de huns Cacizes piedosos os obrigáraõ a depôr a cólera, a abandonarem o campo de Montes Claros, e recolher-se inteiros aos seus Dominios.

Nós ignoramos se neste anno, ou em algum dos seguintes até o de 1539, foi o sitio, que dizem posera o Xerife de Marrocos á praça de Çafim com

hum

hum Exercito de 100$000 homens. Da mesma sórte naõ sabemos quem governava então a Cidade; porque em Africa tudo eraõ descuidos. Tanto crescêraõ os trabalhos dos inimigos, que em poucos dias chegáraõ as trincheiras á pórta de Almedina. A praça necessitada de tudo pedio soccorros a Portugal, e teve de postar as mulheres nas muralhas com fardas de Soldados para mostrarmos, que nella havia gente. A sua corage desmentio a fragilidade do sexo, taõ constantes nos perigos, que o chuveiro das ballas naõ as fazia mudar os pés dos lugares, em que huma vez os firmavaõ. Entre as muitas batarias, que laboravaõ sem descanço, incomodava muito á Cidade hum canhaõ monstruoso, que huns dos nossos artelheiros teve a fortuna de fazer em pedaços, mettendo-lhe huma balla pela bocca. Desesperou o Xerife com este successo; manda arrimar as mantas, e picar a muralha. Os nossos acodiraõ com tal quantidade de materias inflammaveis, que mantas, e homens ficáraõ feitos em cinza.

Era vulg.

Quan-

Era vulg.

Quando se via no maior aperto huma Cidade falta de todo o necessario para defender-se, apparecêraõ humas Fragatas de Azamor, que mandava Samuel, Judeo valeroso de Valença. Pela figura da praça a suppoz sitiada, e resolveo-se magnanimo a soccorrella. Atropellando perigos, entrou nella com a sua gente, e notando a manobra dos inimigos, disse ao Commandante que era necessario fazer huma sahida para se informar com os olhos dos movimentos, que dalli naõ alcançava a vista. No dia seguinte pedio ao mesmo Chéfe mandasse abrir no muro huma pórta muito estreita, aonde fez plantar quatro canhões: sahio por ella nas horas do maior silencio com cem homens bem providos de alcanzias, panelas de polvora, e outros instrumentos de fogo: cahio sobre os Mouros ao tempo, que dormiaõ a sésta: o estrondo das linguas, que levantavaõ os incendios os acorda; mas o ardor do ferro dilata a grande numero mortal o somno. Ao clamor dos agonizantes acode o Xerife com o grosso

ſo do campo, e porque entende que Era vulg. huma pórta taipada ſe havia aberto para eſta ſahida, endireita ſobre ella a marcha.

O Samuel ſe retirava matando, quando o Xerife, que ſe encontrou com a pórta fechada, e duvidava do lugar por onde ſahira; elle torce os paſſos, buſca-o, e de tropel o ataca, antes que lhe eſcape. Continuou o bravo homem airoſa a ſua retirada ſem perturbaçaõ, ſem perder hum ſoldado, e recolhido com todos na praça pela pórta deſconhecida, ſervio com várias deſcargas dos quatro canhões atacados a cartuxo aos Mouros apinhados, fazendo nelles hum eſtrago horrivel. Hum feito taõ ſublime, aſſombrou o Rei de Marrocos. Elle entendeo que a praça tinha recebido algum grande ſoccorro, e ſuppondo mais difficultoſa a conquiſta, levantou o campo, aonde em ſeis mezes de continuos aſſaltos naõ póde abrir brecha na conſtancia de poucos Portuguezes. Elle quiz deſpicar depois a ſua affronta; mas nós veremos no tempo proprio

as

Era vulg. as causas, que lhe suspenderaõ a vastidaõ dos designios; porque agora nos chamaõ para a India as revoluções do Reino de Decaõ.

A vasta extensaõ desta Monarquia estava como dividida entre desoito Tyrannos, que o ultimo Rei fizera Governadores de outras tantas Provincias. Elles mesmos entre si se dividiraõ, e destruindo onze, ficaraõ reduzidos a sete, pouco depois a cinco, que eraõ o Hidalcaõ, o Nizamaluco, o Cotamaluco, o Madremaluco, e Melique Verido: usurpadores, que foraõ origens de grandes guerras, em que os Portuguezes tomáraõ partido confórme a figura dos seus interesses. O Hidalcaõ Ismael conservou sobre os outros huma especie de superioridade, talvez adquirida por maior trahidor, que tendo debaixo da sua tutela o ultimo Principe herdeiro de Decaõ, lhe tirou a vida para retalhar com os seus socios os Estados. Elle tinha entaõ hum escravo chamado Çufolarim, o homem mais industrioso, intrigante, e simulado, que se conhecia na sua idade. O

Hi-

Hidalcaõ o fez Accedecaõ, emprego que corresponde ao de Condestavel do Exercito. A este astucioso, e a Melique Ibrahim se attribuio a mórte, que deraõ ao Hidalcaõ com veneno, por hum effeito de agradecidos ao muito, que elle os havia honrado.

Era vulg.

Com lentidaõ hia o veneno produzindo no Hidalcaõ os seus effeitos; mas elle cego do amor pelos seus dous validos, imputou o crime ao Cotamaluco. Sem mais averiguaçaõ, que as suspeitas, elle lhe declara a guerra, e com Exército sem número o ataca na Cidade de Golconda. Quatorze Portuguezes, que Cotamaluco tinha no seu serviço, matáraõ na defensa da praça mais de 20000 homens: na continuaçaõ do sitio perdeo o Hidalcaõ outros 100000, e Cotamaluco lhe mandou de presente dez mil prisioneiros para os enviar com as orelhas cortadas a Melique Verido, que havia dado tratamento semelhante a alguns dos seus vassallos, e o influira para esta guerra. Em fim laborou o veneno, e no mesmo sitio de Golconda morreo

o

Era vulg. o Hidalcaõ. As revoltas, que se seguíraõ sobre a successaõ, as trahições continuas de Accedecaõ contra seu Amo, e as pretenções de Nuno da Cunha sobre as Terras firmes de Goa foraõ a causa da guerra, que tivemos com Accedecaõ, e a da perda de D. Gonçalo Coutinho, como eu aponto no principio do Capitulo passado. No mesmo lugar refiro eu a paz, que o Hidalcaõ atacado de muitos males, o maior a continua perfidia de Accedecaõ, propoz a Nuno da Cunha, e que elle estimou para accodir aos negocios de Dio, que chamavaõ pela sua presença.

Mas a paz com o Hidalcaõ naõ socegou as revoltas do Malabar. O Çamorim de Calecut, que naõ podia estar ocioso, nem dissimular o odio, que concebêra aos Portuguezes, e por sua causa ao Rei de Cochim; com o pretexto de visitar os seus Estados, elle marcha sobre Cranganor com o designio de se apoderar da Ilha de Repelim. Esta tentativa era hum rompimento de guerra, que havia inquietar o Rei de Cochim, e os Portuguezes seus

seus isseparaveis alliados. Pedro Vaz, Governador da Fortaleza, se adiantou a tomar os passos das Ilhas de Vaipim, e Chatua. Immediatamente fez saber ao Çamorim, que se intentasse entrar na primeira destas Ilhas, a elle nada o escusava para deixar de lhe impedir o trajecto. Como elle se moveo sem fazer caso das representações; Vicente da Fonceca, criminoso nas Molucas, já com o espirito em socego por muito honrado na India, que defendia aquelle posto, o fez retroceder com mil soldados de menos. Fernando Annes de Sotomaior, que governava em Cranganor, reforçou o Fonceca com 200 homens em desaseis Fustas; mas o Çamorim sabendo que Martim Affonso de Sousa vinha resoluto a darlhe huma batalha, entendeo prudente que naõ devia esperallo por senaõ expôr ás contingencias.

Era vulg.

Este illustre General se aproveitou da circunspecçaõ do Çamorim para se lançar animoso sobre a Ilha de Repelim, que levou na marcha com derrota das forças do seu Regulo chamado

Rei.

Era vulg. Rei. Elle na fugida perdeo o chapeo, que era devisa real da sua Mageſtade poſtiça, e que por deſpojo eſtimavel foi apreſentado ao Rei de Cochim. Elle piſou aos pés eſta marca da vaidade do ſeu inimigo, como dando a entender que elle perdêra a Coroa com a meſma facilidade, com que largára o chapeo. Martim Affonſo ſeguio a victoria, e abrazou a Cidade Capital, aonde achou ricos deſpojos, entre elles a célebre pedra, ſobre a qual vinhaõ coroar-ſe os Imperadores de Calecut, que recebiaõ a Coroa da maõ do Bramane Maior, ou Sacerdote Summo, aſſim como a recebiaõ os Imperadores de Alemanha da do Pontifice Romano. Neſta pedra ſe viaõ gravados os nomes dos Reis fabuloſos, que haviaõ reinado por eſpaço de mais de tres mil annos; e em humas taboas, ou planchas de metal eſtavaõ eſculpidas imagens de Serpentes. Ellas eſtimadas como hum monumento ſagrado des de a origem de Seculos imaginarios, e que ſe dizia ſerem feitas pelos Imperadores da China, que no

fun-

fundo das idades incognitas se affirmava haverem reinado no Malabar. Era vulg.

A ausencia do Çamorim servio-lhe para se reforçar. Com mais 40000 homens se mostrou elle resoluto a forçar os passos. Martim Affonso, que deixava o de Cranganor impenetravel, foi esperallo no de Cambalaõ. Já elle se encontrou com 50000 homens postados deste lado; mas elles foraõ outras tantas victimas da nossa corage, huma confusaõ renovada para o Çamorim no mesmo lugar, em que o sempre grande Duarte Pacheco Pereira tantas vezes fizera irrisaõ do formidavel poder de Calecut. Parece que este Herói deixou alli gravados para os seus successores os vestigios de invenciveis. Duas vezes fez Martim Affonso retroceder cortadas as trópas do Çamorim. Antonio de Brito, que elle deixou por seu substituto, o forçou a retirar-se seis vezes; oppondo a tantos milhares de homens 400 Portuguezes. Fazem-se incriveis os successos desta guerra. Se nós naõ quizermos que elles fossem partes do nosso valor humano, cha-

Era vulg. memos-lhes com os Escritores Portuguezes milagres divinos.

Naõ só na terra triunfava Martim Affonso. Marcar, Cutial de Calecut, com huma numerosa Esquadra, que junto a Challe bateo, e tomou huma das cinco Fustas do bravo Diogo de Reinoso, o chamou para o mar. O nosso Chéfe, impedindo-lhe montar o Cabo de Coulete, o fez retirar a Tiracol. Dentro deste porto foi Marcar acanhoado huma noite inteira até chegar o dia, que infallivelmente tinha de o entregar rendido nas nossas mãos. A fortuna o favoreceo no maior aperto; porque na mesma noite recebeo Martim Affonso hum expresso do Rei de Cochim pedindo, que sem perda de instantes lhe acodisse na maior consternaçaõ, a que o Çamorim o hia reduzindo. O Chéfe magnanimo abandonou a gloria propria por naõ faltar com os soccorros ao amigo mettido em angustia: mas aqui mesmo dobrou elle a reputaçaõ com tanto maior vantagem, quanta vai de vencer o vassallo a triunfar do Rei em pessoa, que batido pe-

la

la espada de Martim Affonso, deixou derrotado a empreza; e se recolheo corrido a Calecut com tanta vaidade, como soldados. Era vulg.

Para concluirmos com os successos deste Chéfe na guerra do Malabar, nós diremos que nos annos seguintes elle continuou a ganhar victorias sobre o Çamorim, a abater, a abysmar os seus Generaes. Na Ilha de Ceilaõ o Rei de Cota, nosso amigo, e alliado, se vio em grande aperto na sediçaõ fomentada por seu irmaõ Madune Pandar, que com as forças de Calecut sitiava o Principe na sua mesma Capital. Martim Affonso voou no seu soccorro; reconciliou os dous irmãos: perseguio a Alli Hibraim, Comandante da Armada de Calecut, que queria salvar-se fugindo: elle o atraca nos mares de Mangalor, aonde o combate, e o derrota com mórte de 1{Đ}200 homens, com perda de navios, e liberdades.

Como a reconciliaçaõ dos irmãos de Cota foi superficial, ausente Martim Affonso, elles renováraõ a rotura,

Era vulg. e o Çamorim ſoccorreo a Madune com forças dobradas ás ordens de Paté Marcar, o rebelde de Cochim, em que já fallamos. Martim Affonſo torna a apparecer em Ceilaõ, e naõ póde trazer Paté á batalha, que deſejava. Quando hum buſca, o outro ſe retira, até que ſendo o inimigo encontrado na occaſiaõ de eſpalmar os ſeus navios, naõ teve mais refugio, que o de acceitar o combate. Elle foi hum dos mais horrendos, que viraõ aquelles mares. Combate para hum partido de deſejo, para outro de neceſſidade, ambos com motivos para apurarem o valor. O noſſo foi taõ extraordinario, que com partido muitas vezes deſigual, ganhamos huma victoria completa, queimamos muitos navios, apreſamos vinte e tres, tomamos muita artelharia, 1500 eſpingardas, fizemos muitos priſioneiros, abatemos a arrogancia de Calecut, e logo em Ceilaõ a ſoberba de Madune Pandar perjuro, e ſem palavra.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Trataõ-se os successos de Cambaya até a mórte do seu Rei Sultaõ Badur.

CORRIA o anno passado de 1536, e já os negocios de Cambaya mudavaõ tanto de figura, que obrigáraõ a Manoel de Sousa, Governador da Fortaleza de Dio, a mandar a Nuno da Cunha os avisos, que nós dissemos no principio do Capitulo III. deste Livro. Tudo estava de paz em Cambaya depois da retirada dos Mogores; depois da mórte desestrada de Tzarcaõ aos astilhaços de hum canhaõ, que rebentou, quando elle o provava: aquelle Tzarcaõ insolente, e fugitivo de Badur, protegido pelo Rei de Bengala, depois com elle taõ ingrato, que o derrotou, lhe tomou o Reino, foi causa da sua mórte, até pagar com a vida tantas atrocidades. Badur sem inimigos esqueceo todas as obrigações, que devia aos Portuguezes; fingio pretextos

Em vulg. tos já contra Nuno da Cunha, já contra Manoel de Sousa; aquelle, porque naõ lhe déra contra os Mogores os soccorros, que devêra; este porque amparára alguns dos seus vassallos rebeldes. Tudo idéas para metter em obra expedientes, com que tirasse do poder dos Portuguezes a Fortaleza, que lhes concedêra em Dio, com o freio pesado da sua liberdade, sendo hum Rei taõ grande.

O primeiro projecto, que naõ pôde conseguir para levar ao fim os intentos, foi propôr a fabrica de hum muro de divisaõ entre a Cidade, e a Fortaleza. Como este abortou, e as calumnias naõ tinhaõ força para aballar a nossa constancia; elle solicitou em segredo contra nós huma liga geral com os Principes do Indostaõ. O Çamorim, e o Hidalcaõ, poucos officios necessitava elle metter em uso para os attrahir ao seu partido. O seu odio contra os Portuguezes era o agente mais activo da negociaçaõ. O Nizamaluco queria esperar os successos para se encostar ao viva quem reina,

Eraõ

Eraõ muitas as Cortes, em que Badur laborava. Naõ podiaõ todas guardar os segredos, que andavaõ por muitas boccas. Elles chegáraõ aos nossos ouvidos por orgãos differentes, ou attrahidos da amizade, ou escandalisados do horror da injustiça. Da simulaçaõ de Cambaya foi avisado o Governador de Dio por hum rebuçado, que se entendeo ser Medinarraõ, Chéfe da Cidade, ou nosso amigo o Embaixador Xacoer. Das negociaçõ̃es com o Hidalcaõ deo Accedecaõ parte ao Governador da India. Em fim os fervores do vinho de Cambaya regorgitáraõ o segredo, de que Badur mandaria convidar o Governador da Fortaleza para hum festejo, em que lhe tinha de tirar a vida por modos a hum Soberano indignos.

Em vulgo.

Foi Manoel de Sousa avisado da hora, em que Badur o havia chamar á sua presença, e aconselhado se fingisse doente, e se escusasse. Elle ao contrario com corage superior á dos Decios Romanos, com huma corage ou sua, ou inspirada, apenas recebe o reca-

Era vulg. cado, sem querer levar os sessenta homens da sua guarda ordinaria, com hum só criado, e com toda a magnanimidade do coraçaõ posta na cara, entra afouto, e intrepido na antecamara de Badur. Este Principe barbaro tomado da confusaõ covarde, que nasce da perfidia torpe, á vista da sinceridade impavida de Manoel de Sousa, que lhe embota os fios aos punhais, ás espadas, ás lanças; que lhe entorpece as mãos, e faz cahir os braços, elle apenas fica com acordo para lhe dizer: Eu vos chamei para saber de vós se o Governador da India virá a Dio com brevidade. Eu o desejo vêr, agazalhar, e festejar. Manoel de Sousa lhe respondeo o que sabia, e movendo-se com o mesmo ar heroico, se recolheo á Fortaleza com huma gloria, que devia ter por panegyristas aos Curcios, e Livios.

Como as acções de sua natureza sublimes tocaõ com sensibilidade os espiritos grandes, Badur invejoso da de Manoel de Sousa, quiz mostrar-lhe que elle tinha alma para compensar a

sua

sua confiança com outra semelhante. Em huma noite com pequeno sequito foi elle bater á pórta da Fortaleza. Manoel de Sousa a fez abrir. Badur entrou pelo meio de duas alas de 900 homens da guarnição, grande parte delles com luzes nas mãos, seguido só de quatro criados: entreteve-se largo tempo, mas a intenção da visita era tão perversa, que se encaminhava a enganar-nos com a familiaridade para nos descuidarmos no reparo do golpe, que nos preparava. Manoel de Sousa quiz, e não se resolveo a prendello por não ter ordem de Nuno da Cunha, que lho estranhou: prisão, que pouparia a vida que depois perderão ambos, e que aos interesses de Portugal em Cambaya seria incomparavelmente mais vantajosa, que os acontecimentos futuros, com que vamos tecendo esta Historia.

Era vulg.

Em quanto estas cousas se passavão, Nuno da Cunha convidado pelo mesmo Badur para conferirem em Dio negocios de importancia, esperou em Baçaim por Diogo de Mesquita, que el-

Era vulg. elle mandára á Corte de Cambaya para examinar, e o inſtruir a fundo nas intenções de Badur. Como elle tardava, porque eſte Rei o entretinha, o Governador continuou a viagem na formoſa Armada de 400 vélas, em que entravaõ oito Náos do Reino, grandes Juncos de Malaca, quatorze Galeões, muitas Galez, e Galeaças, acompanhado de Martim Affonſo de Souſa, e de Antonio da Silveira, ſeu cunhado. Ao atraveſſar o Golfo encontrou elle a Diogo de Meſquita, que o informou como Badur ficava em Dio; quanto havia paſſado com Manoel de Souſa, e das ſuas intenções ſobre a Fortaleza, que determinava tomar a todo o riſco. Contra todas as evidencias da fraude o Monarca ſimulado mandou muitas vezes ſaber de Nuno da Cunha na viagem, e quando chegou a Madrefaval o regalou com hum grande refreſco, e muitas peças de caça mórtas pela ſua maõ, que tudo ſe lançou ao mar por determinaçaõ dos Fyſicos, que as ſuppoſeraõ envenenadas.

Antes da Armada chegar a Dio,

Ma-

Manoel de Sousa veio huma noite fallar ao Governador para o prevenir a respeito dos trabalhos, que o esperavaõ com o Rei, sobre fingido ingrato, tyranno, e sem palavra, que na mesma noite convocou os seus Grandes para lhe aconselharem o modo de matar a Nuno da Cunha. Presume-se que Xacoez o avisára á mesma hora da trahiçaõ, que estava armada contra elle, e contra todos os Cabos, que o acompanhassem, quando fosse a terra visitar a Sultaõ Badur; que por caso algum sahisse da Armada, se queria conservar a vida. Para os cumprimentos, que o Rei lhe mandava fazer, Nuno da Cunha se metteo na cama como doente. Badur dizendo que entre amigos naõ havia ceremonias, resolveo-se no outro dia visitallo a bórdo para mais o estimular com estas honras a naõ lhe demorar o agradecimento em pessoa. A chegada de Badur quasi de repente sobprendeo o Governador. Hum na cama, outro assentado, ambos emudecêraõ largo espaço: Badur reflectindo pelos movimentos da consciencia

Era vulg.

scien.

Era vulg. ciencia criminosa o perigo, em que se mettêra inconsiderado: Nuno da Cunha meditando nas injúrias da honra, se era decente á fé, e reputaçaõ Portugueza prender, ou matar hum Soberano, ainda que perfido, que em tom de amigo se viera pôr nas suas mãos.

Em discursos vagos se passou pouco tempo, até que chegou hum criado de Nuno da Cunha a dar-lhe hum recado em voz baixa. Badur se altera; o Governador que o percebe, naõ lhe responde: os officiaes occultamente armados esperaõ para se mover ao signal do seu Chéfe: os animos como interdictos estaõ suspensos; mas Badur naõ podendo já sopportar os sustos, elle se levanta accelerado, sahe da camara, e de hum salto se embarcou na sua Fusta. Treze dos seus Capitães mais famosos o acompanhavaõ, entre elles Coge Çofar, e Joaõ de Santiago, chamado em Cambaya Frangis-Caõ, que era hum escravo, que os Portuguezes tomáraõ em Africa: que se fez Christaõ; que depois de nos servir na In-

dia,

dia, de lhe sucederem muitas aventuras, pelas suas raras habilidades estava feito hum grande Senhor em Cambaya com mais de 20000 cruzados de renda.

Era vulg.

No meio da confusaõ, que se agitava, foi ordenado a Manoel de Sousa, que conduzisse Sultaõ Badur á Fortaleza, e o prendesse. Aos officiaes ordenou Nuno da Cunha, que nos navios ligeiros seguissem o mesmo Chéfe, e executassem quanto elle lhes determinasse. O Rei advertido por Frangiscaõ do seu perigo, fazia vogar a toda a força. Manoel de Sousa, que hia em huma Fusta muito ligeira, lhe pôz a proa, e saltou dentro com Diogo de Mesquita, Pedro Alvares de Almeida, Antonio Correa, e alguns criados. Com estes Fidalgos se travárao os Capitães de Badur, e elle arrojou ao ar huma seta, que era o signal de rompimento de guerra entre os Orientaes, e deo ordem aos seus para matarem a Manoel de Sousa. Diogo de Mesquita, que o ouvio, lhe descarregou huma cutilada na cabeça. Ferido se lan-

çou

Era vulg. çou Badur a Manoel de Sousa, e na força da luta ambos foraõ ao mar, aonde pelo peso das armas se sumio o nosso Chéfe sem mais apparecer: perda sensivel de Fidalgo tamanho, ainda maior nas virtudes, que na qualidade, que recebêra de seus Pais Gonçalo de Sousa, e D. Violante de Tavora. Pedro Alveres de Almeida tambem acabou valeroso depois de haver com os companheiros dado a mórte a sete dos Capitães de Cambaya. Diogo de Mesquita com Antonio Correa, e os criados se salváraõ nadando em duas das nossas Fustas.

Sultaõ Badúr, Monarca potentissimo, fluctuava sobre as ondas como irrisaõ da fortuna, hum espectaculo tocante da miseria das cousas caducas. Elle trabalhava por ganhar a terra; mas a corrente da maré, que descia, o levava para o mar. Ja sem alentos, sentindo pela fadiga sobmergir-se, teve acordo para se pegar a hum dos remos da Fusta de Tristaõ de Payva; que correo para o recolher. Naõ lhe servio a diligencia; porque hum homem

mem vil, baixo Portuguez, temerario, e sem respeito a huma Testa Coroada, ainda que dizem, que o naõ conhecêra, o atravessou duas vezes com hum chuço, levou-o a corrente, e desappareceo o cadaver do infeliz Sultaõ Badur, do grande Rei de Cambaya, que pela mistura das suas boas, e más qualidades se fez hum grande homem; que pela vastidaõ longa dos seus Estados merecia o respeito correspondente á dignidade de grande Principe.

Era vulg.

Os famosos Capitães Coge Çofar, Carecen, e Frangis-Caõ tambem lutavaõ com as ondas abertos em feridas. Çofar foi recolhido por Antonio de Sotomaior, e por seu irmaõ Diogo de Reinoso a pesar dos soldados, que queriaõ degollalo: Carecen ferrou a terra com trabalho: Frangis-Caõ chegou á praia do baluarte do Cais, e chamou para lhe acodirem no seu estado deploravel; mas os Portuguezes, que o conhecêraõ, e viraõ que naõ podia mover-se, o cobriraõ de pedras, e com morte cruel despacháraõ do mundo este espantalho de tantas differentes aventu-

Era vulg. turas. A eſte tempo chegavaõ tres fuſtas de Mangalor em ſoccorro de Badur: ſoccorro, que achou o mar coberto dos noſſos navios, e bateis, que as fizeraõ em cinza, e ao pôr do Sol ſe acabou a acçaõ, em que perdemos oito homens, e tivemos 40 feridos, muitos delles das ſettas, que com deſtreza notavel deſpedia hum criado de Badur Abexim de naçaõ.

Da Capitania via o Governador a refrega ſem ſaber o que nella ſe paſſava. Os moradores de Dio ſobre as muralhas eraõ teſtemunhas oculares do eſpectaculo de horror, em que os ſeus olhos preſenciáraõ o maſſacro cruel do ſeu Soberano ſem o poderem ſoccorrer: viſta horrivel, que depois de hum aſſaſſinato taõ barbaro os deixava fóra da eſperança de poderem ſobſiſtir: que occupados de imaginaçóes funeſtas, apenas lhes permittíraõ acordo para huma fugida precipitada, taõ cega, e rapida, que ſobre abandonarem quanto ha no mundo de amavel, á ſahida das pórtas muitos ſe eſmagáraõ, encontrando no medo a meſma mórte, de que fu-

fugiaõ. Nuno da Cunha, já bem informado, usou de vários expedientes para remediar estas desordens. Elle fez publicar hum bando com pena de mórte contra os Portuguezes, que tirassem da Cidade o menos importante despojo: mandou assegurar franqueza plena aos Capitães dos navios, que estavaõ no porto: poz em liberdade a Coge Çofar, para que este fosse á Cidade, e com o seu grande respeito obrigasse os moradores a voltarem para ella, lhes desterrasse o temor panico, o escusasse na mórte de Badur, que lhes devia propôr como hum accidente casual, a que o mesmo Badur déra a origem, sem designio algum premeditado da parte dos Portuguezes.

Era vulg

Nuno da Cunha veio a terra, e se apoderou do Palacio Real, dos Arsenaes, dos Armazens, de 120 navios, de joias infinitas, de moveis preciosos, de artelharia em quantidade, de munições, e viveres immensos, de riquezas de hum Rei de Cambaya. Em dinheiro naõ se acháraõ as somas, que se esperavaõ, ou fosse porque Badur

Era vulg. havia mandado hum thesouro para Meca, ou porque a Rainha tivesse outro em Novanager, ou porque os seus Generaes divertiraõ, e seguráraõ a tempo o que elle trouxéra para Dio. Sem demora mandou o Governador Emissarios para consolarem a Rainha na mórte de seu filho; para o escusarem na causa della; para lhe fazerem os cumprimentos de pezames; mas a Rainha naõ se considerava em situaçaõ de acceitar nem cumprimentos, nem escusas de Nuno da Cunha. Ella fugio com as suas gentes, e thesouros de Novanager sem responder a civilidades coradas, que sem demencia naõ podia estimar sincéras, quando as encontravaõ os effeitos.

Tiveraõ os nossos Chéfes por grande fortuna apparecerem na Secretaria de Estado de Sultaõ Badur papeis, que provavaõ, como elle contra os Portuguezes pedíra soccorros ao Turco, e negociava em seu prejuiso por todas as Cortes do Indostaõ. Com estes papeis tremolando nas mãos de Coge Çofar, entaõ nosso officioso apparente,

como tropheos do triunfo sobre Badur, nós quizemos justificar o barbaro attentado, desculpar a nossa conducta, fazer menos horrivel a fealdade da sua mórte. Elles poderiaõ causar alguma impressaõ nos espiritos escuros; mas os illuminados haviaõ clamar, que pretexto algum podia justificar attentado taõ atroz como o da mórte de hum Soberano, que de qualquer Religiaõ, genio, e condiçaõ, que elle seja, se deve estimar como Ungido de Deos, Christo do Senhor, Vice-Gerente do Altissimo; epithetos sublimes, que o Espirito Supremo dá nas Escrituras Divinas aos impios, barbaros, e Idolatras Nabuco, e Cyro. Em fim, Coge Çofar tudo adoçou como bom politico: nós o veremos logo o primeiro vingador do sangue de Badur, como nosso contrario.

Era vulg.

CAPITULO V.

Continuaõ os successos de Cambaya depois da mórte do Rei Sultaõ Badur.

Era vulg.

AO TEMPO que acontecia em Dio o catastrophe, que acabo de rèferir, assistia em huma quinta de Melique o Principe Mir Mahamet Zaman, que alcançou de Badur o azilo de Cambaya, quando foi lançado do Reino de Delli, que os seus antepassados haviaõ possuido. Como Principe grande no nascimento, e pela representaçaõ de irmaõ da Rainha dos Mogores, elle esperava occasiaõ de reentrar na posse de parte dos Reinos usurpados, se lhe fosse possivel dethronar algum dos intrusos Tyrannos. Pública em Cambaya a noticia da mórte de Badur, entendeo Zaman, que elle tinha direito para se aclamar Rei pela razaõ, de que Cambaya havia sido antigamente parte do seu Reino de Delli. Com este designio, auxiliado por 2000 Mogores, veio

veio á Cidade de Novanager, duas legoas distante de Dio, e começou a chamar-se Rei do Guzarate. Elle se apresentou á Rainha Mãi de Badur, que entaõ só cuidava em se pôr longe da vista dos Portuguezes sem se embaraçar com as pretenções de Zaman.

Era vulg.

Como lhe faltou este amparo, o novo Rei buscou o recurso do Governador da India para se firmar na sua alliança por meio de vantajosas promessas. Ellas naõ consistiaõ em menos, que ceder á Coroa de Portugal a Cidade de Mangalor com o grande número de Villas, e Aldêas da sua Comarca: em lhe largar Damaõ com todas a Tanadarias, e vasto terreno até Baçaim: em nos mandar entregar todos os navios de Cambaya, que andavaõ por fóra, quando chegassem aos portos: em naõ consentir que na Monarquia se fabricassem embarcações de guerra, com outros interesses semelhantes, de que se formou o Tratado de paz, e alliança entre elle, e o Estado da India. No espaço breve de cinco dias se concluio este grande nego-

cio,

Era vulg. cio, que seria para nós de altas consequencias, se Zaman se postasse logo em campanha, como Nuno da Cunha lhe aconselhava, para se sustentar no Throno, que necessariamente havia ser aballado por algum pretendente poderoso em huma conjuntura taõ critica.

O Governador, que desejava recolher-se a Goa, porque já naquellas partes declinava o Veraõ, fez reparar a Fortaleza, que encarregou á corage magnanima de seu cunhado Antonio da Silveira, irmaõ do Conde da Sortelha D. Luiz, o primeiro valído d'El-Rei, e seu Guarda-Mór, com a guarniçaõ de 800 homens, que pouco depois pelas suas façanhas obradas em Dio ás ordens deste Chéfe, enchêraõ os cem orgãos da Fama. Antes da sua partida teve Nuno da Cunha o gosto de vêr o célebre Velho, na Asia outro Joaõ dos Tempos, que deo todas as próvas de ter 335 annos de idade: que ainda tinha dous filhos, hum de doze annos, outro de noventa: que affirmava haver mudado os dentes cinco vezes: que se fez admirar pela sua sim-

pli-

plicidade, juifo, e memoria: que pedio, e o Governador lhe concedeo a tença de cruzado, e meio cada mez, que os Reis de Cambaya lhe davaõ para a sua paſſagem, e que ainda viveo até o anno de 1547; mas morreo.

Era vulg.

Naõ podéraõ ſopportar os Grandes de Cambaya o horror, de que Mir Mahamet Zaman ſe alliaſſe com os matadores do ſeu Rei Badur, e reſolvêraõ-ſe a affogar-lhe as idéas no berço. Elles ſe ajuntaõ na Corte de Amadaba, aonde eſtava o minino Soltaõ Mamud, filho de hum irmaõ de Sultaõ Badur, e o elegem por ſeu Rei. Para ſeus Tutores foraõ deſtinados tres Principes poderoſos, que eraõ o Madre Maluco, genro de Çofar, Driarcaõ, e Alucaõ, Turcos poderoſos em Cambaya. Zaman naõ marchando logo ſobre os ſeus inimigos, como Nuno da Cunha lhe perſuadíra, deo-lhes tempo para ſe prevenirem, para elles o buſcarem, para o vencerem, e lançarem de Cambaya. Por ultimo refugio ſe valeo Zaman da protecçaõ de ſeu cunhado o Rei dos Mogores, que

lhe

Era vulg. lhe conferio o Reino de Bengala, aonde o ſeu dominio tambem teve pouca duraçaõ.

1538 Em Goa foi o Governador informado da deſgraça de Zaman; de que Mamud eſtava pacifico Rei de Cambaya, já querendo pedir contas a Antonio da Silveira da mórte de ſeu Tio Badur: projecto, que naõ podendo entaõ levar avante, elle o obrigou a propôr huma paz ſimulada, que o Silveira naõ quiz acceitar ſem as meſmas condições do Tratado, pouco antes feito com Zaman. Bem ponderou Nuno da Cunha: que o novo Rei, menos pelo deſaggravo da mórte de Badur, que pelo ſeu proprio intereſſe, elle naõ quereria perder hum retalho taõ rico do ſeu Reino, como era a Ilha de Dio. Occupado deſtes penſamentos ſe reſolveo a voltar a ella logo que chegaſſem as náos do Reino, que neſte anno foraõ cinco, mandadas por Jorge de Lima, que trazia ás ſuas ordens os Capitães D. Fernando de Lima, Lopo Vaz Vogado, D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde

Al-

Almirante, e Martim de Freitas. Estes dous ultimos Cabos vinhaõ com ordem da Corte para irem a Dio descarregar a gente, e munições, que traziaõ para reforçar a nova Fortaleza, de que El-Rei tivéra noticia por Diogo Botelho, como com effeito executáraõ.

Era vulg.

Sabendo o Governador, que sem embargo da guerra naõ se haver declarado em Dio, a Corte de Cambaya estava desconfiada, o commercio roto, e que o Graõ Turco preparava em Suez huma poderosa Armada para vir sobre a Fortaleza; elle se embarcou em outra de 80 náos, e foi regular os negocios respectivos á ameaçada Ilha, e pôr a Fortaleza em estado de fazer vigorosa defensa. Entaõ se fez a famosa cisterna para recolher a agua, que era na praça a sua mais sensivel falta: levantou o baluarte da Villa dos Rumes para segurança dos Officiaes da Alfandega: reparou humas obras, e mandou se fizessem outras de novo, sendo Coge Çofar o agente, que entaõ se desvelava sobre todos nas nossas vanta-

gens,

Era vulg. gens. Para se informar dos designios dos Turcos, e melhorar de fortuna a D. Fernando de Lima, o mandou com huma Esquadra ao Mar Roxo com regimento de ir invernar a Ormuz, aonde acharia deposto do governo a D. Pedro de Castello Branco, e lhe succederia nelle, por ser mais rendoso, que o de Goa, em que viera provido.

Este Fidalgo des de Ormuz, e El-Rei de Lisboa avisárão ao Governador da India das disposições dos Turcos no Cairo, e em Suez. Ellas tiverão origem nas negociações de Çafar-Cão, aquelle Mouro, que Sultão Badur, quando se vio apertado dos Mogores, mandou a Meca com a Rainha sua mulher, com grande parte dos seus thesouros para merecer por elles a protecção do Grão Turco. Çafar-Cão tratou amizade em Meca com o Baxa Solimão, que o fez transportar a Constantinopla, aonde foi attendido dos Ministros do Turco. Nada executou o Mensageiro de Badur, nem descobrio ao Imperador Selim os thesouros, que levava, senão depois da mórte do mes-

mo

mo Badur. Ella se fez pública por huma carta, que o simulado Coge Çofar escreveo ao Rei de Zebit, em que lhe pedia metesse em obra todos os seus esforços para conseguir de Selim enviar a sua Armada de Suez a Dio para vingar aquella mórte com a tomada da Fortaleza, donde lhe ficavaõ faceis as expedições para lançar os Portuguezes da India.

Era vulg.

Foraõ entaõ abertos os cofres de Badur na presença de Selim, que formou huma alta idéa da riqueza de Cambaya: taõ alta, que ficou nella resoluta, naõ a vingança da mórte de Badur, mas a conquista do Reino, que em huma parte do thesouro do Principe mostrava soberba a sua opulencia. Com o pretexto de soccorrer ó novo Rei contra os Portuguezes, o mesmo Solimaõ, Baxá do Cairo, foi nomeado para General da expediçaõ, mais pelas intrigas do Serralho, que pelos merecimentos da pessoa. Elle era hum velho de 80 annos, de naçaõ Grego, natural da Morea, hum Eunuco horrorosamente feio, que por isso escolhido pa-

Hist. vulg. para Guarda-Damas do Turco mereceo estimações na Corte. Mais torpe que o corpo era a fealdade da alma deste homem abandonado a huma brutalidade dominante, que o deixava vêr mais deshumano, que as mesmas féras. Com poderes plenos, e independentes lhe foraõ encarregados os aprestos de huma Armada de 70 velas, em que embarcou 7000 homens entre Genizeros, e Mamelucos. Entaõ se servio este monstro das atrocidades mais enormes, de proscripções, roubos, effusões de sangue por todo o Egypto, sem lhe escapar a dignidade de David, Rei da Thebaida, que elle pendurou em huma forca por premio de aprromptar ás suas ordens tudo o que delle pretendeo.

Em quanto a Armada Turca naõ sahe ao mar, demos nós huma volta á Ilha de Dio. Depois que partio della para Goa o Governador Nuno da Cunha, Coge Çofar continuou a servir-nos com as apparencias bem coradas de bom amigo, em quanto a sua sagacidade dispunha os meios de se escapar

com

com a sua numerosa familia para o continente de Cambaya. Depois de seu filho Rumecaõ á vista de todos vadear o passo da Ilha em hum cavallo soberbo, o Pai continuou a enganar o Governador Antonio da Silveira, attribuindo a fugida do moço á acçaõ sua, e firmando as próvas da fidelidade pessoal na importancia dos generos, que carregava á sua custa em huma náo para Meca. Tal foi a industria de Çofar, que nella fugio para Surrate com toda a sua casa, e fazenda. Passou logo para a Corte de Amadaba, aonde foi recebido com grandes honras por Sultaõ Mamud, e com as mesmas achou já tratado a seu filho Rumecaõ. Passados poucos dias pedio Çofar audiencia a El-Rei na presença dos seus Officiaes, e Conselho, e sendo-lhe concedida, lhe fez a falla seguinte:

Era vulg

Naõ concebais, Senhor potentissimo, contra mim a idéa, de que o haver-me demorado até agora em Dio entre os perfidos Portuguezes, foi crime, ou falta de fidelidade á memoria do grande Badur, que me honrou,

me

Era vulg. me enriqueceo, me fez o homem que ſou. Eu tinha naquella Praça todas as prendas as mais eſtimaveis. Se eu as abandonaſſe a inimigos inflexiveis, e vieſſe buſcar-vos com a peſſoa, que ſerviços poderia fazer-vos faltando-me a familia, as riquezas, a mulher, e os filhos? De neceſſidade havia eu diſſimular até pôr tudo em cobro, como o conſegui, para vir mais habilitado offerecer-vos a caſa, os cabedaes, o ſangue, e a vida, que tudo quero ſacrificar em deſaggravo da mórte affrontoſa do Rei voſſo tio. Ha de ſer poſſivel, que fiquem impunidos os ſacrilegos temerarios, que com tanta perfidia priváraõ da vida ao maior Monarca do Oriente? E em que conjuntura ſe arrojáraõ elles a eſte aſſaſſino barbaro? Naõ foi quando Badur, eſquecido da ſua grandeza, como amigo fiel fez ao ſeu Chéfe a honra de o viſitar em peſſoa? Sois vós capaz de naõ ſacrificar todo o poder de Cambaya ao deſpique da rotura eſpantoſa de tantas leis ſantas naquelle ſó acto da barbaridade Portugueza?

Naõ

Naõ se diga no mundo que estes monstros acantonados no ultimo Occidente, fechados em Dio entre quatro paredes, daõ leis ao vosso Imperio, devaçaõ os vossos mares, perturbaõ o vosso Commercio, estragaõ a vossa Religiaõ, fechaõ os transitos á piedade, que vai render cultos, respirar aromas de devoçaõ á santa casa de Meca. Depois disto, o sangue de Badur naõ clama vingança? A sua alma na presença de Mafamede naõ ha de conseguir delle, que abençoe as vossas armas para aquella vingança; para arrancares da Asia estes escandalos do Alcoraõ? Grande Mamud, he tempo de mostrardes quem sois; e no conceito da gente polida nada sereis, senaõ marchais já para Dio pedir contas aos Barbaros da mórte de Badur. Marchai, que entra o Inverno, em que elles naõ pódem ser soccorridos: marchai a restaurar em Dio o melhor porto da vossa Monarquia, o mais seguro para a navegaçaõ de Meca: marchai, que huma Armada poderosa de Turcos vem em vosso soccorro, como me avisa o

Era vulg.

Rei

Era vulg. Rei de Zebit : ſobre tudo marchai a vingar o ſangue de Badur ; e porque naõ entendais, que vos convido a marchar ficando eu, eu ſou o que hei de ir na voſſa vá-guarda com mil cavallos, e tres mil infantes, pagos á minha cuſta, e na voſſa caixa militar a parte mais groſſa dos meus avultados theſouros para vós pagardes outros muitos. « Sultaõ Mamud ouvio attento, agradeceo officioſo, acceitou benevolo as offertas de Çofar, e ficou reſoluta a guerra contra os Portuguezes em Dio, que intrépidos a eſperavaõ.

CAPITULO VI.

Eſcreve-ſe o primeiro ſitio de Dio, que defendeo o grande Antonio da Silveira.

LOGO que El-Rei ſoube em Lisboa da Armada de Turcos, que ſe preparava em Suez contra Dio, nos principios de Outubro do anno paſſado mandou ſahir cinco náos de ſoccorro pa-

para a India, já regulados os seus destinos, que eraõ a náo de Diogo Lopes de Sousa, o Traquinas, para Goa, a de Fernaõ de Castro para Ormuz, a de Fernaõ de Moraes para Dio, e as duas dos dous irmãos Aleixo, e Henrique de Sousa Chichorro para Moçambique, pelo receio, de que por todas estas partes passassem os Turcos. Em quanto estès Officiaes navegavaõ para para os lugares, que traziaõ em regimento, as trópas de Cambaya se moviaõ em demanda da Ilha de Dio, e Coge Çofar com o corpo de gente, que promettêra cobrindo a vã-guarda de Alucaõ, que marchava no centro do Exercito. Entrava o mez de Junho, quando elle partio de Amadaba para Novanager, donde haviaõ sahir os destacamentos destinados para forçarem os passos da Ilha.

Era vulg...

Já a este tempo o Baxá Solimaõ navegava a vélas cheias para a India; mas deixando vestigios atrozes de crueldade pelas paragens do seu transito. A primeira foi metter a remo 400 soldados, que naõ podiaõ deixar de sen-

Era vulg. tir hum tratamento taõ indigno. Para os foccegar mandou cortar a cabeça a 200. Chegou á Cidade de Judá respirando arrogancia. O Governador, que lhe conhecia a ferocidade, se embrenhou nos bosques para escapar á furia. O miseravel Rei de Zebit, que se facilitou a vêllo, pagou a confiança com a cabeça. O de Adem foi outra victima do furor do Tyranno. Depois delle receber os refrescos, que lhe mandou este pobre Principe; depois de o fazer acceitar na Cidade como enfermos soldados destinados á carnagem; promettendo-lhe a boa fé em huma entrevista, o mandou enforcar com todos os Fidalgos da Corte. Assim se ensaiava o barbaro para descarregar na garganta dos Portuguezes o golpe, que a Providencia tinha reservado para a sua.

Antonio da Silveira naõ se poupava á diligencia para sustentar os passos da Ilha, conduzir-se em tudo por hum tom taõ heroico, que vencedor, ou vencido enchesse o mundo de assombro. Elle ajuntou todos os provimentos de guerra, e bocca; desarmou os

Mou-

Mouros da Cidade; aperfeiçoou as obras da Fortaleza; esperou intrepido por qualquer das fortunas. Çofar se avançou em huma madrugada a atacar o baluarte da Villa dos Rumes, aonde estava Francisco Pacheco com vinte homens. Tres vezes o investio Çofar com valor; mas outras tantas foi repellido com perda, e elle teve a de huma das mãos, que lhe levou huma balla de arcabuz: incidente, que o esfriou no avance, donde se retirava mortal, quando chegou Antonio da Silveira com 200 homens. Porque este Chéfe advertido entendeo que o repelaõ de Çofar era industria para Alucaõ vadear os passos, mandou a Lopo de Sousa, que se postasse com a sua gente sobre o muro da Cidade da parte do Continente para flanquear o seu fogo.

Era vulg…

Elle sustentou os passos todo o mez de Julho; mas ja curado Çofar da sua ferida, com estimulos novos se dispõe a investillos sem fazer caso do baluarte dos Rumes, que taõ mal o hospedára. Elle postou as suas trópas na

Era vulg. frente do que guardava Lopo de Soufa Coutinho. Alucaõ paſſou avante com 15ↀ000 homens, que dividio na face dos de Gonçalo Falcaõ, de Luiz Rodrigues de Carvalho, e na paragem em que Antonio da Veiga, e Franciſco de Gouvea tinhaõ os ſeus navios. Muitos dias ſuſtentáraõ eſtes Capitães os ſeus poſtos; mas Antonio da Silveira conſiderando-ſe inferior em número de gente aos inimigos, perdidas algumas embarcações, que defendiaõ o canal; mandou recolher as munições, artelharia, e ſoldados á Fortaleza, abandonou a Ilha, e a Cidade, aonde Alucaõ, e Çofar foraõ recebidos como redemptores do Povo, que já lhe parecia vêr rotas as cadêas da eſcravidaõ, e ſacodido o jugo eſtrangeiro, que depois da mórte de Badur lhe era taõ peſado.

Sem perda de inſtantes applicou Antonio da Silveira todos os ſeus cuidados á defenſa da Praça, que tinha de ſer theatro brilhante das ſuas façanhas, ou ſepulchro glorioſo das ſuas cinzas. Elle encarregou o baluarte S. Thomé a Gon-

Gonçalo Falcaõ com 50 ſoldados: o da entrada da cava a Gaſpar de Souſa com o meſmo número: o da porta ao Alcaide-Mór Payo Rodrigues de Araujo: os do lado do mar, como menos expoſtos, fiou a ſoldados de capacidade; e a Lopo de Souſa Coutinho entregou ſeſſenta homens para eſcoltar a gente deſtinada a carretar agua, e lenha para a Fortaleza. O reſto da guarniçaõ bordava a muralha para acodir, aonde a neceſſidade o pediſſe. Sem embargo que do dia 14 de Agoſto em diante principiáraõ as eſcaramuças, e os inimigos apontáraõ o canhaõ contra o baluarte da villa dos Rumes; elles nada obráraõ de conſideravel até a chegada da Fróta Otomana, que no dia 14 de Setembro deo de ſi huma viſta alegre, e guerreira.

Era vulg.

Deſta Frota ſe deſgarráraõ ſeis vélas com o tempo rijo, e huma dellas ferrou os Ilheos de Santa Maria, na cóſta do Canará, aonde foi atacada, e rendida depois de hum rudo combate por Antonio de Souto-Maior, que andava de corſo com alguns navios.

Da

Era vulg. Da pouca gente desta sultana, que ficou viva, se soube em Goa da chegada dos Rumes; e no mesmo dia o Governador Nuno da Cunha deo ordem a aprestar a Armada, e avisou a Martim Affonso de Sousa, que invernára em Cochim, viesse incorporar com ella a que tinha ás suas ordens. Nesse mesmo dia Antonio, e Gaspar de Araujo, irmãos do Alcaide-Mór de Dio Payo Rodrigues de Araujo, Fernaõ de Moraes, e Simaõ Rangel de Castello-Branco se embarcáraõ, como voluntarios, em outros tantos catures com vinte soldados cada hum, e demandáraõ Dio para serem companheiros nos perigos dos camaradas, a quem invejavaõ a glória.

Á vista daquella Praça appareceo a Armada Turca, fazendo-lhe a vãguarda huma linha de quatorze sultanas, que occupavaõ o largo, e formavaõ a ala direita. Outras sete sultanas vinhaõ no bórdo de terra em outra linha, que fazia o lado esquerdo. No centro navegava o resto da Fróta com os navios de transporte;

vis-

vista pomposa no número das náos, no empavesado, nas flamulas, e galhardetes, que tremolavaõ: vista, em que os olhos dos Portuguezes se empregáraõ com indifferença, como bem costumados a abater as meias luas; os de Alucaõ, e Çofar com temor, aprehendendo que armamento taõ respeitavel antes viesse conquistar, que soccorrer a Dio para depois dar golpes em Cambaya. O bravo Cavalleiro Miguel Vaz, que andava por fóra espiando a Armada para trazer della noticia, a examinou com miudeza, e rompendo por entre ella mettido debaixo do seu fogo, fiado na ligeireza do navio, voltou sem damno a dar conta da commissaõ, de que fora encarregado.

Era vulg.

Os dous Chéfes inimigos partíraõ logo a bórdo da Capitania, aonde foraõ recebidos da Baxá com honras distinctas, que no seu baixo caracter naõ podiaõ deixar de ser violentas, mais acommodadas ao tempo, que ao genio. Alli tiveraõ huma conferencia longa sobre a situaçaõ dos negocios,

e

Era vulg. e se assentou, que a conquista de Dió para as forças colligadas do Graõ Senhor, e de Cambaya era hum empenho ridiculo, bagatella sem entidade. Solimaõ para dar de si huma idéa do tamanho da sua soberba, mandou a terra 700 Genizaros, que entendeo número superabundante para concluir todo o negocio de hum golpe de maõ. Entráraõ estes Barbaros na Cidade com tanta insolencia, como se o fizessem em huma Praça levada por assalto: tudo foi pouco para materia da sua libertinage, naõ escapando aos desprezos as cãs veneraveis das barbas do velho General Alucaõ, que a tom de cumprimento lhe foraõ arrepelladas. Elle teve de disfarçar o insulto cobrindo-o com a politica, de que elle sería costume civíl daquelles estrangeiros: mas por naõ se expôr a outros, tomou o expediente de deixar o Exercito, sahir da Ilha, e recolher-se a sua casa acompanhado de muitos dos moradores.

A arrogancia dos Genizaros depressa foi abatida; porque indo mostrarse

ſe á Fortaleza, dada a primeira carga, recebêraõ outra, que lhes derrubou cincoenta, ferio muitos, e fez que os mais ſe retiraſſem ſem vaidade, antes corridos, que reportados. Antonio da Silveira conſiderando a neceſſidade de aviſar ao Governador da chegada dos Turcos, fiou eſta diligencia do deſembaraço de Miguel Vaz. Elle ſahio de Dio em huma curveta, encarregado de dar informações conformes ao exame, que tinha feito nas forças dos inimigos. Para ſe capacitar melhor do que havia repreſentar, tanto ſe coſeo com a Armada, que vio nella tudo; mas a confiança lhe hia cuſtando caro. O Baxá picado do ſeu attrevimento, mandou ſobre elle duas galez, que por muitas vezes o tiveraõ pilhado. Nos maiores apertos foi tanta a ſua fortuna, que por baixo de diluvios de fogo pode ganhar o largo, chegar a Goa, cumprir exactamente a ſua commiſſaõ para apreſſar os ſoccorros, em quanto o Governador naõ marchava em peſſoa a medir as armas.

Era vulg.

No

Era vulg.

No dia seguinte ao desembarque dos Genizaros se levantou huma furiosa tormenta, que divertio os sitiados, vendo chocar os vasos da Armada inimiga huns contra os outros a perigo de se submergirem, como elles pediaõ ao Ceo com votos: mas ao seu valor tinha a Providencia destinado mais glorioso o triunfo. O temporal levou a Frota desgarrada a Madrefaval, onde perdeo quatro náos, e o Baxá foi obrigado a espalmar as mais para lhes reparar as ruinas. Como do naufragio sahíraõ a terra muitos arreios de cavallos, os Guzarates se atemórisáraõ com o receio, de que Solimaõ naõ vinha tanto a tomar a Ilha de Dio, quanto a conquistar Cambaya. Antonio da Silveira se approveitou da ausencia dos Turcos para fortificar os lugares fracos da Praça, sem que lho podesse impedir a actividade de Çofar, e dos Genizaros, que ficáraõ em Dio. Elles sim plantáraõ batarias contra o baluarte da Villa dos Rumes; mandáraõ vir de Madrefaval hum basilisco de grandeza desmarcada com trabalho

im-

immenso, e levantáraõ huma máquina, que igualava a altura dos parapeitos do baluarte para naõ estarem ociosos. Era vulg.

Em Portugal era o cuidado em Dio maior, que na India. El-Rei depois de despedir as náos, que temos dito, com as noticias dos aprestos, que se faziaõ em Constantinopla, ou se determinou, ou o Infante D. Luiz se offereceo para ir á India em pessoa. Entaõ quiz El-Rei obrigar os primogenitos das casas a acompanharem o Infante; mas porque elles, e seus pais fizeraõ evidente a injustiça da ordem; porque a Rainha, e o Conde da Castanheira divertíraõ a jornada do Infante, com grande sentimento de Tristaõ da Cunha, por se tirar occasiaõ de tanta honra a seu filho Nuno da Cunha, que havia déz annos servia com tanta distinçaõ na India; foi nomeado D. Garcia de Noronha com o caracter de Viso-Rei. Elle embarcou com o primeiro Bispo de Goa em huma Armada de onze náos, que levava 4000 homens de guarniçaõ, e além dos seus Capitães quasi todos qualifi-

Eça vulg. cados, muitos Fidalgos voluntarios da primeira Nobreza, que por entre perigos hiaõ buſcar a glória. Nós a deixaremos ſeguindo a ſua viagem, que ella fazia ao meſmo tempo, que em Dio ſe batalhava, como vamos a vêr no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO VII.

Continuaçaõ do ſitio de Dio, viagem, e chegada do Viſo-Rei D. Garcia a Goa.

COMO o baluarte da villa dos Rumes, chamado o Caſtello de Gogalá, ficava apartado da Fortaleza, Antonio da Silveira teve por infallivel a ſua perda, ſenaõ mandaſſe desfazer a grande maquina, que lhe ficava a cavalleiro. Franciſco Pacheco, que governava o Caſtello, quando vio ſahir da Cidade ſobre barcas a máquina formidavel cheia de materias combuſtiveis, que na occaſiaõ de arderem haviaõ lançar hum fedor infernal, receou dous perigos; hum o do ſeu fogo, a que ficava deſ-

co-

coberto o interior do baluarte, outro o do incendio, quando a arrimassem aos seus muros, e a fizessem arder. Firmadas as barcas sobre quatro ancoras na distancia necessaria para laborar o fogo, os inimigos entráraõ a fazello vivo sobre o centro do Castello; mas a vigilancia de Antonio da Silveira derrotou na mesma noite as idéas dos inimigos. Quando elle a vio em estado de produzir os dous effeitos, lembrado do exemplo do grande Albuquerque em outra occasiaõ semelhante, elle deo a commissaõ a Francisco de Gouvea para a favor da noite ir em duas fustas pôr-lhe fogo; o que elle executou com tanto de felicidade, como de intrepidez.

Era vulg.

No dia seguinte a esta vantagem os sitiados tiveraõ outro prazer com a chegada dos navios, em que vinhaõ os dous irmãos Araujos, Fernaõ de Moraes, Simaõ Rangel, e Pedro Vaz Guedes, Fidalgos de valor, que logo foraõ testemunhas do vigor com que os barbaros, estimulados da ruina da sua maquina, entráraõ a atacar o Castel-

tel-

Era vulg. tello com hum fogo horrivel, que causava effeitos lastimosos. Cinco dias durou este ataque, e no fim delles se soube da chegada do Viso-Rei D. Garcia de Noronha ao porto de Goa com o grande poder, que trazia do Reino: noticia, que metteo em alvoroço alegre aos sitiados, e que sabida em Madrefaval obrigou o Baxá Solimaõ a vir com toda a diligencia consumar o sitio, antes que o Viso-Rei fosse em estado de soccorrer a praça. Na entrada da Fróta a Fortaleza a foi servindo com huma salva dos melhores canhões, que lhe desarvorárаõ muitos navios, e metteraõ huma Galé no fundo; mas as batarias de terra respondêraõ com tanta furia sobre o Castello dos Rumes, que depois de cegarem toda a artelharia, acabáraõ de arrazar os muros, naõ lhe ficando outra defensa álem dos peitos valerosos dos homens.

Setecentos Genizaros se movêraõ no dia seguinte a atacar as postradas ruinas, taõ certos da victoria, que começáraõ a sobir confiados. Elles o fizeraõ por parte, aonde a rotura naõ

sof-

ſoffria mais de dous homens formados de hombro a hombro para a defenderem. Nella ſe encontráraõ os barbaros com dous Heróes, hum a que o deſcuido, ou a inveja Portugueza tirou o nome, outro moço de 25 annos, que o pode deixar gravado nas memorias, e ſe chamava Antonio Pinheiro, filho de hum Cavalleiro honrado deſta Cidade de Fáro, aonde eu entendo, que ainda delle ſe conſervaõ parentes em eſtado deſigual ao merecimento deſte ſeu aſcendente. Largas horas ſuſtentáraõ os dous façanhoſos Portuguezes o ſeu poſto, fazendo nos Genizaros tal eſtrago, que elles os olhavaõ com eſpanto, os noſſos da Fortaleza com inveja. O Capitaõ Franciſco Pacheco veio ao ſitio do combate, e pedio lhe fizeſſem lugar entre ſi para ſer participante da grande honra, que eſtavaõ ganhando.

Era vulg.

Elles lhe reſpondêraõ que o buſcaſſe em outra parte; porque naquelle alguem mais o naõ teria em quanto elles viveſſem: e continuando generoſos a ſua porfia até ao pôr do Sol, já

Era vulg

já brigando com armas curtas, já arrojando ſobre os Barbaros diluvios de fogo, rotos em feridas, inſenſiveis á dôr, fizeraõ nos Genizaros tal eſtrago, que naõ podendo ſobir os vivos pelo monte dos mórtos, elles ſe retiraõ covardes, cedendo ſetecentos a victoria a dous homens. Do alto daquelle arrazado Capitolio levou o Capitaõ nos braços aos dous Manlios Portuguezes, que acabavaõ de eſcurecer com luzes novas a antiga glória dos Romanos. Teve eſta gentileza as conſequencias mais infelices. Como o Baluarte eſtava ſeparado da Fortaleza, as ſuas defenſas em ruina, ou foſſe pelas ſuggeſtões do perfido Antonio Faleiro, que andava entre os Mouros levando, e trazendo recados, ou que o Capitaõ Pacheco ſe deixaſſe tomar do medo; elle capitulou a entrega do poſto, que com tanta corage ſuſtentou vinte dias.

Já elle eſtava a bórdo da náo do Baxá, quando os Genizaros, ſem eſperarem a ſahida da guarniçaõ, entráraõ o Baluarte, abatêraõ no noſſo

Pa-

Pavilhaõ a Cruz, arvorárаõ na sua bandeira as meias luas. O velho Joaõ Pires, e cinco camaradas taõ cheios de valor, e piedade como elle, naõ tiveraõ soffrimento para verem tremolar o Estandarte de Mafoma no lugar, em que estivéra o de Jesu Christo. Elles se lançaõ aos Turcos com impeto mais que humano: por tres, ou quatro vezes deitaõ a terra a insignia infame, e levantaõ o Labaro santo: peleijaõ todos seis como leões, até que todos morrem depois de matar a muitos. Os seus corpos lançados no rio, rompendo contra a corrente opposta da maré, foraõ vistos da Fortaleza com assombro vararem á pórta da Couraça. Antonio da Silveira clamando *Milagre*, desceo a recolhellos, e os sepultou com a honra de Martyres, que entendeo indicada no acontecimento superior na vista á ordem natural dos casos vulgares.

Era vulg.

Como daqui em diante principiou com formalidade o sitio de Dio, que nós reservamos para o Livro seguinte, agora concluiremos o Capitulo com a

Era vulg. narração da viagem do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, naõ nos lembrando mais do covarde Capitaõ Francisco Pacheco, nem de outros companheiros da sua fraqueza: Portuguezes indignos da vida, que depois de perderem a liberdade promettida pelo Baxá fraudulento; elles a conserváraõ poucos dias, sem lhes valer o refugio do Turbante, a que a impiedade lhes sobmetteo as cabeças. Apostasia, que o mesmo Baxá, entaõ justo sem merecimento, vingou pelas suas mãos por desafogo da cólera.

Sahio D. Garcia de Noronha do rio de Lisboa com a Armada, que dissemos. Os Capitães, que com elle embarcáraõ, foraõ Bernardim da Silveira o Drago em huma náo, em que os facinorosos tirados de todas as cadêas do Reino, se sobmergíraõ com elle, sem se saber aonde, nem como; e Joaõ de Sepulveda, que por erro dos seus Officiaes do mar, foi invernar a Ormuz. Os Commandantes das outras nove náos, que chegáraõ em conserva do Viso-Rei a Goa, eraõ D. Joaõ de Cas-

Castro, que naõ quiz acceitar o governo de Ormuz, em que El-Rei o provia, pelo naõ ter merecido, como se já previsse este grande Varaõ, que elle devia ir á India como voluntario para se fazer digno do governo, naõ de huma praça, mas de toda ella: D. Francisco de Menezes da Casa de Villa Real, que levava o despacho de Baçaim: D. Christovaõ da Gama, filho do Conde Almirante, que havia governar Malaca: D. Garcia de Castro nomeado Governador de Goa: Luiz Falcaõ, Ruy Lourenço de Tavora, D. Joaõ Deça, e Francisco Pereira de Berredo, que já fora Capitaõ de Chaul.

Era vulg.

Além dos 4000 homens, que guarneciaõ esta Armada, naõ só embarcou nella muita Nobreza das Provincias, mas muitos dos grandes Fidalgos, que se offerecêraõ voluntarios para irem servir em occasiaõ de tanta honra. Entre elles naõ devemos esquecer D. Alvaro, e D. Bernardo de Noronha, filhos do Viso-Rei; D. Martinho de Sousa, D. Joaõ Manoel o Alabastro, D. Luiz de Ataide, depois

Era vulg. Conde da Atouguia, D. Antonio de Noronha o Catarraz, Fernaõ da Silva, Commendador de Alpalhaõ; D. Diogo de Almeida, D. Joaõ Mascarenhas, que hia vêr em Dio o theatro, onde depois tinha de representar figuras sublimes; os dous irmãos Francisco, e Diogo Lopes de Sousa, D. Joaõ Henriques, D. Duarte Deça, os tres irmãos Manoel, Joaõ, e Diogo de Mendoça; D. Jorge de Menezes, que depois foi chamado o Baroche em memoria do assignalado feito, que a seu tempo referiremos.

Corria o mez de Setembro, quando o Viso-Rei chegou a Goa: tempo, em que Nuno da Cunha se apresstava com o maior ardor para marchar em pessoa ao soccorro de Dio. Elle se sobprendeo com a vinda do successor, que teve por hum agravo, e por huma recompensa ingrata de tantos serviços, especialmente por lhe arrancar das mãos o empenho honroso de livrar a mesma Praça, que fundára. Mas naõ se queixe o Heróe, imitador glorioso do Albuquerque; que lhe a pouca

rá fortuna do Successor lhe vingou as injúrias, outro tanto vio o mundo a respeito de Nuno da Cunha com o novo substituto. Ás agonias do espirito, duras para dissimuladas, se rendeo o Governador, que perdeo de golpe a natural alegria; que sentio vêr-se abandonado de repente pela Nobreza, que adorava o Sol que nascia, e apedrejava o que se punha; que nos transportes de melancolico a hum dos da sua classe menos grosseiro, que lhe pedio licença para ir visitar o novo Viso-Rei, respondeo: Ide, Senhor, fallareis ao louco mais entendido, que ainda nasceo em Portugal.

Era vulg.

Tomou D. Garcia de Noronha posse do governo da India, aonde achou de verga d'alto huma Armada de 80 vélas, em que entravaõ 40 náos, e galeões de alto bordo. Nella se embarcou o Viso-Rei, a tempo que chegava Martim Affonso de Sousa com os navios, que tinha ás suas ordens como General do mar, e que em razaõ deste cargo havia cobrir a vanguarda na batalha, que esperava, e

Era vulg. naõ veio a dar D. Garcia. Como elle soube por Miguel Vaz, que os Turcos haviaõ marchado de Madrefaval para continuarem o sitio de Dio, mandou cinco navios a soccorrer a Praça: despedio a Lourenço Botelho com quatro para ir á ponta de Dio avisar as náos de Ormuz, que tomassem o rumo de Goa; e ordenou a Luiz Coutinho que se postasse com seis na enseada de Cambaya a impedir, que pela costa de Baçaim, e Damaõ se transportassem mantimentos para os sitiadores.

Em quanto o novo Viso-Reî se occupava nestas manobras, Antonio da Silveira se enchia de huma afflicçaõ extrema, por ignorar o que se tinha passado no ultimo avance do Baluarte da Villa dos Rumes. Quando elle discorría sobre imaginaçôes tristes, chegou aos muros da Fortaleza o trahidor Antonio Faleiro com a guarda de quatro Genizaros, e em nome do Baxá entregou huma carta do Capitaõ Francisco Pacheco para o Governador. Elle se desculpava da necessidade, que

o

Era vulg.

o obrigára a entregar aos Turcos: engrandecia o seu poder, a benignidade, as virtudes do Baxá, e segunda vez perfido, e covarde o aconselhava lhe entregasse a Fortaleza. Em todos os espiritos dos seus illustres defensores causou ella o horror, que devêra, e levou a descommedida, mas generosa resposta, que merecia. Apenas o Baxá a ouvio, tomado de furor, mandou metter a banco das galéz ao infame Pacheco com os sessenta imitadores da sua fraqueza: primeiro, e precedente castigo da sua abominavel apostasia. Naõ servindo ao Baxá as industrias para o fim dos seus designios, teve de empregar a força, e fazer com formalidade o sitio de Dio, que nós vamos a escrever no Livro seguinte com penna desigual ao merecimento.

LIVRO XLVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Baxá Solimaõ desenganado de levar a Praça de Dio por meio de negociaçoes, a ataca com formalidade.

Era vulg.

A FAMOSA defensa de Dio pela direcçaõ do illustre Antonio da Silveira fez em todo o mundo hum ruido taõ sonoro, que nos obriga a dar mais extensaõ ao brado da Fama. Desenganado o Baxá Solimaõ, de que com Portuguezes empenhados pela honra só negociavaõ as lanças, e as espadas, o ferro, e o fogo; elle deo principio ás operações do sitio, fazendo levantar seis batarias, aonde montou mais de cem peças de canhaõ, nove basiliscos, que arrojavaõ ballas de noventa libras, e cinco morteiros, que

lan-

lançavaõ pedras de ſete pés de circunferencia. Quatrocentos artilheiros Eſclavões, Hungaros, e Venezianos ſerviaõ as ſeis batarias, cobertos pelo groſſo dos dous Exercitos, que ſe poſtáraõ entre ellas, e a Fortaleza. Faziaõ a ſua guarda principal com 20000 Turcos Çofar, e Çuf-Hamet, Governador de Alexandria. No dia quatro de Outubro principiáraõ ellas a laborar com a maior furia, que durou até 26 do meſmo mez ſem deſcontinuar, eſpecialmente ſobre o Baluarte de Gaſpar de Souſa, por onde os Turcos determinavaõ dar o primeiro aſſalto.

Era vulgar.

Pela continuaçaõ, e proximidade do fogo ſervido com todas as régras da arte, a Praça entrou a ſentir os ſeus effeitos. Muitos canhões foraõ deſmontados, razos os altos das torres, abatidas as ameias, e contraparapeitos dos Baluartes. Em quanto os inimigos batiaõ em brecha, elles avançáraõ a trincheira até ao foſſo, paſſáraõ além, e applicáraõ o minador ao baluarte ſobredito de Gaſpar de Sou-

ſa,

Era vulg. sa. Era incrivel a nossa vigilancia; mas a todas superior a de Antonio da Silveira, digno de glória immortal pela actividade, e valor com que mettia em obra as funções de hum grande Capitaõ. Já mais as industrias, e os esforços dos Barbaros o apanháraõ desprevenido: taõ regulares as suas disposições, que todos os póstos facilmente se davaõ as mãos. Sempre intrépido nos lugares do maior perigo, se naõ podia impedir que os inimigos passo a passo se avançassem; elle pela mesma medida lhes disputava o terreno, já com os ardís do espirito fertil em inventar expedientes, já com a firmeza da alma sempre presente a tudo, nunca perturbada; já com a sublimidade da corage, impavida em affrontar os horrores: Heróe, que se naõ podia prever tudo, tudo remediava.

Na continuaçaõ do sitio parecia que a alma do Governador exhalava emanações contínuas, que todos os dias produzia espirito novo em cada hum dos soldados. Todos se fizeraõ hon-

honra taõ particular, que ella durará inextinguivel, em quanto no mundo se apontar com o dedo o lugar de Dio. Diminuindo a guarniçaõ nos combates, parecia que os mórtos deixavaõ em legado as forças aos vivos. Chegáraõ a faltar armas, viveres, munições, a corromper-se as aguas da cisterna, a perderem toda a esperança de soccorro; mas elles a nada retrocedêraõ, por nada desmaiáraõ, conservando até ao fim pasmosa a sua intrepidez. Entre muitas occasiões, ella se deixou vêr na noite, em que esperavaõ o primeiro assalto; porque chegando á Fortaleza Miguel Vaz, que trazia comsigo a D. Duarte de Lima mandado pelo Viso-Rei com a noticia, de que ficava aprestando em seu soccorro huma poderosa Armada, ella bastou para levarem o resto da noite em danças; para amanhecer a Fortaleza embandeirada, como quem dava a entender aos Turcos, que naõ só deixavaõ de os temer, mas que os desprezavaõ.

Era vulg...

Entre esta generalidade de valor,

os

Era vulg. os noſſos Chroniſtas referem caſos particulares de alguns dos ſoldados, e das matronas preſentes ao ſitio, que eſcurecem a fama dos Heróes, e Heroinas da antiga Roma. Nós naõ podemos fazer memoria de todos; mas lembraremos a Joaõ Rodrigues, ſoldado commum, homem de tantas forças, como valor, que ſempre expoſto aos maiores perigos, ou foſſe brigando com armas curtas, ou foſſe arrojando ſobre os inimigos panellas de fogo, e barris inteiros de polvora; elle matou tantos, como ſe fora huma peſte devorante no ſeu campo: a hum ſoldado ſem nome, ſendo digno de lho gravarmos nos bronzes, que faltando-lhe as ballas em hum dos combates as ſubſtituio com os dentes da ſua bocca: a hum natural de Galliza, criado de pouca idade entre os Portuguezes, que obrigando a fugir hum Mouro pelo mar dentro, o ſeguio; e porque era de pequena eſtatura, e o Barbaro de deſmarcada grandeza, o agarrou para ſubmergillo; mas o Gallego á viſta do Exercito inimi-

migo, depois de o matar ás punhaladas debaixo da agua, lho moſtrou morto; ſahio do mar a paſſo lento; marchou fleugmatico para a Fortaleza, fazendo taõ pouco caſo da rociada de ballas, e flechas, que lhe apontavaõ, como ſe ellas foſſem no ſeu triunfo as flores, de que o cobriaõ: a Joaõ da Fonceca, que atraveſſado o braço direito ſem poder dar uſo á eſpada, a paſſou para a eſquerda, dando golpes eſpantoſos, e ſe eſcandaliſou, de que Duarte Mendes de Vaſconcellos o aconſelhaſſe para deixar o combate; em fim, a Fernando Penteado, que levando huma grande ferida na cabeça, atou nella hum lenço ſem querer retirar-ſe; recebeo ſegunda, e levado para o ſangrarem, tornou a eſcapar-ſe, e veio buſcar ao combate terceiro golpe.

Era vulgar

Das Matronas ſe fez exemplar ſublime Iſabel da Veiga, mulher de Manoel de Vaſconcellos, hum Fidalgo da Ilha da Madeira, que querendo mandalla para Goa, ella lhe reſpondeo animoſa: Que tinha muito valor

Era vulg. lor para o acompanhar nos perigos, para estar ao seu lado nos combates, para morrer, aonde elle acabasse. Em desempenho da promessa, observando em Anna Fernandes, mulher do Cirurgiaõ-Mór, huma coragem com semelhanças da sua, a unio a si em vinculos da caridade; ellas ajuntáraõ as outras mulheres, e á força de razões, de exemplos, de promessas, ellas as capacitáraõ, de que eraõ capazes de emprenderem acções viris nas conjunturas, em que se achavaõ. Com effeito o Esquadraõ das Amazonas Lusitanas tendo na sua testa as duas Heroïnas, em toda a extensaõ do sitio, ellas soffrêraõ constantes as desgraças vulgares nas Praças sitiadas; ellas se lançavaõ intrepidas aos combates, faziaõ sentinelas, e rondas; ellas animavaõ os timidos, redobravaõ o esforço aos valentes, inspiravaõ mais heroicidade aos Heróes; ellas carretavaõ as armas, as alcanzias, as panellas de polvora; ellas eraõ na Fortaleza outros defensores impavidos, sem mais differença dos homens se-

ça-

ganhosos, que nos vestidos mulheris. Erá vulg.

Já em estado de ser montada a brecha do Baluarte de Gaspar de Sousa, os Genizaros ao romper do dia se avançárao a investilla. A defensa foi taõ gentil, o seu estrago taõ grande, que todo o Exercito se moveo a sustentallos. Sobre o maior número foi mais crescida a mortandade, mais geral a consternaçaõ dos Turcos, que ao meio dia tocáraõ á retirada. Elles se envergonháraõ, de que á vista dos de Cambaya a sua corage ficasse abatida. Segunda, e terceira vez renováraõ o assalto no primeiro dia; mas sempre encontráraõ os Portuguezes os mesmos homens. Elles se retiráraõ com grande perda: nós tivemos a de dous mórtos, e muitos feridos. Como D. Duarte de Lima mais com as mãos, que com os olhos, foi testemunha da formosura deste dia, o Governador lhe ordenou que na fórma das ordens do Viso-Rei, nesta mesma noite se embarcasse, e fosse a Goa informallo do vigor, com que os Barbaros faziaõ o sitio

Era vulg. tio para o obrigar a apressar os soccorros, naõ esmaiasse o valor na sua falta.

Estimulado o Baxá da perda do assalto, picado do atrevimento, com que pequenos catures rompiaõ pelo centro da sua Armada para entrarem, e sahirem da Fortaleza, medroso da vinda do Viso-Rei, cujo encontro desejava desviar: todos estes motivos o obrigáraõ como covarde a redobrar os esforços para vêr se apressava a victoria; para mostrar a sua soberba que nos castigava os atrevimentos, e para se restituir os danos com os despojos. Entaõ foi horrivel a contiuuaçaõ do fogo sobre o Baluarte arruinado, quando já os Portuguezes laboravaõ com a epidemia do escorbuto causado da corrupçaõ das aguas da cisterna. Mas elles como insensiveis ás molestias da natureza, sempre promptos de dia á repetiçaõ continua dos avances, de noite trabalháraõ sem descanço no reparo das ruinas, acompanhados das Matronas, que lhes eraõ isseparaveis nos perigos, e nas fadigas.

Tantas sábias industrias, taõ bizarra

a resistencia mettêraõ ao Baxá em desesperaçaõ para dar hum assalto geral á Fortaleza. Ao romper o dia se moveo o grosso do Exercito contra o Baluarte de Gaspar de Sousa, que era o mais arruinado. O resto atacou em torno a Fortaleza para nos divertir as forças. Logo foi ensanguentado o combate pelo illustre Gonçalo Falcaõ, que andando sobre o seu Baluarte exposto ao fogo, huma balla perdida lhe levou a cabeça. A mórte deste Fidalgo foi sentida, e vingada. Gaspar de Sousa com os seus camaradas fazia huma defensa, que desafiava as attenções, e a enveja. Os Genizaros que subiaõ confiados, rodavaõ mórtos sobre os vivos. Estes lhes substituiaõ á praça; mas o lugar outra vez se deixava vêr vazio. Corridos os Capitães Turcos, de que taõ poucos homens em espaços taõ breves amontoassem as victorias, fazem que de tropel monte a brecha hum grande número, que se naõ vencesse com o valor, attropelasse com o peso.

Era vulg.

Aqui foi pasmosa a resistencia, e

Era vulg. nella obrou Joaõ da Fonceca a gentileza, que eu deixo referida, como hum Aod alentado, que sem uso na maõ direita, dava golpes espantosos com a esquerda. Os inimigos apinhados soffriaõ maiores danos; mas Antonio da Silveira notando que na defensa continuada sobre a multidaõ poderiaõ desfalecer os espiritos; vêndo, que se mandasse hum corpo de gente á cava do muro podia atacar os Turcos pelo flanco com grande vantagem; elle fia esta commissaõ heroica ao valor inimitavel de Lopo de Sousa Coutinho, que com 35 soldados foi lançado do Baluarte S. Thomé ao campo por escadas de corda. De repente rebentou pela bocca da cava este turbilhaõ, que cahindo sobre o flanco dos contrarios, a ira os consumio, o medo os enrolou. Ao estrondo da pendencia se despenháraõ os que brigavaõ no alto; e seguindo-os os nossos, elles occupados do temor panico, offerecêraõ as costas ás feridas para buscarem o amparo das trincheiras.

Con-

Conseguida victoria taõ admiravel, Lopo de Sousa sem perder hum homem se recolheo á cava, que dalli em diante a guarnecia todos os dias hum Capitaõ com a sua companhia; sendo Lopo de Sousa o primeiro, que em premio da façanha quiz ficar exposto aos perigos. Quando guardava esta cava succedeo ao moço Gallego a aventura de perseguir o Mouro pelo mar dentro, como fica dito. Os Barbaros quizeraõ despicar a sua injúria atacando a mesma cava. Elles o fizeraõ em hum dos dias, em que tocou a guarda a Lopo de Sousa, que segunda vez os fez retirar com grande perda. Desenganados de que estas tentativas eraõ inuteis, elles tornáraõ ás batarias, que sem cessar fulmináraõ a Fortaleza quatro dias continuos. Ainda naõ satisfeitos de vêrem rotos os muros, abatidas as torres, a Praça hum monte de ruinas, para alargarem a entrada determináraõ fazer voar por meio das minas o Baluarte de Gaspar de Sousa. O Governador sentindo picar o muro, ordenou ao mesmo Capitaõ que des-

Era vulg.

 ces-

Era vulg. cesse á cava com 70 homens para impedir a obra.

Este bravo Official se portou com tanto desembaraço, que queimou as mantas, entulhou os vãos, degolou cem Turcos, e pôz em armas o Exercito, que mandava sobre a obra grossos destacamentos de soccorro. Já Gaspar de Sousa se retirava triunfante pelo fosso, quando notou a falta de alguns soldados attrevidos, que ficáraõ para mostrarem aos Turcos gestos de valerosos. Voltou só em sua busca o intrepido Sousa; mas por parte, em que foi cercado por hum tropel de inimigos. Bem podêra elle retirar-se com honra; mas incapaz de consentir que os Turcos o vissem pelas espaldas, se lançou a elles como hum tigre. Depois de brigar espaço longo á vista da Fortaleza, que naõ o podia soccorrer, tendo matado a muitos, elle foi morto. Os Barbaros leváraõ a sua cabeça espetada em huma lança, e com ella corrêraõ as linhas do Exercito em signal de triunfo. Antonio da Silveira, e toda a guarniçaõ sentio a perda de

taõ

taõ grande homem, que teve no seu lugar por substituto ao Capitaõ Rodrigo de Proença para lhe vingar a mórte sem demora.

Era vulg.

Os Turcos suppondo o Baluarte sem defensa, se lançáraõ a elle com tanta rapidez, que correo geral a voz de o havermos perdido. Ao seu écco triste accodio Antonio da Silveira com a gente, que o acompanhava. Elle se encontrou com o Proença taõ empenhado na resistencia, que os inimigos naõ podiaõ ganhar hum palmo de terreno. Mas como a multidaõ era taõ grande, que a cada instante se revesavaõ os Barbaros, alguns dos nossos soldados queriaõ retroceder. O Silveira que o advertio, mandou romper alguns dos degráos, que desciaõ para o Baluarte: advertencia reprehensivel, que encheo os defensores de corage para sopportarem dia, e noite infatigaveis todo o peso dos inimigos, ferindo, matando, sempre resistindo; espectaculos merecedores da attençaõ das idades, que sabem dar valor ao merecimento.

Já

Era vulg.

Já a este tempo as mórtes repetidas, as doenças continuadas, a diminuiçaõ das munições, a carestia dos mantimentos, a falta dos soccorros de Goa, de Baçaim, de Chaul hiaõ reduzindo a Praça a huma desolaçaõ extrema. Os espiritos menos generosos occupados das imagens tristes da fome cruel, das representações da mórte deshumana, elles se enchiaõ de profunda malancolia, especialmente hum Joaõ da Nova, que abandonado a estas cogitações funestas se fez huma victima sacrificada sem remedio aos horrores do medo. Bem longe delle estava o bravo Proença, e os intrepidos defensores do seu Baluarte, que ficando inteiros com o trabalho da noite, e ao romper da manhã investidos com maior furia; elles escogitáraõ a industria de bordar o muro com copia de lenha, que carretavaõ as illustres Matronas, e dando-lhes fogo sustentáraõ doze dias o seu posto com a renovaçaõ do incendio.

CA-

CAPITULO II.

Trata-se a continuação do sitio de Dio até ao geral, e espantoso assalto, que os Turcos derão á Fortaleza no dia 31 de Outubro.

DETERMINADA a firmeza do Baxá Solimaõ, influida pelo espirito de vingança de Coge Çofar, a prevalecer sobre a constancia de Antonio da Silveira, e dos bizarros defensores de Dio; elles mettêraõ em uso tantos esforços, taes estratagemas, e industrias, que eraõ bem capazes de abater a coragẽ a outros quaesquer homens, que naõ fossem os Portuguezes. Nos Baluartes do mar, que defendia Antonio de Sousa, e no de Rodrigo de Proença, que todo arruinado era o que mais se differençava na resistencia, empregáraõ elles todos os seus cuidados. Entendendo que ganhando o primeiro lhe ficaria facil a entrada na Fortaleza, e evitavaõ o damno, que a sua artelharia fazia no campo, o mandáraõ bater

Era vulg.

com

Era vulg. com tanta furia por batarias plantadas em mar, e terra, que alguns lanços do muro em pouco tempo foraõ arrazados. Contra o ſegundo, que ſe defendia com o incendio, que eu acabei de dizer, reſolvêraõ hum ataque feito por Genizaros armados de bicheiros com haſtes largas, que deſviaſſem a lenha, abriſſem o paſſo, ficando franca a entrada ſem o embaraço do fogo.

Eſte avance particular foi hum dos mais viſtoſos do ſitio, empenhados os dous partidos, hum em ſuſtentar o fogo, o outro em divertillo: pendencia de Cyclopes horrendos, ſenſiveis ao valor, no meio das chammas ſem ſentimento. As Matronas carretando materias combuſtiveis; os homens inflammando-as, peleijando, combatendo, fizeraõ nos Turcos tal eſtrago, que naõ podendo ſoffrer o horror da carnagem, ſe retiráraõ atonitos. Nós perdemos neſte dia quatro homens, e tivemos 25 feridos, entre elles o bravo Proença de huma flecha pela bocca. Acções taõ glorioſas nós as viamos contrapeſadas com a falta de mais de

cem

cem soldados entre mórtos, e incapazes do serviço: quanto era necessario para a vida, e para a defensa nos hia faltando: chegava a necessidade aos ultimos apertos, quando a Providencia vigilante nos trouxe a salvamento alguns navios de Goa, em que vinhaõ Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco Mendes de Vasconcellos, e outros Fidalgos com soccorro. Na mesma noite despedio Antonio da Silveira os navios, sem que soubessem os Turcos a vinda, e a volta delles, que suppozeraõ, quando viraõ ao outro dia embandeiradas as postradas ruinas da Fortaleza. Primeiro susto, que lhes prognosticava naõ tardaria muito a chegada do Viso-Rei com todas as forças da India a combatellos.

Era vulgar

Na retaguarda deste pequeno soccorro navegáraõ dous mais consideraveis. O primeiro era de 40 navios ligeiros, mandados por Antonio da Silva, que entre muitos Fidalgos trazia a D. Luiz de Ataide, depois o grande Conde de Atouguia, que nos theatros da India se andava ensaiando para as

por-

Era vulg. portentosas façanhas, que tinha de obrar nella no tempo d'El-Rei D. Sebastiaõ. O segundo de 24 navios vinha commandado por Jorge de Lima, que havia cruzar da altura dos Ilheos queimados até Chaul para todos os dias mandar noticias a Goa do estado da Fortaleza. Em quanto os soccorros navegavaõ, os Turcos combatiaõ. Empenhados em se fazer senhores do Baluarte do mar, elles disposéraõ hum assalto com 50 navios ligeiros, em que embarcáraõ 1500 Turcos ás ordens do feroz Mamede-Caõ, que com o credito bem estabelecido em Constantinopla, queria voltar a ella com o penacho de hum triunfo sobre os Portuguezes tremolando no cocar da sua vaidade.

Avança-se o apparato formidavel; põe as prôas nas arruinadas paredes, aonde estava plantado como hum promontorio o Capitaõ Antonio de Sousa com trinta creaturas da sua disciplina; desembarcaõ tantos homens valerosos contra taõ poucos; mas elles primeira, e segunda vez repellidos,

des-

desbaratados; com quantidade de mórtos, tambem primeira, e segunda vez embarcaõ, e desembarcaõ. Já em longa distancia do lugar dos combates, retirando-se cortados, soffrendo o fogo, e as irrisões dos soldados da Fortaleza; Mamede-Caõ envergonhado, manda levar remos para a sua gente ouvir com attençaõ estas vozes. Que covardia he a vossa alentados Genizaros da Guarda do Graõ Senhor? Como sereis admittidos á sua presença em sabendo; que 30 homens postádos sobre hum monte de ruinas vos poseraõ em vergonhosa fúgida? Voltemos terceira vez ao combate: façamos victimas da nossa cólera aquelles monstros: senaõ os podermos vencer, morramos, naõ se diga, que lhes fugimos. Todos se movêraõ ás persuasões do seu Chéfe, e terceira vez arrogantes buscaõ a peleija; mas querendo desembarcar para investir, Mamede-Caõ cahe atravessado de huma balla pelos peitos, e todos os seus acabaõ de perder os espiritos com a sua mórte.

Era vulg.

Naõ póde o Exercito dissimular a

per-

Era vulg. perda de Official taõ diſtincto, o deſtroço dos camaradas, a rotura do credito Otomano ſem huma vingança de eſtrondo. Elles a buſcáraõ por meio de hum aſſalto no Baluarte arrazado de Rodrigo de Proença, que teve o ſucceſſo dos paſſados. Nelle prendemos dous Turcos, que diſſeraõ haver perdido o ſeu Exercito 800 homens; que tinha mais de mil feridos, e que no de Coge Çofar era muito maior o eſtrago. Entre os noſſos já os mórtos paſſavaõ de 50., os feridos chegavaõ a 70, e a polvora quaſi que eſtava acabada. Mas na noite deſte conflicto chegou á Fortaleza hum catur, em que vinha Franciſco de Siqueira o Malabar, mandado por Antonio da Silva, com a noticia de eſtar perto o ſoccorro, que elle conduzia: noticia, que alentou os animos cahidos para tolerarem os trabalhos com vigor, como ſe elles entaõ principiaſſem ſem figura de trabalhos.

Já naõ tinha ſocego o eſpirito covarde do Baxá Solimaõ, atemoriſado da vinda do Viſo-Rei, que ſe dizia

naõ

naõ teria demora de muitos dias. Concebida na sua idéa a resoluçaõ de levantar o sitio quanto antes, elle o quiz fazer dando á Praça hum assalto geral por despedida com todas as forças dos dous Exercitos Turco, e Guzarate. Para melhor enganar os Portuguezes, e os meter em descuido, publicou a voz, de que se retirava para o Estreito; mandou preparar a Armada; fez cessar o fogo das batarias, e embarcar mil homens á vista dos sitiados. Na noite de 30 de Outubro ordenou que se escondessem no fosso quantidade de escadas para serem montados os muros; mas quando elle presumia adormecer com estes movimentos a Antonio da Silveira, a sua perspicacia, que lhe penetrou os intentos, cuidou em fazer abortallos com a mais activa diligencia. Ao apontar o dia apparecêraõ no campo 14000 homens sobre as armas; divididos em tres corpos 3000 Turcos, e unidos em hum 11000 Guzarates: estes mandados por Coge Çofar, aquelles por Isuf Amet, pelo Baxá Berám, e por Mamede Baxá.

Era vulg[...]

Foi

Era vulg. Foi o signal do ataque huma descarga de todas as batarias para alimpar as brechas. Logo se movêraõ os corpos formados com gritos horrorosos, que feriaõ os horisontes ainda mal illuminados com os cresfpusculos da Aurora. O primeiro se avançou ao Baluarte, aonde estavaõ as casas do Governador, que as batarias dos contrarios tinhaõ quasi demolidas. Outro desceo ao fosso a tirar as escadas, que arvoráraõ pelo muro, que corria do Baluarte do Proença ao de S. Thomé. Em quanto os nossos serviaõ aos Turcos com fogos de arremeço, Antonio da Silveira, que tudo tinha prevenido, mandou a Gonçalo Vaz Coutinho, e a Antonio Mendes de Vasconcellos, que acodissem ao muro entre os ditos Baluartes: a Manoel de Vasconcellos, e a Francisco Mendes de Vasconcellos, que marchassem a defender as casas da sua residencia. Issuf Amet com a sua gente montou o Baluarte de Rodrigo de Proença, aonde fez arvorar hum Estandarte. Este impavido homem com os poucos cama-

ra-

Era vulgl

tadas se lançou aos Turcos com a furia de hum leaõ, e feitos em postas os mais atrevidos, com a bandeira varreraõ o Baluarte.

Os Genizaros affrontados pelo desprezo da sua insignia, trabalháraõ valerosos para a tornarem a arvorar triunfante. Como subiaõ muitos neste empenho furioso, e o lugar era estreito, os nossos naõ perdiaõ golpe. Elles se víraõ obrigados a abandonar a empreza para se reunirem, e tornarem a montar o Baluarte, aonde se postáraõ mais de 200, que déraõ principio ao choque formidavel contra trinta, como logo veremos. Ao mesmo tempo o Baxá Beran fazia o ataque pelo lado das casas do Governador com tanta furia, que parecia naõ poder ter resistencia. Elle a encontrou taõ heroica nos nossos espingardeiros, que mórtos muitos, outros atropelados, as escadas rotas, o seu corpo teve de abandonar o assalto por aquella parte, e marchar em soccorro de Isuf-Amet, que se sustentava teimoso no Baluarte de Rodrigo de Proença.

En-

Era vulg.

Entaõ foi o combate de deſeſperados, animados os defenſores com a chegada dos Fidalgos, que corriaõ dos outros lugares para eſte, que era o de maior perigo. O Proença obrava acções dignas de hum grande Capitaõ. O mais infimo dos ſoldados cumpria os deveres de hum Heróe, eſpecialmente os dous primos Martim Vaz Pacheco, e Gabriel Pacheco, que com extremo ſe amavaõ. Morto o primeiro, depois de ter obrado façanhas admiraveis, o ſegundo que eſtava ao ſeu lado, com huma eſpada, e rodella ſe arrojou ao centro dos Turcos para lhe vingar a mórte. Depois de fazer huma grande praça, rodeado de cadaveres, roto em feridas, o perſuadíraõ para que ſe retiraſſe; que aſſás de honra tinha ganhado, que o ſangue de ſeu primo bem ſe podia dar por ſatisfeito. A nada cedeo o coraçaõ intrepido, proteſtando que ou os Turcos todos haviaõ ſer victimas da ſua indignaçaõ, ou elle acompanhar na mórte ao parente, que tanto quizera na vida. Com eſta reſoluçaõ foi de-

degollando inimigos, até que de huma balla pelos peitos acabou a vida para se immortalizar na fama.

Era vulg.

O Baluarte de S. Thomé, e o do mar, que ficavaõ aos lados do do Proença, serviaõ com a sua artelharia pelos flancos aos inimigos, que soffriaõ consideravel destroço. A imagem da morte era horrivel no lugar atacado, e os poucos Portuguezes pareciaõ mais que homens. Soldados particulares obráraõ façanhas, que as outras Nações as estimaráõ por fabulas. Entre outros, dous se pozeraõ em parte, donde naõ podiaõ ser vistos dos Turcos, e sem socego em atacar, e dar fogo ás suas armas, tantos eraõ os tiros, quantas as mórtes. Hum delles teve a felicidade de deitar a terra, sem vida, o Alferes, que levava a bandeira, sobre que ambos os partidos disputavaõ, hum para a abater, o outro para a arvorar. Entaõ clamáraõ os nossos victoria; affrouxáraõ os Turcos, e já para os sitiados eraõ outras as imagens do combate.

Porém como elles eraõ muitos e

Era vulg. renováraõ com tanto vigor, que os Portuguezes com as forças lassas se víraõ no maior aperto. Acodíraõ a elle as generosas Matronas Isabel da Veiga, e Anna Fernandes. Esta com hum Crucifixo levantado entrou no lugar da peleija clamando: Naõ percais o animo, Cavalleiros de Jesu Christo, que aqui o tendes como auxilio soberano: defendei a sua Santa Fé, que elle vos vem trazer a victoria a Dio; como a deo em Ourique ao nosso primeiro Rei: peleijai, ninguem esmaie; que aqui está em campo o Deos das batalhas. Os Portuguezes ouvindo as vozes das Heroinas, vendo o Transumpto sagrado do Redemptor, com impulsos sobrehumanos obravaõ acções com apparencias de divinas. Sem lhes fazer impressaõ o espectaculo triste de verem cahir morto de huma setta por hum dos olhos ao seu magnanimo Capitaõ Rodrigo de Proença, ao valeroso Antonio Mendes de Vasconcellos de outra pela garganta; elles sustentavaõ a batalha com porfia para os vingar, ou morrer com elles.

Na

Na occasiaõ deste maior aperto entrou pelo Baluarte o sempre memoravel Joaõ Rodrigues com hum cantaro cheio de polvora ao hombro, dizendo aos camaradas: Fazei-me lugar, Senhores, que eu venho dar fim á teima deste dia: e rompendo até chegar ao Esquadraõ dos Turcos, arrojou o cantaro no centro delles. Pegou fogo na polvora, que levou cem Barbaros pelos ares; deixou vinte feitos em carvaõ; os mais se arrojáraõ dos muros ao campo; acabou-se a batalha, e os nossos a altas vozes acclamáraõ os vivas da victoria. Para lhe pôr tropeços, lastimado do destroço dos seus camaradas, o terceiro corpo, que mandava Mafamede Baxá se moveo a vingallos. Sendo recebido dos nossos com igual valor, elle perdeo a corage, e se retirou cortado, especialmente depois da desgraça succedida a Caracen, genro de Coge Çofar, que ficou abrazado pela violencia do fogo de huma panella de polvora. Este incidente consummou o nosso triunfo naquelle Baluarte, que ficou juncado

Era vulg. com mais de 500 cadaveres Turcos, quatorze dos nossos, e mais de 200 feridos.

Em quanto duráraõ tantos combates, Coge Çofar, e a Armada naõ estiveraõ ociosos. Desta se destacáraõ quatorze galés destinadas a investir huma estacada proxima á Fortaleza, que foi atacada com a maior furia. Francisco de Gouvea, Comandante do Baluarte sobre a barra, estimulado com a vista de tantas imagens de horror, obrou da sua parte com tanta magnanimidade, que bateo os Turcos até lhe metter duas galés no fundo, desarvorar algumas, pôr as mais em fugida. Coge Çofar andava com o Exercito de Cambaya em torno da Fortaleza, soccorrendo os lugares do combate, despedindo sobre os sitiados nuvens de setas, e innundações de fogo. Espirito intrepido, ingrato, vingativo; mas das representações funebres taõ melancolico, do nosso ferro taõ cortado, que houve de se retirar ás suas trincheiras para applicar os cuidados á cura de muitos mil feridos.

CA-

CAPITULO III.

Os Turcos levantaõ o sitio de Dio, e o que succedeo depois delle.

SE o Baxá Solimaõ naõ fora taõ cobarde, taõ tyranno, naõ tivera escandalisado tanto aos Guzarates, com especialidade a Çofar, que já naõ podia soffrello; os Portuguezes de Dio encontrariaõ a sua ruina na mesma formosura de huma victoria taõ bella. A guarniçaõ da Fortaleza, que era numerosa, quando principiou o sitio, depois do ultimo ataque ficou reduzida a quarenta homens sãos; os mais enfermos, estropeados, feridos, e mórtos. Tudo o mais padecia igual necessidade; os canhões rebentados, as armas inuteis, polvora a de que estavaõ atacados quatro canhões. Miseria extrema, que fazia que os vivos se estimassem como victimas do furor, já involvidos no número dos seus mórtos. Mas neste estado de deploraçaõ, se o sitio continuasse, os Portuguezes estavaõ resolu-

Era vulg.

lu-

Era vulg. lutos antes a deixar-se consumir, que a render-se.

Bem sabiaõ elles o temor, que o Baxá mostrava da vinda do Viso-Rei, da sua discordia com Çofar, e que na noite do mesmo dia do assalto elle fazia disposições de quem queria embarcar as trópas, furioso pela perda, que ellas acabavaõ de sentir. Entendendo Antonio da Silveira, que tudo podiaõ ser industrias para cobrir outro repelaõ; elle se resolveo a esperar a ultima sórte das armas, achando dispostos para apparecêrem sobre os muros, como desprezadores da mórte, os poucos homens sãos, a maior parte dos feridos, todas as mulheres, que com corage viril inimitavel eraõ as primeiras em se offerecer para affrontarem todo o genero de horrores. Nesta situaçaõ triste da noite do ultimo dia de Outubro estavaõ os sitiados, quando de repente lhe chegou a alegria com a vinda de Francisco de Siqueira o Malabar, que trazia a noticia de que Antonio da Silva de Menezes com hum soccorro, atravessando o golfo, por

por instantes chegaria a Dio. Amanheceo o dia depois do assalto geral dedicado pela Igreja á memoria de Todos os Santos, e apparecêraõ coroados de bandeiras os arruinados Baluartes; os homens, e mulheres vestidos de galla, como festejando a guerra com as esperanças nos Patronos do dia, e no soccorro, que lhes chegava. Mas elles no campo já naõ viraõ as batarias, naõ se ouviaõ as bombardas, as escadas tinhaõ desapparecido, todas as imagens do terror, do espanto se sumíraõ, os Turcos estavaõ embarcados, menos 400 feridos, que o deshumano Baxá abandonou á discriçaõ dos Guzarates, ou dos Portuguezes. Em fim, elle levantou o sitio com medo de vir ás mãos com o Viso-Rei, e supponda que a Fróta de Antonio da Silva era a sua Armada, fez força de véla, e remo para fugir.

Era vulg.

Este Official desembarcou a gente, viveres, e munições, que tudo foi recebido por Antonio da Silveira com o alvoroço de quem ainda receava, que Coge Çofar, livre das oppressões de

So-

Era vulg. Solimaõ, quizesse para si só a gloria do triunfo no rendimento da Fortaleza. Elle pensava o contrario, ou por estar satisfeito com a retirada dos Turcos, ou por naõ querer expôr a reputaçaõ a maior abatimento com a vinda do Viso-Rei. Qualquer que fosse o motivo, para Çofar deixar a empreza concorreo muito o desgosto, com que elle via que o arrogante Baxá, sem nunca sahir da camara da sua galé, commandava com tanto de altenaria, que elle naõ podia escusar-se ao arrependimento de chamar em seu auxilio este inimigo mais terrivel, que os Portuguezes. Determinado a retirar-se para a terra firme, deo fogo ao seu campo; fez o mesmo a alguns quarteis da Cidade, e desappareceraõ inimigos em todos os contornos da Ilha.

Tal foi o fim do primeiro sitio de Dio, que fez alto estrondo na Asia, e na Europa. Bem o experimentou Antonio da Silveira glorioso, entaõ na India, depois da sua chegada a Lisboa em todos os Monarcas Catholicos, que

pe-

pelos ſeus Embaixadores, que tinhaõ naquella Corte, ſe congratuláraõ com elle pelas aſſignaladas victorias, que havia ganhado na India. A todos excedeo Franciſco I. de França, que mandou a Portugal hum Expreſſo para lhe levar o ſeu retrato, que elle fez collocar na antecamara entre os dos Varões mais famoſos, que a guarneciaõ. Dos Portuguezes foi elle hum dos ſublimes, que os deſpachos naõ chegáraõ aos filhos, e os peſſoaes ſe limitáraõ á mercê da Capitanía de Machico na Ilha da Madeira, que entaõ rendia dous mil cruzados, e que elle depois vendeo ao Conde do Vimioſo, para morrer pobre como Heróe Luſitano, naõ bem viſto da Corte pelo crime de liberal.

Era vulg.

Mas tornando á narraçaõ do Baxá fugitivo, eſte Barbaro chegou na cóſta da Arabia a hum lugar do Rei de Dofar, que ſabendo da ſua chegada, prendeo 40 Portuguezes, que negociavaõ no porto, e lhos mandou de preſente. Elle os eſtimou tanto, que os pôz a bom recato no fundo das galés.

Aqui

Eça vulg. Aqui deixou todos os enfermos, e constante a noticia, de que elle expulsára todos os Portuguezes da India, que devia á sua espada vêr-se livre de taes flagellos. Depois passou a Adem, e seguindo sempre os transportes da sua ferocidade, mandou cortar a cabeça a Çafarçaõ, que podia descobrir ao Graõ Turco as suas cobardias, atrocidades, e dissoluções. Já dentro do Estreito deo tratamento semelhante por igual causa ao Rei de Zebit. Na praia de Cobit mandou vir á sua presença os Portuguezes, naõ só os 40, que lhe entregou o Rei de Dofar, mas o infeliz Capitaõ Francisco Pacheco com todos os que se lhe entregáraõ no Baluarte da Villa dos Rumes com promessa da liberdade, e das vidas.

Elle lhes esteve vendo cortar as orelhas, os narizes, depois as cabeças, que fez salgar para as remetter de presente ao Graõ Turco, como testemunhos do seu valor, quando elle fazia as vezes de instrumento da cólera Divina, que vingava nelles a injúria feita á Religiaõ santa, que haviaõ

ab-

abjurado. Por caminhos ſemelhantes ſe conduzio Solimaõ até chegar a Conſtantinopla, aonde o meſmo Deos das vinganças lhe tinha guardado o ultimo ſupplicio. Huma das Sultanas validas, que o abominava, unida ao Baxá Ucera, para o fazer levar hum garrote, revelou todas as concuſsões, que elle havia feito no Egypto, as enormidades executadas na ida, e na volta de Cambaya: accuſações, a que elle prevenio os effeitos matando-ſe com veneno, para que recebeſſe a juſta pena de ſer verdugo da vida propria, quem o tinha ſido inexoravel de tantas alheias.

Era vulgo

Tornando aos negocios de Dio, já levantado o ſitio, e chegado Antonio da Silva de Menezes com o ſoccorro, Franciſco de Siqueira o Malabar foi logo mandado a Goa com eſte aviſo a D. Garcia de Noronha, que com a Armada já preſtes o eſperava. A nomeaçaõ deſte Fidalgo para Viſo-Rei da India, e a ſua chegada a Goa, taõ longe eſtiveraõ de ſer uteis ao ſitio de Dio, que ellas lhe movêraõ

Era vulg. raõ o maior prejuiſo, como cauſas de ſe perderem tantos bravos ſoldados, que nelle foraõ mórtos. Eſte Viſo-Rei, ainda que ornado de qualidades grandes, parece que a Providencia quiz caſtigar nelle os tratamentos deſconfórmes, que ſe acabavaõ de dar ao ſeu predeceſſor. Elle debaixo do pretexto de querer ir em peſſoa ſoccorrer os ſitiados, e combater a Fróta Otomana, que era o objecto principal da ſua viagem á India em annos taõ avançados, e a vontade do Rei expreſſa. Suſpendeo a partida de 80 navios carregados de gente, munições, e viveres, que Nuno da Cunha tinha promptos para ſoccorrer a Dio ſem demora. Eſta a cauſa evidente de ſe alongar o ſitio, de morrerem tantos homens, de chegar a Fortaleza á extremidade de ſe perder.

He verdade que quando chegou a Malabar com a noticia da retirada dos Turcos, o Viſo-Rei tinha feito hum bello armamento de mais de 160 vélas deſtinado para a imaginada batalha com os Turcos. Mas humas con-

ſi-

ſiderações fleugmaticas ſobre deliberar o modo, com que elle a havia dar, o deteve, o ſuſpendeo, nada o deixou obrar. Eu ſempre goſtei cada vez que via confeſſar Diogo de Couto, que era huma voz conſtante na India, que ſe D. Garcia naõ tiveſſe vindo do Reino, Nuno da Cunha tivera ido buſcar os Turcos, e que nem huma ſó das ſuas galés voltaria para o Eſtreito: concluir elle a reſpeito de D. Garcia com eſte alto elogio: Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, com ſuas dilações, e artes fez levantar o inimigo. Certamente que Couto eſcreveo em tempo de ſer adulador de neceſſidade, ou de goſto contra a verdade da Hiſtoria; porque elle até bem longe deixou correr a liſonja. A noticia das artes, de que ſe ſervio D. Garcia, naõ chegou á ſua, nem ás noſſas idades. As ſuas dilações cotejadas com as de Fabio Maximo tem huma eſſencial differença: as de Fabio ſalváraõ Roma, e Italia: as de D. Garcia hiaõ perdendo Dio, e a India.

Era vulg.

Ora naõ nos faça eſpecie a liſonja

de

Era vulg. de Couto, quando nós a temos á face nas mesmas dilações do Viso-Rei D. Garcia de Noronha, hum Fidalgo taõ grande, hum soldado taõ valente, que na India vimos nós dar tantas provas do seu valor debaixo das ordens do grande Affonso de Albuquerque, seu tio. Nesta jornada do Reino, D. Garcia mais Aulico, que guerreiro, vinha prevenido por inimigos poderosos, ou invejosos de Nuno da Cunha para em nada seguir os seus conselhos, ainda que elles fossem os mais uteis, e saudaveis. Semelhante condescendencia forçou a D. Garcia até o fazer abandonar os dictames proprios na expediçaõ de Dio, porque aos Ministros de Portugal naõ parecesse que eraõ de Nuno da Cunha pela conformidade. Eis-aqui a causa das dilações do Fabio Portuguez, que naõ só escureceo a gloria antiga das suas acções illustres; mas se privou de adquirir huma das mais sublimes, que na sua Época podia dar a India.

Sobre o grande Nuno da Cunha se avançou tanto a paixaõ de D. Garcia, ou

ou a sua contemplaçaõ para com os emulos do Heróe benemerito, que para com elle esqueceo a politica, e desterrou a justiça. Ainda que pelas mesmas ordens da Corte Nuno da Cunha estava livre, e totalmente isento do poder do Viso-Rei, quando elle houve de se embarcar para o Reino com Martim Affonso de Sousa, que picado de o naõ deixarem seguir os Turcos na retirada de Dio, naõ quiz mais servir na India; D. Garcia recusou a homem tamanho hum lugar nas náos d'El-Rei, e foi obrigado a pagar a sua passagem em navio mercante, que alugou. Sempre atacado da afflicçaõ de tratamento taõ indigno, passado o Cabo de Boa Esperança, sentindo-se morrer, cantou como cisne a triste, e desentoada letra: Ingrata Patria, tu naõ lograrás os meus ossos.

Era vulg.

Morreo Nuno da Cunha nos braços dos desgostos, ainda ignorante das injúrias, que o esperavaõ, se chegasse ás Ilhas Terceiras, em premio de déz annos de serviço admiravel na India, aonde álem das victorias, fundou

Era vulg. dou as Fortalezas de Chale, de Baçaim, e de Dio. Aberto o seu testamento, dizia nelle, que se morresse no mar, lançassem o seu corpo ao fundo delle atado a camaras de falcaõ, que se pagariaõ a El-Rei, protestando pela hora em que estava, que outra cousa naõ devia á sua fazenda em todo o tempo que o servio. Ambas as mandas foraõ executadas; e quando seus filhos acompanhados de seu Avó o veneravel velho Tristaõ da Cunha se apresentáraõ a El-Rei para lhe pagarem o valor das camaras, declarando-lhe as suas disposições testamentarias, entaõ este Principe deo mostras de que acordava de hum lethargo, advertio quem era Nuno da Cunha, comprehendeo a desgraça dos Principes, que pela credulidade facil se deixaõ fazer Promotores nas causas da inveja, das prevenções, da paixaõ daquelles, que lhes rodeiaõ os lados como féras devorantes da honra alheia.

Pelas suggestões de homens deste caracter, resuscitado o exemplo de Lopo Vaz de Sampayo, El-Rei mandára

antes ás Ilhas Terceiras a Antonio Correa Baharem com hum grande, e pezado grilhaõ para trazer carregado, e preso com elle para o Castello de Lisboa a Nuno da Cunha: aquelle Heróe, que depois do Grande Albuquerque, era o mais digno dos Portuguezes, que com o maior zelo, e desinteresse servira a Pátria, e fizera honra á Naçaõ. Eu formára hum cotejo especioso, e triste entre as acçoẽs, e as remuneraçoẽs destes dous Portuguezes taõ grandes. Esquecendo a segunda parte, bem sei, que na primeira naõ os igualaria em tudo. Mas se dissesse de Affonso de Albuquerque, que elle tinha hum espirito heroico, huma grande superioridade na extensaõ do genio, firmeza na alma, sciencia da guerra, constancia nos trabalhos, expedientes nos negocios, resoluçoẽs decisivas nas emprezas, e outras qualidades mais bem ponderadas por quem melhor soube conhecellas:

Era vulg.

De Nuno da Cunha diria: Que elle naõ estava despido de muitas destas prerogativas: que se naõ as possuio taõ

Era vulg. luminosas, que com inimitavel desinteresse as soube fazer brilhantes: que depois de déz annos de governo da India já nas idades da ganancia, acabou taõ pobre, que declarou, quando morria, que em seu poder naõ tinha mais bens alheios, que séis moedas de ouro de Sultaõ Badur, que pela singularidade do seu cunho, havia guardado para as offerecer a El-Rei: que elle era hum Fidalgo generoso, intrepido nos combates, amigo da gloria, na guerra humano; que a perda de hum dos olhos em hum jogo de canas era o unico defeito do séu formoso talhe, alta estatura, e agradavel presença.

CAPITULO IV.

Do que obrou o Viso-Rei D. Garcia de Noronha depois do levantamento do sitio de Dio, e outros successos do seu tempo.

EU deixo dito que quando Francisco de Siqueira, o Malabar, chegou a Goa com a noticia de haverem os Turcos levantado o sitio de Dio, achou com a Armada prompta ao Viso-Rei, que o esperava para tomar as suas resoluções ulteriores. Tanto que elle soube o successo glorioso, em que naõ tivera a menor parte, todo devido á corage de Antonio da Silveira; D. Garcia, transportado de prazer, mandou embandeirar a sua Capitánia, descarregar toda a artelharia, e ordenou que fizessem o mesmo as náos da Armada. Os seus Officiaes recebêraõ esta ordem com affectos bem oppostos aos da alegria do Viso-Rei. Elles, e todos os soldados mettidos em furor, tomados da cólera clama-

Era vulg.

Era vulg. vaõ, que se elles tivessem na sua testa a Nuno da Cunha naõ sentiriaõ a desgraça de se vêr privados da honra de bater os Turcos: que com o grande nome de Antonio da Silveira, e dos bravos defensores de Dio soaríaõ os seus de mistura nos orgãos da fama: que elles naõ podiaõ deixar de se queixar do velho fleugmatico, que depois de os escandalisar com delongas indisculpaveis, que lhes roubáraõ a honra, agora os obrigava a celebrar com prazer fóra de proposito o triunfo para quatro Portuguezes sublime, para todos os da Armada affrontoso: em fim, que se no dia, em que Nuno da Cunha se lhe offereceo para o acompanhar a Dio como voluntario, elle partisse logo, abataria a arrogancia dos Turcos, naõ voltaria a Suez huma só das suas Sultanas, elles ganhariaõ honra, os Portuguezes recobrariaõ na India as glorias primitivas, toda a Naçaõ ficaria reputada no Universo.

Martim Affonso de Sousa, que entrava no número dos escandalisados, foi pedir licença a D. Garcia para seguir

guir os inimigos até os encontrar, ba- Era vulg.
tellos, e acabar de destruillos só com
a Armada, que como General do
mar costumava ter ás suas ordens. Foi-
lhe negada a licença com tanto senti-
mento do illustre Official, que tomou
o expediente de voltar para o Reino,
e deixar o emprego, que o Viso-Rei
provêo em seu filho D. Alvaro de No-
ronha. Immediatamente se seguio a
viagem de Dio com toda a Armada;
ella hum novo assumpto de murmura-
çaõ pela segunda fleugma, com que
D. Garcia marchava de porto em por-
to, mostrando-se a todos os do Nór-
te a tempo, que se sabia naõ terem
socego os Generaes de Cambaya em
perseguir os Portuguezes. Em fim, o
Viso-Rei chegou a Dio rodeado do des-
prazer geral dos homens, huns que o
notavaõ de amigo dos interesses, ou-
tros que lhe suppunhaõ o valor resfria-
do com a velhice.

Acabáraõ de se desentoar as vozes
do sentimento commum, quando se
ouvio publicar o Tratado da paz com
Cambaya: Tratado vergonhoso, feito
no

Era vulg. no tempo, em que se acabava de ganhar huma victoria sublime: Tratado pedido, rogado, requerido com industrias na conjuntura, em que todo elle devia ser lavrado com palavras de triunfo, pelo mesmo Viso-Rei em tom supremo: Tratado, em que elle consentio que os Portuguezes da Fortaleza ficassem nella acantonados com hum muro de divisaõ de mar a mar, que lhes tirava a communicaçaõ da Cidade: Tratado em fim todo de vantagens para o Rei de Cambaya, aos Portuguezes taõ odioso, que elles se capacitáraõ era hum tratado vendido. Elle foi a causa do segundo sitio de Dio no governo de D. Joaõ de Castro, como veremos a seu tempo: elle a origem do mesmo desprezo de Cambaya, que sem fazer caso delle nos mandou pouco depois invadir as terras de Baçaim, naõ tirando o Viso-Rei outro fruto desta jornada de Dio, senaõ deixar as obras da Fortaleza em melhor estado que antes.

No governo della foi provido Diogo Lopes de Sousa: ao de Ormuz resti-

stituido D. Pedro de Castello-Branco, Em vulg.
que Nuno da Cunha mandára depôr
por causa de Capitulos, que derað
contra elle; a Miguel Ferreira se encarregou
o soccorro ao Rei de Cota
em Ceilað, aonde seu irmað Madune
foi obrigado a fazer com elle a paz;
e nós concluimos os successos deste anno
com os ultimos de Malaca. No fim
do passado intentárað os Achens tomar-nos
a Fortaleza; mas encontrárað
tað prevenido o Governador D. Estevað
da Gama, que nað satisfeito com
sustentar a defensiva, sahio contra elles
a campo, e em hum choque todo de
opiniað lhes degolou 500, e obrigou
a embarcar o resto. Agora estimulados
vierað elles com forças dobradas despicar
a primeira injúria. D. Estevað os
hospedou do mesmo modo; e derrotados
em terra, Tristað de Ataíde,
que chegára das Molucas, e se achou
em ambas as expedições com muito
valor, foi mandado na nossa Armada
a picar a sua na fugida.

Diogo Lopes de Sousa provido na 1539.
Fortaleza de Dio, viera este anno por

Era vulg. Commandante de cinco náos do Reino, que augmentáraõ as nossas forças para podermos intentar acções de estrondo. Entaõ soáraõ dous na India, ambos com admiraçaõ de quem os ouvia. O primeiro, estando o Viso-Rei ainda em Dio, foi o do despreso, com que os Guzarates tratáraõ os ajustes da paz acabada de celebrar, entrando, com as armas na maõ pelas terras de Baçaim, como quem mostrava a estimaçaõ, que fazia de amizade comprada. Ruy Lourenço de Tavora governava a Praça, e porque receou ser sitiado, pedio soccorros ao Viso-Rei para os desalojar dos seus postos, antes que se engrossassem. Elle lhe mandou a Tristaõ de Ataide, que esquecidos na India os seus crimes comettidos em Maluco, fazia nella taõ alta figura, que depois de honrado em Malaca, o seu Governador D. Estevaõ da Gama o enviou com 200 homens a soccorrer Dio; agora o Viso-Rei com mais gente a defender o Tavora.

Os dous Chéfes se conduzíraõ com tanto valor no primeiro encontro, que

dor-

derrotados os Guzarates, elles acantonárao as suas reliquias em huma Ilha. Depois se renovou esta guerra com tanto empenho, que Coge Çofar com hum corpo de Exercito a veio sustentar em pessoa. Naõ perdoou este General á diligencia, que houvesse de ser necessaria para reduzir Rui Lourenço de Tavora á ultima extremidade. Nella lhe acodio D. Jorge de Lima, Governador de Chaul, com parte da sua guarniçaõ, que obrigou Çofar a conduzir-se mais circunspecto. Desenganado de que Portuguezes teimosos eraõ invenciveis, tomou tal fastio á guerra, que abandonou a empreza, e nos deixou por algum tempo pacificos em Cambaya.

Era vulgar

Geral na Asia foi o segundo estrondo, como écco de repercuçaõ sahido do grande brado da victoria de Dio. Toda ella na longa duraçaõ do sitio tinha os olhos fitos no formidavel poder de Cambaya, que o emprehendia auxiliado das forças Otomanas. Taõ alta era no Oriente a reputaçaõ dos Rumes, taõ constantes as esperanças na

Fró-

Em vulg. Fróta taõ respeitavel do Baxá, que além de dar espiritos á decadencia dos Principes do Indostaõ, como se estivessem já livres do jugo estrangeiro, que os opprimia: elles entendêraõ, que se abririaõ as pórtas de todas as Praças, aonde os Rumes chegassem: que em todos os Póvos, especialmente nos Portuguezes derramariaõ o terror, o espanto; e que em parte alguma elles encontrariaõ resistencia. Já aquelles Principes mutuamente se convidavaõ para repartirem entre si os despojos, os bens inventariados dos inimigos, que hiaõ a ser esmagados para lhes ficar sem impedimentos a partilha. Agora vendo a formidavel Armada, que atroára o mundo, recolher-se desbaratada, quasi desfeita, com a reputaçaõ perdida, os Turcos mórtos, ou feridos, e isto ás mãos de quatro Portuguezes ilhados em Dio: elles mudaõ de affectos, e de exterioridades; elles se apressaõ a mandar beijar a maõ, que os carregava; elles mesmos offerecem mais fuzis para gravarem o peso da cadêa, que os opprimia,

Taes

Era vulg.

Taes foraõ o Idalcaõ, o Nizamaluco, Accedecaõ, outros Principes visinhos, especialmente o soberbo Çamorim, que todos se consideráraõ na necessidade de seguir, e deixar levar da torrente da felicidade Portugueza. Todos elles se adiantáraõ diligentes a procurar a renovaçaõ dos Tratados antigos com condições mais abatidas, especialmente o ultimo daquelles Monarcas, se sempre arrogante, nunca como agora sobmettido. Elle negociou os primeiros Officios com Manoel de Brito, Capitaõ da Fortaleza de Chale, sendo as instancias taõ vivas, que o obrigáraõ a prometter a sua companhia aos Embaixadores, que havia mandar a Goa para mediar com o Viso-Rei nos ajustes. Se com as vantagens desta paz de Calecut houvesse sido a de Cambaya, o Viso-Rei deixaria a sua reputaçaõ mais bem estabelecida na India. Regulados os Artigos, D. Garcia naõ podendo ir' a Panane em pessoa, aonde o Çamorim os havia jurar, e confirmar, como se tinha convencionado, mandou a esta diligencia a seu

fi-

Era vulg. filho D. Alvaro, que a executou com explendor.

Este Fidalgo foi de Panane para Cochim expedir as náos do Reino, em que havia embarcar D. Estevaõ da Gama, que chegára de Malaca acabado o seu governo. Elle o naõ fez por achar cartas do Conde de Vimioso, sogro de seu irmaõ o Conde Almirante, que lhe dizia naõ sahisse da India, no caso de haver Martim Affonso de Souſa partido já para Portugal. Insinuaçaõ clara, de que tinha de recahir nelle o governo depois de D. Garcia. Embarcou porém o grande Antonio da Silveira, que na sua chegada a Lisboa El-Rei o mandou ir da náo á sua presença acompanhado da Nobreza da Corte, e o recebeo com as honras bem merecidas pelas suas memoraveis acções. Com a mesma comitiva sahio do Paço para casa da filha de Lopo Vaz de Sampaio, Governador que foi da India, com a qual estava desposado por palavras de futuro, e nesse dia a recebeo com ellas de presente.

Achou

Era vulg.

Achou este Fidalgo a Côrte occupada de consternaçaõ pelas mórtes immaturas do Infante D. Filippe, e da Imperatriz D. Isabel, mulher de Carlos V., irmã d'El-Rei. Os dous Soberanos se mandáraõ visitar nos seus sentimentos mutuos; o Imperador a El-Rei pelo Embaixador D. Luiz de Zuniga, Gentil-Homem da sua Camara, e Fidalgo adornado de qualidades illustres; El-Rei ao Imperador pelo Duque de Aveiro, com ordem de se hospedar em casa de D. Francisco Lobo, irmaõ do Baraõ de Alvito, que havia succedido a D. Aleixo de Menezes na Embaixada de Castella: ordem, que o Duque naõ pode observar, por lhe naõ ser possivel resistir ás instancias cortezes, e officiosas do Arcebispo de Toledo. Na occasiaõ da mórte da Imperatriz conquistou o Ceo para si a grande alma de S. Francisco de Borja, entaõ Duque de Gandia. Descobrindo o cadaver desta Senhora para fazer delle a entrega de que hia encarregado no lugar da sepultura: Vendo a formosura especiosa, a grandeza magnifi-

ca,

Era vulg. ca, a Mageſtade ſublime reduzidas a huma podridaõ intoleravel, a paſto das ſevandijas mais humildes, a hum cadaver hidiondo: ſuſpenſo, paſmado, como extatico rompeo em vozes intercadentes: *Nunca mas ſervir Señor, que ſe me pueda morir*: deſengano ultimo, que o obrigou a abandonar a pompa, o fauſto, a grandeza do mundo, veſtir a roupeta de Jeſuita, trocar a ventura caduca pela felicidade eterna, paſſar de valído do Ceſar a amigo de Deos; que ſó ſaõ os verdadeiros homens exceſſivamente honrados com imperio permanente.

CAPITULO V.

Mórte do Viſo-Rei D. Garcia de Noronha: ſuccede no governo D. Eſtevaõ da Gama, e ſe trataõ os ſucceſſos do anno de 1540.

1540. Pouco tempo goſtou o Viſo-Rei as doçuras da paz geral, que acabára de ajuſtar. A idade, mais que a doença, o cha-

chamava para a mórte, que elle esperou constante, naõ o perturbando os sustos da noticia para cumprir até ao ultimo ponto com os deveres de General, e de Catholico. Elle tentou em vaõ que seu filho governasse por elle, até que por sua mórte se abrissem as Vias. A Nobreza naõ estava em disposições de acceitar proposta semelhante, que regeitou com politica, por naõ confórme á sua dignidade. Obrigado a dar no governo os ultimos passos, depois de despachar para as Molucas a D. Jorge de Castro, que havia render o illustre Antonio Galvaõ; de prover muitas das Fortalezas da India, recolhido com o seu Confessor, sem consentir que mais se lhe fallasse em negocios temporaes, tratando dos eternos, o Viso-Rei D. Garcia acabou a sua larga vida aos 4 de Abril deste anno de 1540. com anno, e meio de Viso-Rei da India, que agora o chorou pouco, e o sentio menos do que merecia a sua alta qualidade, e os seus longos serviços feitos na mesma India.

An-

Era vulg.

Antes de sepultado o cadaver, foraõ abertas as vias das succesʃsões pelo Védor da Fazenda Fernaõ Rodrigues de Castello-Branco, e nellas se achou nomeado em primeiro lugar Martim Affonso de Sousa, que tinha embarcado para o Reino. Na segunda Via lembráraõ os merecimentos de D. Estevaõ da Gama, que estava presente, e ouvio a noticia da sua inauguraçaõ a taõ alto emprego com tanta indifferença, como se naõ fora com elle. Talvez que o seu grande espirito se recolhesse logo a fazer reflexões na desgraça dos seus predecessores, que pela maior parte haviaõ encontrado abatimentos nas elevações da India. Como elle a amava mais por ser hum descobrimento do Conde Almirante seu Pai; D. Estevaõ para se naõ entender que obrava cego do amor do interesse, que arrasta, ou para prevenir os inconvenientes futuros, que arrastáraõ a muitos, ordenou aos Officiaes da Fazenda lhe fizessem hum inventario exacto dos seus bens para justificar por hum acto público, que quanto tinha

o

o adquirira antes de Governador, e que para depois nada menos tinha na vista, que servir-se do cargo para engrossar a riqueza.

Era vulg

O mesmo mez de Abril, em que falleceo o Viso-Rei D. Garcia, foi fatal para Portugal na perda de Reaes vidas. Nelle entrou a morte a formar o circulo funebre do anno com a do Infante D. Antonio, filho d'El-Rei, e com a de seus irmãos o Infante Cardeal D. Affonso, e do Senhor D. Duarte: Principes ambos, que serviaõ de ornato magestoso, hum ás purpuras, o outro ás Coroas. Muita resignaçaõ era necessaria, para que a dôr naõ rompesse as medidas na sensibilidade destes golpes, que se descarregavaõ sobre as feridas ainda abertas de outros semelhantes no anno passado. Mas o Rei, que sabia buscar o conforto daquelle, que assiste com os atribulados, todos levou com a mesma conformidade catholica, que tambem o ensinava a adorar os juizos occultos de Deos na permissaõ da potencia, a que se hia sublimando o Xerife de Africa,

Era vulg. como se estivesse prevendo, que ella havia descarregar sobre Portugal outro golpe mais que todos sensivel.

Este Barbaro descontente do máo successo, que tivera sobre a nossa praça de Çafim, quiz desaffogar a cólera marchando de Marrocos contra seu irmaõ o Rei de Sus, que tinha de unir na sua cabeça muitas Coroas. Avistáraõ-se os dous Exercitos na Serra de Boibon, donde o de Sus destacou a seu filho Arroni para sustentar as escaramuças com os de Marrocos até receber segunda ordem. Agora, refere Joaõ da Serra, homem de vida proba, taõ bom Christaõ, que promessas, ameaças, e tres mil açoutes mandados dar pelo Xerife, naõ foraõ bastantes a reduzillo para exercitar o seu officio de fabricador de polvora. Que o de Sus, subindo com elle, com outro cativo, e com hum Mouro ao alto da Serra, depois que destacou o filho; elle olhando para o Ceo começára a rezar em alta voz; que tirára da manga cinco canudos de cana; que os arrojára á direita, á esquerda, adiante,

ſe, a traz, e o ultimo para o alto; que feitas eſtas ſuperſtições, ordenára a toda a preſſa ao filho déſſe principio á batalha; que ao arrojar os canudos, todo o ſeu esforço lhe fora neceſſario para ſe firmar na ſella, tremulo ao horror das concuſsões infernaes, que ſe ſentiaõ no campo, eſpecialmente no de Marrocos, que entendia o tragava a terra. Era vulg.

A verdade do ſucceſſo he, que o Xerife maior foi deſtroçado, e preſo com ſeu filho Buazon por ſeu irmaõ o menor Xerife Rei de Sus. Se o Diabo, que dizem era ſeu familiar, lhe deo a victoria, hum ſoberbo abateo o outro; porque o de Marrocos aos pés do irmaõ humilhado implorou a ſua clemencia. Elle o recebeo nos braços com taes exterioridades de compaixaõ, como ſe foſſe o vencido. Exterioridades viſtoſas, que entaõ ſerviraõ de diſſimular os tranſportes do odio, que veio em fim a produzir os ſeus effeitos coſtumados.

Pouco depois deſte ſucceſſo o Alcaide Almançor foi com duas mil lanças

Era vulg. ças a Azamor desafiar a nossa corage. Sahiraõ os Portuguezes á escaramuça, e como em Africa já eraõ outros homens, elles se retiráraõ com perda. Só Vicente Riscardo, Cavalleiro intrepido, quiz mostrar, que conservava a raça dos primitivos. Elle se deixou ficar firme no campo; e Almançor, que podera matallo, se divertio em combatello. Depois de huma disputa vistosa, o Mouro com huma lançada pelo grosso da perna o préga na sella do seu cavallo. Entaõ immovel o Riscardo se rende, he levado a Morrocos, o Xerife o trata por valeroso, naõ escravo; mas amigo. Quando o Xerife de Sus se fez senhor de Marrocos mandou assassinar este bravo homem pelo crime do valimento, que tivera com seu irmaõ.

Entre os Embaixadores, que El-Rei tinha este anno pelas Cortes da Europa, era hum delles D. Pedro Mascarenhas na de Roma junto á pessoa do Papa Paulo III. A este tempo, em que o Rei desejava que da promulgaçaõ do Evangelho na Asia resultas-

sem

ſem á Igreja tantas vantagens, quantas recolhia o Eſtado na reputaçaõ das armas, e nos intereſſes do Commercio. O Jeſuita Simaõ Rodrigues, fazendo-ſe lugar diſtincto na amizade do Embaixador, conſeguio delle que eſcreveſſe a El-Rei, e lhe propozeſſe os Socios da Companhia, acabada de eſtabelecer pelo Padre Santo Ignacio, para Miſſionario da India. Offerta mais acceitavel naõ ſe podia apreſentar aos animos pios dos Reis D. Joaõ, e D. Catharina. Sem dilaçaõ recebeo ordem o Embaixador para fazer paſſar a Portugal o meſmo Simaõ Rodrigues, e com elle, já eſcolhido pela Providencia para nova luz do Oriente, o Padre Franciſco Xavier.

Era vulg...

Chegando a Portugal eſtes dous grandes Varões, e engolfados nas ondas empoladas da Corte de Lisboa, cada hum delles ſe determinou a navegar por differente rumo. O S. Franciſco Xavier, que do ſeu Patriarca aprendêra a dizer, e a moſtrar que a terra lhe parecia immundice, quando olhava para o Ceo, tomou eſte rumo,

Era vulg. mo, embarcando para a India no anno seguinte com o Governador Martim Affonso de Souſa, parecendo-lhe elle mais ſeguro para com paſſos de Apoſtolo naõ errar a jornada da Pátria. O Padre Simaõ Rodrigues quiz perſuadir, que tambem ſe acertava com o meſmo rumo pela via da terra, ficando em Lisboa para attrahir os eſpiritos com o exemplo, que naſce da prégaçaõ da palavra de Deos, do enſino da Moral ſanta, das viſitas dos carceres, e hoſpitaes, de todas as mais obras edificantes, que era neceſſário ſer viſtas para eſtabelecer com credito em Paiz eſtranho hum Inſtituto novo. Eſtas exterioridades pias foraõ os fundamentos ſolidiſſimos, ſobre que firmou a ſociedade dos Jeſuitas a máquina da ſua Congregaçaõ em Portugal, aonde ſubio a huma ſublimidade deſmarcada, aos pinaculos do Templo, e do Paço, aonde parece que as tentações ſó encontraõ reſiſtencia em huma corage divina, que naõ póde arrojar-ſe voluntaria aos precipicios para rebentar na quéda.

Em

Em poucos annos cresceo esta Congregaçaõ em número de individuos, naõ só pelos que Simaõ Rodrigues mandou vir de Hespanha, França, e Italia, mas pelo que cathequisavaõ em Coimbra, em Lisboa, por muitas partes do Reino Jesuitas, huns delles á cara descoberta, outros disfarçados, como foraõ os Padres Manoel Godinho, e Affonso Barreto. Entrou pela Nobreza mais qualificada a selecçaõ, a escolha de sugeitos para Congregados, que deraõ occasiaõ ás queixas dos parentes por lhes arrancarem dos braços as prendas do amor, e das esperanças. Entre outros naõ podéraõ conter-se D. Diogo da Silveira, Conde da Sortelha, D. Henrique de Menezes, D. Joaõ Telo de Menezes, e sobre todos o Duque de Bragança D. Theodosio, que se queixou a El-Rei do Padre Simaõ Rodrigues haver sobprendido a seu irmaõ D. Theotonio para o incorporar na sociedade. Já a este tempo o Padre Simaõ estava senhor da vontade do Rei, e tinha conseguido a nomeaçaõ de Mestre do Principe: dous passos tanto

Em vulgo.

Ers vulg. de gigante, que lhe ficou fobordinada a Corte, como dizem.

Quando eftas coufas paffavaõ em Portugal, e em Africa, o novo Governador da India D. Eftevaõ da Gama nos primeiros movimentos do governo promettia felices os aufpicios na continuaçaõ delle. Obfervou o feu efpirito illuminado, que a licença introduzida nos homens da fua naçaõ, naõ fó os fazia defconhecer a neceffidade da fobordinaçaõ; mas lhes derrotava o credito entre as gentes civilifadas da India: Que elles authorifavaõ as defordens com as liberdades da guerra, que lhes infpiravaõ huma vida de tumulto: Que com efpecialidade a Nobreza, ella fe arrogava hum defpotifmo fem freio, huma libertinage como privilegio do nafcimento, hum defprefo para os Póvos Mahometano, e Gentilico, com o predicado do fangue, que tinha authoridade para as injuftiças, para os aggravos, para as oppreffões: Que as mulheres, e as filhas dos Indios naõ tinhaõ azylo, quando ella os perfeguia com os repelões do ap-

pe-

petite: Que fazendas, e honras alheias eraõ despojos da maledicencia, e da avareza; esta que enriquecia por meios injustos; aquella que despicava com vingança infame, que com vulgaridade passava da lingua para as mãos. Era vulg.

D. Estevaõ da Gama, que se regia pelas maximas da probidade, sentido de tantas desordens escolheo para Chéfe-acçaõ do seu governo escogitar os meios de as remediar. Elle chamou a Nobreza a huma Assembléa particular. Principiou a tecer-lhe hum discurso vivo, e pathetico, em que lhe foi persuadindo com vozes geraes a força dos exemplos bom, e máo em pessoas de alta qualidade, que facilmente produziaõ nos outros effeitos conformes a elles. Fez comprehender-lhe, quanto era necessario aos seus mesmos interesses, que elle naõ tivesse descuidos em se lançar de peitos a ter maõ no enchurro dos excessos, que rápidamente a levavaõ á ultima ruina. Tanto tocou ao corpo veneravel do congresso com demonstrações evidentes, que elle naõ pode deixar de consentir nos re-

gu-

Era vulg. gulamentos sábios, huns que vingassem, outros que fizessem suspender o crime.

O bom successo desta negociaçaõ o animou para entrar mais resoluto na refórma dos negocios de Estado. A arrecadaçaõ da Fazenda era a que mais a necessitava á vista dos roubos, que sem consciencia se faziaõ ao Rei, ou lhe faziaõ os seus Depositarios em tempo, que todos pareciaõ diligentes, e naõ se achava algum fiel. Elle cuidou em encher os armazens vasios, em reparar os navios varados, em arrecadar melhor os generos, as especiarias, que chegavaõ ao Reino podres: vindo aos estaleiros, e contando no trabalho das náos só 700 homens, gritou que no tempo de Nuno da Cunha haviaõ 800, e que elle queria muitos de mais, e nem hum só de menos. No augmento da Christandade naõ foi D. Estevaõ menos zeloso: elle fundou em Goa o Collegio da Santa Fé para a educaçaõ das Mocidades, debaixo da direcçaõ, e doutrina do Veneravel Padre Miguel Vaz, Vigario Geral da In-

India, que com zelo fervoroso plantou a vinha do Deos de Sabaoth em muitas Regiões da Asia.

Era vulg.

Todas as cousas da India no tempo de D. Estevaõ pareciaõ como no seu primeiro estado, da sórte que o dizia hum dos Reis de Cochim, affirmando que a nossa Naçaõ levára a ella tres cousas excellentes, a saber, verdade, espadas largas, e Portuguezes de ouro sem liga. Tudo appareceo renovado no tempo deste Governador, que do fundo do seu cabedal tirou grossas sommas, para que naõ apparecesse com fezes o ouro dos Portuguezes com verdade, que bem manejavaõ a espada. Depois de despachar muitos Officiaes benemeritos, porque nas Memorias do Viso-Rei D. Garcia achou huma instrucçaõ para o seu Successor, em que lhe propunha quanto era conveniente ao Estado mandar queimar no porto de Suez a Fróta dos Rumes. D. Estevaõ da Gama entendeo, que esta expediçaõ era digna da sua propria pessoa; e se resolveo a executalla, preparando logo a Armada, de que fallaremos a seu tempo.

CA-

Era vulg.

CAPITULO VI.

Trataõ se outros successos da India no anno de 1540, e a viagem do Governador D. Estevaõ da Gama ao Estreito do Mar Roxo.

NA companhia de D. Estevaõ da Gama servia na India o mais moço de seus irmãos D. Christovaõ, que por ser revestido de talentos muito superiores á verdura da idade, elle o pôz na têsta da primeira expediçaõ do seu governo. Foi D. Christovaõ mandado a Cochim despachar os navios de carga, que haviaõ ir para o Reino, e preparar parte da Armada, que estava naquelle porto, e havia servir na viagem do Estreito. Com as suas virtudes, especialmente com a da liberalidade, se fez recommendavel D. Christovaõ a todas as gentes; com a sua prudencia cumprio exactamente as commissões, de que fora encarregado: com o seu valor castigou os atrevimentos de Arel de Porcá, e de hum Caimal seu vi-

visinho, que obrando de concerto, comettiaõ insolencias contra os Portuguezes no exercicio de pyratas. O Caimal perdeo a vida, e o Arel foi reduzido a tal extremidade, que teve de se sobmetter a quantas condições humiliantes lhe prescreveo D. Christovaõ.

Era vulg

Outro bom principio do governo de D. Estevaõ foraõ as vantagens, que Ruy Lourenço de Tavora alcançou das forças de Bramaluco. Este tinha sido senhor das terras de Baçaim, que lhe tirára Sultaõ Badur para as doar aos Portuguezes na occasiaõ da alliança contra os Mogores. Agora com a noticia da morte do Viso-Rei, Bramaluco quiz reentrar na posse do seu patrimonio, e invadio as terras com hum corpo de 300 cavallos, e de 5ↀooo infantes. Ruy Lourenço sahio contra elle a campo com 50 cavallos, e 600 infantes, que dividio em quatro corpos ás ordens de Fernaõ da Silva, Alcaide-Mór de Alpalhaõ, de D. Luiz de Ataide, de Francisco de Sá o dos Oculos, e de Antonio de Sotomaior,

co-

Era vulg. cobrindo elle o corpo de cavallaria. Ruy Lourenço querendo saltar nos Barbaros de improviso, a elle succedeo o mesmo, que pensava. Atacado de repente com forças superiores, os Portuguezes estiveraõ perdidos; mas remediando o valor a desordem, os bravos Officiaes remettendo aos inimigos por todos os lados, os derrotáraõ, os pozéraõ em fugida, largáraõ as terras, e se embrenháraõ pelas margens do rio de Antora.

Pouco depois soube o Tavora, que do estaleiro de Agaçaim se havia lançado ao mar a célebre náo Zambuco, que fez várias viagens a Portugal. Desejou o Tavora tomar esta náo ainda desmasteada; e marchando elle por terra a Agaçaim, ordenou a D. Luiz de Ataide, que com 200 homens em déz navios entrasse pelo rio para dar cabos á náo, e trazella a reboque. O Bramaluco tinha a povoaçaõ fortificada, e nas margens do rio muitas trincheiras guarnecidas. Todas desbaratou D. Luiz, e marchava a invadir a Villa, quando o Tavora por outra parte

a entrava. Os inimigos a abandonáraõ depois de destroçados; Agaçaim foi queimada, o grande Zambuco, destinado para Meca, veio para Baçaim: duas expedições gloriosas, de que se servio Ruy Lourenço de Tavora para adoçar os Artigos da paz vergonhosa, que o Viso-Rei D. Garcia ajustára com o Rei de Cambaya.

Era velg.

Com impaciencia esperava D. Estevaõ da Gama a vinda das náos do Reino para fazer a viagem do Estreito, quando á barra de Goa chegáraõ quatro commandadas por Francisco de Sousa Tavares, que trazia ás suas ordens os Capitães Vicente Gil, Simaõ da Veiga, e Vicente Lourenço Batavias. Nella vinhaõ reiteradas por El-Rei as instancias a D. Garcia de Noronha, para que sem perda de tempo mandasse queimar as galéz dos Turcos no mesmo porto de Suez. Estas instancias acabáraõ de resolver o Governador á viagem do Estreito contra os votos de Diogo Alvares Teles, de Ruy Vaz Pereira, e de Garcia de Sá: viagem, que devendo ser feita com

se-

Era vulg. segredo, e promptidaõ, o seu principal projecto se mallogrou por haver cahido nestas faltas enormes hum General da illuminaçaõ de D. Estevaõ da Gama, como succede ao tempo, que isto escrevemos neste anno de 1775 á grande expediçaõ de Hespanha sobre Argel, que por se haver emprendido sem promptidaõ, nem segredo, o seu primeiro desembarque no mez de Junho passado foi taõ infeliz, como nos indicaõ as Memorias do tempo.

Quando se preparava a Armada veio de Baçaim Ruy Lourenço de Tavora para se embarcar para o Reino, e Baçaim foi provido em D. Francisco de Menezes. A respeito do provimento se deshouveraõ, e se desafiáraõ estes dous Fidalgos, que da pendencia sahiraõ amigos; mas Ruy Lourenço com huma cutilada na testa, e D. Francisco ferido em hum braço. Elles guardáraõ tanto segredo na causa do desafio, que muitas vezes perguntados, ambos se comprometiaõ no que o outro dissesse, e assim se calláraõ ambos. Depois succedeo no Paço de Lisboa, que re-

parando Ruy Lourenço na attençaõ, com que o olhava huma Dama, filha de D. Jeronymo de Menezes, irmaõ de D. Francisco. Elle pondo o dedo na cicatriz, lhe disse alegre: Senhora, que me olha? Esta ferida me fez seu tio o Senhor D. Francisco, e he a maior honra, que tenho. Partio Ruy Lourenço, e D. Alvaro de Noronha nas náos, que este anno vieraõ para o Reino; o Governador poz de verga d'alto a Armada, em que havia navegar para Suez.

Apenas elle foi encarregado do Governo da India, cahio logo na primeira falta de publicar, que quanto antes iria em pessoa ao Estreito queimar a Frota dos Turcos. Revelado hum segredo de tanta importancia por toda a India, chegou a noticia aos ouvidos de Coge Çofar, que pára se introduzir na graça do Sultaõ, sem perda de instantes mandou expressos a todos os portos do Estreito até Suez prevenir os Turcos para repararem o golpe, que os ameaçava. Nós veremos que este primeiro erro foi acompanha-

Era vulg. do da segunda falta, que era a promptidaõ na empreza. Porque D. Estevaõ da Gama, que devia logo levar as proas direitas a Suez, até entaõ sem algúma defensa; elle desbaratou a preciosidade do tempo em visitar os Portos da Cósta de Africa, em dar lugar á vaidade dos bons *successos*, nos ricos despojos feitos nas Ilhas de Maçuá, de Suaquem, em Alcocer, em Toro; sendo estas manobras outros tantos volantes, que marchavaõ na sua vanguarda, e hiaõ publicando: Ahi vem D. Estevaõ com huma poderosa Armada de Portuguezes dar fogo em Suez á dos Turcos.

1541 Em fim, no primeiro dia de Janeiro, encarregado do Governo da India o Védor da Fazenda Fernaõ Rodrigues de Castello-Branco com o Governador de Goa, e o Ouvidor geral por adjuntos, D. Estevaõ da Gama sahio da barra com o formoso apparato de 72 náos, em que entravaõ doze de alto bordo. Com elle embarcou D. Joaõ Bermudes, Patriarca da Ethiopia, que viera do Reino para ir exercitar os fun-

çóes

ções da ſua Dignidade nos Eſtados do Preſte Joaõ, e hum corpo igualmente numeroſo, e brilhante da Nobreza, que entaõ era muita na India. Ora ſeguindo nós os movimentos deſta Armada, em poucos dias a vêmos na Cóſta da Arabia, poſto que derramada, por iſſo detida na bocca do Eſtreito eſperando alguns dos navios da ſua conſerva. Á entrada delle ſe encontrou com o de Garcia de Noronha, hum Geniſaro, que o Viſo-Rei do meſmo nome fizera Chriſtaõ em Dio, e o informou, como naquella Cóſta ainda ninguem eſperava á ſua vinda; que as galés Turcas eſtavaõ ſem guarda; e que chegar a Suez, e abrazallas eraõ duas acções indiſtinctas.

Era vulg.

Juſtamente ſe alvoroçou D. Eſtevaõ com taõ alegres novas, que deviaõ obrigallo a fazer toda a força de véla para chegar á paragem do ſeu deſtino. Elle obrou tanto pelo contrario, que foi com todo o vagar coſteando, e notando a Enſeada do Palmar: paſſou pelas Ilhas primeiras á outra Enſeada da Fortuna com tanta lentidaõ, que

Era vulg. o grande D. Joaõ de Caſtro, entaõ hum Fidalgo aventureiro, depois magnanimo Viſo-Rei da India, foi tomando as alturas do Sol, fazendo roteiros, ſondando as Enſeadas, notando as couſas célebres do Eſtreito, as cauſas naturaes das manchas vermelhas, de que toma nome aquelle mar. Tudo fructos das applicaçőes Mathematicas, em que fora inſtruido pelo célebre Pedro Nunes, e com que elle teceo hum Tratado curioſo para o apreſentar ao Infante D. Luiz, que tinha ſido ſeu condiſcipulo na Aula daquelle grande Meſtre.

Partio a Armada da Enſeada da Fortuna para as Ilhas da Paſcoa, e ſervindo-lhe o tempo chegou a Arquico, donde paſſou a Maçuá. Aqui mandou o Governador alimpar as náos, ajuntar provimentos, e fez conſelhos ſem outras conſequencias, que a de reſolver ficaſſem naquelle porto as náos de alto bordo, por naõ ter o Eſtreito fundo para ellas navegarem. Perſuadido pelos Regedores de Maçuá, que caſtigaſſe ao Rei de Suaquem; por-

porque sendo amigo dos Portuguezes, Era vulgar
e tributario do Preste Joaõ, se fizera vassallo do Imperio Turco. Elle se encarrega da commissaõ, e antes de sahir do porto, manda a seu irmaõ D. Christovaõ, que com doze navios se fosse postar entre a Ilha, e a terra firme, para onde o Rei já tinha passado com o temor das noticias da Armada; sendo as que elle entaõ mandou as primeiras, que chegáraõ a Suez, e ellas a causa dos soccorros, que recebeo a praça tres dias antes de D. Estevaõ da Gama apparecer sobre a embocadura do seu porto.

Despedido D. Christovaõ, o Governador ainda se demorou alguns dias para fazer a entrega do Patriarca, e dar as ordens a Manoel da Gama, que ficava encarregado do commandamento das náos grossas com 700 homens de guarniçaõ. Chegou D. Estevaõ a Suaquem, aonde havia sete dias, que seu irmaõ o esperava. O Rei o entreteve mais oito com propostas fingidas de paz, até que desenganado das industrias, com que queria ganhar tempo,

Era vulg. o foi atacar na terra firme com mil homens. Elle se poz logo em fugida; abandonando o campo, que achamos rico; mas muito mais a Ilha de Suaquem, aonde foi imponderavel o valor do despojo. Houveraõ soldados, que tiveraõ cinco mil cruzados de partilha, e Officiaes de trezentos; e de quinhentos mil. Houve outra demora em Suaquem na disputa de navios incapazes de navegarem o Estreito, que ainda hiaõ na Armada, e se deviaõ fazer retroceder para se incorporarem com os que ficavaõ em Maçuá. Muito mais ardente, e dilatada foi a dos Fidalgos, que haviaõ voltar nelles, e nenhum queria. Disputa, que o Governador trabalhou por adoçar, e teve bem de difficuldade em a compôr, ficando ella em memoria naquelle lugar, a que se deo o nome da Enseada dos Aggravados.

A 14 de Abril quando a Armada Turca já podia estar reduzida a cinzas sem resistencia, D. Estevaõ, sem recolher algum fructo, foi queimar a Cidade de Alcocer com tres corpos

de

de gente, que mandavaõ D. Christovaõ na vá-guarda, Tristaõ de Ataide no centro, elle na retaguarda. O receio de que voltassem os Turcos destroçados, nem deo lugar, para que a cubiça se cevasse nos despojos. Continuou a viagem, e no fim de quatro dias avistámos a Villa de Tor, e na praia hum corpo de 200 Turcos armados. Naõ pode conter-se a nossa paciencia sem saltarmos em terra, investillos, derrotallos, marchar a abrazar a Villa. Quando D. Christovaõ lhe queria dar fogo, apparecêraõ dous Monges Basilios de Santa Catharina de Monte Sinai, que ficava á vista de Tor, aonde elles tinhaõ outro Convento. Os seus rógos impedíraõ o incendio, e a sua vista moveo no Governador, e em todos os Portuguezes lagrimas doces de consolaçaõ pela providencia, com que Deos sustentava entre Barbaros nas Regiões remotas homens Catholicos para vivos Padrões da verdade do Christianismo.

Era vulgi

Elles conseguíraõ do Governador ir visitar o seu Convento, donde se

des-

Era vulg. descobria o de Monte-Sinay. Passados os prazeres mutuos dos nossos, e dos Monges, os Fidalgos pedíraõ ao Governador que para memoria de jornada taõ feliz, á vista de lugar taõ santo os armasse Cavalleiros: o que fez a muitos, entre elles aos dous grandes homens D. Joaõ de Castro, e D. Luiz de Ataide: honra, que a este ultimo invejou depois o Imperador Carlos V., quando elle recusou acceitalla das suas mãos pela haver recebido no memoravel lugar pelas de D. Estevaõ da Gama, que tinhaõ de valerosas o que lhes faltava de Reaes.

CAPITULO VII.

Chega D. Estevaõ da Gama á Cidade de Suez: o que nella lhe succede, e na sua volta para a India.

DESPEDIDO D. Estevaõ da Gama com grande ternura dos Monges Basilios de Tor, e continuando a sua viagem, no fim de oito dias surgio duas

legoas distante de Suez, situada no Isthmo do seu nome, em terreno esteril, secco, e desagradavel. Quizera elle haver á maõ alguns homens da terra, que o guiassem por aquelle mar incognito até a embocadura do porto, e encarregou desta diligencia a Tristaõ de Ataide, que naõ a conseguio por errar os canaes com o escuro da noite. Como se suppunha que em Suez naõ havia alma viva além dos poucos moradores, que habitavaõ em quarenta casas de palha; miseria a que estava reduzida a grande Cidade, que alguns quizeraõ fosse na antiguidade a celebrada Heroas, muitos a memoravel Arcinoe, alguns a respeitavel Cleopatrida; D. Estevaõ da Gama mandou pôr nella as prôas, entrar o porto, levarem os soldados o fogo acceso, pegarem-o ás galés, vêllas arder, e sahir do Estreito. Para esta manobra sonhada se avançáraõ D. Joaõ de Castro, Tristaõ de Ataide, e D. Francisco de Menezes seguidos por D. Christovaõ da Gama.

Entaõ soou das galés hum tiro de

ca-

Era vulg.

Era vulg. canhaõ, que era o signal para se mover o Exercito Turco chegado do Cairo havia tres dias, por terem naquella Cidade recebido as noticias, que mandára Coge Çofar, e o Rei de Suaquem da vinda da nossa Armada. Os Chéfes Portuguezes se sobprendêraõ com a vista naõ esperada dos Turcos, que naõ podiaõ investir taõ poucos sem a certeza constante de se perder. Elles retrocedêraõ para informar desta novidade ao Governador, que entaõ conheceo os defeitos da revelaçaõ do segredo da sua jornada, da lentidaõ com que a fizera; e receoso de que os Turcos preparassem as galés para seguirem os poucos navios ligeiros, que levava, se aproveitou do bom tempo para sahir quanto antes do Estreito. Todo o fructo, que tiramos desta viagem, foi o de romperem as nossas quilhas as aguas no lugar, em que ellas se abríraõ para passar o Povo de Israel a pé enxuto, quando Faraó o perseguia na sua retirada do Egypto, e vermos na terra os doze poços de Moysés, como consolaçaõ de naõ podermos colher na

nos-

nossa victoria o fructo das suas seten- Era vulg.
ta palmas.

Com viagem de poucos dias chegou D. Estêvaõ a Maçua, aonde achou a novidade sensivel da deserçaõ de 80 homens, que fugíraõ para a Ethiopia por naõ poderem sopportar o genio duro de seu tio Manoel da Gama, que elle deixára encarregado da Armada. Por sabedores presumidos desta retirada vio enforcados na praia cinco Portuguezes innocentes, que emprazáraõ a Manoel da Gama para apparecer com elles no Tribunal Divino. O certo he que o Gama enlouqueceo, ao sahir do Estreito acabou a vida, e nós na pouca fortuna desta expediçaõ de Suez tiramos a vantagem, ainda que sem utilidade, de fazer a Naçaõ Portugueza gloriosa no successo, que eu passo a referir.

Gradá Hamet, Rei de Zeila, e de toda a Côsta de Adel, arrogante com a amizade, e protecçaõ do Graõ Turco, se fez temivel ao Imperador da Ethiopia Athana Sagad, de quem elle antes era vassallo. Depois de conquistar algumas

Era vulg. mas Provincias, Hamet tomou taõ grande ascendencia sobre o Imperador, que se receava sentir mais funestas as consequencias. Elle, e a Rainha Sabani, sua Mãi, retirados á fragosidade de huma serra para escaparem á furia do Barbaro, tiveraõ por huma mercê especial da Providencia suprema a chegada dos Portuguezes á fronteira do Imperio na decadencia dos seus negocios. Firmes na sua amizade os Principes afflictos, constantes na boa vontade dos nossos Chéfes para os servirem, sabendo que a nossa Armada estava no porto de Maçua, commandada pelo Governador da India em pessoa; elles lhe despacháraõ com cartas aos principaes Officiaes da Corte, acompanhados do Bernagais, para lhe representarem o estado triste da Christandade da Ethiopia, depois que nella entráraõ os impios Musulmãos, como auxiliares do Rei de Zeila.

Com eloquencia taõ viva, e taõ tocante expozéraõ os Legados o abatimento da Religiaõ, e dos seus Principes, que o ardor dos Portuguezes

der-

derretido em lagrimas de ternura os movia a offerecer-se em competencia para irem dar a vida no serviço dos Principes, para derramarem todo o sangue na defensa da Fé. Para os acabar de reduzir já naõ foraõ necessarios os discursos inflammados do Patriarca D. Joaõ Bermudes: elles estavaõ ardendo. Pedia a prudencia que em materia taõ importante se convocasse hum Conselho. Naõ houve nelle voto, que deixasse de a reconhecer bem conforme á inclinaçaõ do Rei de Portugal; hum empenho digno da piedade Portugueza, e só se agitou qual havia ser a qualidade do soccorro. Conformáraõ-se os pareceres com o do Governador, que arbitrou o número de 400 homens. Esta tropa verdadeiramente se póde chamar escolhida; porque grande número da Nobreza, e os Officiaes mais distinctos se offereciaõ com emulaçaõ santa para servirem na empreza em qualidade de voluntarios.

Era vulg.

Faltava a nomeaçaõ do General; emprego, de que todos os Fidalgos se julgavaõ dignos, naõ podendo dissimu-

lar

Era vulg. lar o sentimento, quando víraõ, que o Governador nomeára a seu irmaõ D. Christovaõ da Gama, que naõ obstante ser ornado de muitas virtudes, como o olhavaõ só pela parte da sua mocidade mui verde, aprehendêraõ os máos successos, que saõ vulgares nas faltas de experiencia. Numerada, e dividida a tropa, apartados de toda a comitiva os dous irmãos pela adusta praia, que regávaõ com lagrimas ternas, nascidas do amor fraternal, ou como presagio funesto, de que aquella era a ultima vez, em que se haviaõ dar os braços: elles se despedíraõ, marchando a seis de Julho D. Christovaõ na testa de 150 homens, e na de 250 repartidos em cinco companhias os Capitães Manoel da Cunha, Francisco Velho, os dous irmãos Onofre, e Francisco de Abreo, e Joaõ da Fonseca, todos homens de conhecido valor, provados com experiencias longas na guerra da India. O Governador forneceo este corpo das melhores armas, entre ellas oito peças de campanha, copiosas bagagens, que tudo

do

ão era transportado pelos camelos, e mulas, que o Bernagais punha promptos nos caminhos. Eis vag...

Naõ he explicavel o trabalho, que os Portuguezes padecêraõ na marcha penosa de muitos dias pelo Paiz intractavel, já assolado pela guerra. O ardor do Sol os abrazava, a difficuldade das estradas os detinha, a altura das montanhas os pasmava, as aguas estagnadas os affligia, a esterilidade de viveres os debilitava, hum todo de miserias os seguia; mas a sua constancia portentosa nada a aballava. A verde mocidade de D. Christovaõ se deixava vêr hum promontorio de firmeza: só a si igual, superior aos mais, era o exemplar de todos. Assim marchando rodeados, na noite, de fadigas, no dia, de afflicções, os Portuguezes descêraõ das montanhas para as vastas planicies da Abissinia, que sendo extremosamente ferteis, como regadas de immensas aguas, pelos estragos da guerra ellas se representavaõ outra vasta solidaõ de horrores. Com a vista destas imagens tristes chegáraõ os nossos

Era vulg. sos á Cidade de Baroá, aonde os sahirão a receber com figuras de compungir os Monges do Mosteiro em procissão, cantando Hymnos, que auguravão a vinda feliz dos seus redemptores. Ora deixando nós neste lugar a D. Christovão, vamos a vêr seu irmão a Maçuá, e demos huma volta pela India.

Apartado D. Estevão da Gama dos braços de seu irmão, se fez á véla para Goa. Além de Çocotorá o assaltou huma tormenta furiosa, menos sensivel pela separação da Armada, que pela perda da galeota de Gaspar de Sousa, e pela da fusta de Alvaro Serrão, em que se affogou toda a gente, e alguns Fidalgos com ella. Nesta tempestade fez hum soldado ordinario o voto denodado de casar com D. Leonor de Sá, filha de Garcia de Sá, que o favoreceo sempre pelo seu brioso, e honrado pensamento em tão apertada conjuntura. Depois de muitos trabalhos D. Estevão chegou a Goa, aonde soube por cartas de Veneza, que neste anno sahira de Portugal Martim Af-

fon-

-fonso de Sousa para Governador da India. Logo que a mórte de D. Garcia de Noronha se soube em Lisboa, para o despacho deste Fidalgo prevaleceo o empenho de seu parente o Conde da Castanheira ao dos da Vidigueira, e Vimioso, que se esforçárao, para que D. Estevao da Gama fosse conservado no governo. Martim Affonso sahio de Lisboa a sete de Abril deste anno com cinco náos, em que além delle embarcárao os Capitães D. Alvaro de Ataide da Gama, filho do Conde Almirante, que hia provido no governo de Malaca, Alvaro Barradas, Francisco de Sousa, e Luiz Cayado, que era cunhado de Pedro Lopes, irmao de Martim Affonso. Nestas náos embarcou para a India S. Francisco Xavier, que nós deixaremos invernado em Moçambique, até ser tempo de o vêrmos brilhar Sol no Oriente.

Era vulg.

Na sua chegada a Goa, D. Estevao achou nella vários Embaixadores, entre elles os do Çamorim, e do Rei de Cambaya, que forao entretidos com civilidade, e despachados contentes

Era vulg. em negocios de importancia. Naõ foraõ taõ faceis de compôr os que já andavaõ agitados com o Nizamaluco sobre o dominio das Fortalezas de Sangaçá, e Carnalá, que vieraõ a ajustar-se depois de huma guerra viva. Nizamaluco era nosso tributario, e estas Fortalezas de dous vassallos seus, que se aproveitáraõ da ausencia do Governador na viagem de Suez para se revoltarem contra o proprio Soberano. Como elles estavaõ a cahir debaixo do peso do maior poder, pedíraõ a protecçaõ de D. Aleixo de Menezes, Commandante de Baçaim, cedendo-lhe as praças, com condiçaõ de os defender do Nizamaluco. D. Aleixo naõ pôz dúvida em acceitar a offerta, e declarar-se contra o Principe, que se sobprendeo da resoluçaõ naõ esperada em hum Chéfe amigo.

De huma, e outra parte começáraõ pequenas hostilidades, que acabáraõ em huma disputada batalha, vencida com partido muitas vezes desigual por D. Jorge de Menezes, e D. Francisco de Menezes, Cabos principaes

des-

desta acçaõ gloriosa. Nella succedeo fazer-se espectaculo célebre hum soldado honrado de Trancoso, taõ desmarcado nas forças, como na estatura, que pegando com a maõ esquerda pelo cinto de hum Mouro, em acçaõ taõ séria andou com elle levantado no ar como broquel para receber os golpes dos seus camaradas, que jarretava, sem que elle perdesse algum dos seus. Este homem foi hum dos instrumentos principaes da victoria, que perdeo Nizamaluco. D. Aleixo ficou conservando por entaõ as Fortalezas; mas o Principe derrotado mudou de meios para as restaurar, recorrendo á justiça de D. Estevaõ da Gama, que attendendo ao direito da sua causa, lhe mandou restituir as praças com o augmento de hum pouco mais no tributo, que antes pagava.

Era vulg.

CAPITULO VIII.

Do que succedeo a D. Christovaõ da Gama na Ethiopia até a sua mórte.

Era vulg.

EU vou a concluir este Livro com os successos de D. Christovaõ da Gama, que deixamos entrincheirado nos planos da Abissinia junto á Cidade de Baroá. Como o Imperador estava acantonado no fundo do Reino de Goyama, elle determinou que se lhe désse parte da sua chegada para vir com a maior pressa ajuntar-se com elle no mesmo campo. A Rainha, que assistia na serra em distancia de huma jornada, fez o mesmo aviso, persuadindo-a que a sua marcha para Baroá á sombra das armas Portuguezas seria hum meio para attrahir os seus vassallos dispersos, retirados da sua obediencia, huns suggeridos pelos Turcos, outros atacados do temor.

Com este requerimento de D. Christovaõ marchou o Bernagais em pessoa

para o propôr á Imperatriz. Ella recebeo a nova do nosso soccorro com hum prazer nascido do fundo do espirito, e determinou descer da célebre serra de Daman. Aquella montanha, que se distingue entre as mais singulares do mundo, despregada do meio de huma grande planicie, com o seu pico elevado a huma altura extrema, que faz a figura de hum campanario, aonde está hum Povo, hum Mosteiro, e terras taõ ferteis, que todo o anno pódem sustentar com abundancia muitos centos de pessoas. Ha nella magnificas cisternas, aonde se guardaõ as aguas da chuva, e de algumas fontes. A sua subida he por hum caminho summamente aspero, e escarpado; obra ideada pelo ciume de Estado com tal arte, que ao cume do monte naõ se sobe, nem delle se desce, sem que as guardas consintaõ, e guiem a gente, que he mettida, e tirada por cabrestantes de huma cavidade com muitas braças de cumprimento á maneira de huma grande gruta: lugar inaccessivel a qualquer attrevimen-

Era vulg.

Era vulg. mento, fabricado pelos Imperadores para terem feguros os Principes da fua cafa, e donde fe permittia fahir fó o que havia reinar. Efta politica taõ groffeira, de barbara antiguidade, ainda que depois foi em parte abolida, no tempo de D. Chriftovaõ da Gama ella durava.

A Imperatriz baixou defta horrivel montanha efcoltada por duas companhias de Portuguezes, fervida fómente por trinta Donas de Honor, deixando nella os filhos na companhia de fua mãi, que ainda vivia. O feu veftido era brilhante, e mageftofo; o conductor huma mula magnificamente adereçada; o rofto coberto de hum véo transfparente, que levantou para fe deixar vêr de D. Chriftovaõ. Efte a recebeo com as honras devidas á mãi de hum Imperador da Abiffinia. Derramando obfequios reverentes, elle lhe proteftou o muito que feria eftimavel ao Rei de Portugal efta occafiaõ dos feus vaffallos a fervirem, e ao Imperador feu filho: que elle, e a fua gente lhe offereciaõ até a ultima gota de fangue

gue

gue pela defensa da Religiaõ, e do Estado da Abissinia: que esperava em Deos naõ sahir della sem deixar restabelecidos os seus negocios com vantagens crescidas; e que se a guerra durasse, o Governador da India, seu irmaõ, lhe mandaria soccorros taõ consideraveis, que elle obraria acções, naõ só de quem defendia, mas de quem vingava.

Era vulg.

Depois de outros cultos, e graciosos cumprimentos, a Imperatriz foi conduzida ás Tendas, que estavaõ prevenidas entre o nosso acampamento, e a Cidade. Nellas conferio várias vezes D. Christovaõ com o Bernagais, e Fidalgos Abexins, que determináraõ se passasse alli o Inverno, em que poderia vir o Imperador, ou resposta sua para formarem o plano da campanha futura. Em todo este tempo conservou D. Christovaõ a trópa em disciplina taõ pontual, que ella bastou para merecer honras distinctas á Naçaõ Portugueza. Mais cedo do que se pensava chegou a resposta do Imperador, que pedia a D. Christovaõ marchasse, tanto que o tem-

Era vulg. tempo lhe desse lugar até se encontrar com elle para buscarem os inimigos. Como em Outubro cessáraõ as aguas, elle rompeo a marcha, fazendo a vanguarda dous Capitães com algumas das peças de campanha; logo as bagagens; depois a Imperatriz, e o Patriarca entre duas alas de 50 espingardeiros Portuguezes; na retaguarda D. Christovaõ, o Bernagais, os Capitães Abexins, e nos lados do Esquadraõ dous corpos de cavallaria, que faziaõ destacamentos para bater o campo.

Nesta fórma, passada a serra do Gane, chegou a trópa á de Canete, que era fortissima, e estava pelo Rei de Zeila, que a tinha guarnecido com mil homens ás ordens de hum bravo Official. Elle podia ser atacado com temeridade por tres partes escarpadas, a mais facil defendida com trincheiras, em todas ellas os mil homens capazes de fazerem parar, e de destruirem cem mil: huma serra, que tomada pelos de Zeila foi causa dos Abexins perderem algumas Provincias, a que ella servia de Baluarte. D. Christovaõ, con-

contra o parecer unanime da Imperatriz, e do ſeu Conſelho, ſe reſolveo a atacalla para moſtrar neſta operaçaõ ſuperior a toda a eſperança, que o valor Portuguez atropelava difficuldades ás outras gentes invenciveis. Elle ſe avança ao ataque varrendo com a artilharia os desfiladeiros, por onde ſobe intrépido com os Portuguezes divididos em tres corpos. Ganha o alto da montanha, aonde começa o combate, a que os Barbaros naõ reſiſtem, eſpecialmente depois de vêrem morto o ſeu General. Todos morrem em brava gente, huns paſſados á eſpada, outros deſpenhados pelas fragoſidades dos rochedos.

Era vulg.

Quando eſta acçaõ eſtabelecia o credito Portuguez, o Imperador ſe avançava a largas jornadas; mas o Rei de Zeila, que vinha de mais perto, pode impedir a uniaõ, e ſeguir a noſſa marcha para nos atacar ſeparados com todo o groſſo do ſeu grande Exercito. D. Chriſtovaõ naõ recuſou a batalha, que ſe diſputou viva, e ardente por ambas as partes. A ferida, que recebeo o

1542

Rei

En vulg. Rei de Zeila, de que cahio como morto, e debaixo delle o ſeu cavallo ſem vida, declarou a victoria a favor dos Portuguezes, que neſte dia aſſombrárað a amigos, e contrarios nas gentilezas do ſeu valor. Muito mais glorioſa foi a ſegunda victoria ganhada oito dias depois da primeira. Ainda que o Rei de Zeila, em hum palanquim, em que andava por cauſa de paſſada ferida, cumpria os deveres de grande Capitað; as ſuas gentes nað podendo ſopportar o noſſo esforço, elle teve de ſe confundir entre a multidað dos fugitivos para eſcapar a vida, que nað ſalvára, ſe os noſſos tiveſſem cavallaria, que o ſeguiſſe. Elle perdeo muita gente, o campo, as bagagens, os Portuguezes poucos homens em ambas as acções, e a ſua fortuna eſteve em paſſar huma ribeira, que nós tivemos por conveniente nað vadear.

Augmentou-ſe o goſto da victoria com a chegada de Franciſco Velho, que o Governador D. Eſtevað da Gama mandára de Maçuá com ſoccorros novos; com a caridade da Imperatriz,

que

que pelas proprias mãos curava os nossos feridos, sem se embaraçar com as delicadezas da sua dignidade para os tratar como Mãi, e se conduzir como pia. Entrava o segundo Inverno, e o Imperador ainda naõ podia conseguir a junçaõ das trópas. D. Christovaõ foi obrigado a recolher-se á Cidade de Offar; mas naõ podendo estar ocioso, foi investir a serra do Judeo, que ganhou com valor, e o forneceo de viveres, e cavallos. Pelo mesmo tempo o Rei de Zeila, que á vista dos successos passados nada confiava já das suas gentes, negociando com o Baxá de Zebit na Arabia por meio de grossas sommas, conseguio delle hum corpo consideravel de Genizaros arcabuzeiros, que vieraõ ser os instrumentos fataes de D. Christovaõ.

Era vulg.

Esta foi a conjuntura, em que elle devendo conduzir-se prudente, e circunspecto, se abandonou aos impulsos da corage, e do ardor. Quando as regras militares requeriaõ, que elle se fortificasse na montanha, que occupava; que esperasse o Imperador, que

Em vulg. o buſcava em plena marcha, para unidos atacarem aos Turcos com vantagem. D. Chriſtovaõ conſultando ſó o ſeu valor, moveo o campo para atacar o dos inimigos. Amanheceo o dia fatal de 29 de Agoſto, em que o Rei de Zeila prevenindo os noſſos intentos confórmes aos ſeus, que era impedir a uniaõ, elle nos poupa o caminho para cometter a batalha, em que figurava na deſproporçaõ certa a victoria. Os Portuguezes neſta acçaõ, mal ajudados dos Abexins, obrráraõ portentos de valor incriveis; mas os inimigos muito ſuperiores por todas as partes os batêraõ, varrendo a campanha o fogo dos Genizaros, que ferio os mais, entre elles gravemeute a D. Chriſtovaõ.

Forçado a retirar-ſe com a Imperatriz, o Bernagais, e as tropas, que ſe conſervavaõ inteiras para huma montanha; com o eſcuro da noite teve elle a infelicidade de perder o caminho, e cahir em poder dos inimigos, que naõ podia deixar de encontrar inexoraveis. Levado á preſença do Rei de

Zei-

Zeila, este Barbaro lhe pergunta que faria delle, se as sórtes se houvessem trocado. D. Christovaõ, quando mais abatido mais magnanimo, lhe responde: Eu te cortaria a cabeça; o teu corpo o faria em póstas, que mandaria fixar nos lugares públicos para servires de exemplo a outros tyrannos, como tu. Huma resposta taõ féra, que podia admirar por heroica, o Barbaro a teve por taõ atrevida, que mandou esbofetear a D. Christovaõ com as alparcas dos seus escravos, castigallo por todo o corpo, arrancar-lhe as barbas, passear entre oprobrios pelas linhas do Exercito, ultimamente cortando-lhe pela propria maõ a cabeça, acabou de executar no Heróe invicto o resto da sentença, que elle mesmo pronunciára.

Era vulg.

Tal foi o fim do bizarro Moço D. Christovaõ da Gama, que os Portuguezes da India estimáraõ por hum Martyr, e fizeraõ públicos milagres, que dizem obrára Deos no acto da sua morte, e depois della. Os Turcos a sentíraõ, porque queriaõ levar ao

Sul-

Era vulg. Sultaõ este troféo vivo do seu triunfo, que elles mesmos estimavaõ pelas suas altas qualidades; e porque o Rei de Zeila lhes frustrou os desejos, elles abandonáraõ o seu campo, e se recolhêraõ para a Arabia. Pouco sensivel se fez a sua falta ao Rei transportado da vaidade, que soberbo com a passada victoria, já olhava por consequencia della o rendimento de toda a Abissinia; mas nós vamos a vêr, que esta deserçaõ dos Turcos foi a causa da sua ultima ruina.

Os Portuguezes derramados por paizes naõ conhecidos, foraõ parar á destinos differentes. Cento e vinte podéraõ incorporar-se no campo do Imperador; Affonso Caldeira com trinta, que nessa noite marchava com o mesmo designio, cortado pelos inimigos, teve a fortuna de se salvar na serra, aonde a Imperatriz se refugiára. Com a chegada dos nossos o Imperador se deixou penetrar, naõ tanto da perda da batalha, quanto da mórte de D. Christovaõ: sentimento que elle fez público com hum luto rigoroso. Fiado

do

do porém na sublimidade de valor dos pouccos Portuguezes, que tinha na sua guarda, o animo naõ lhe decahio, antes firmando nelles as esperanças, entrou a estimallos, como instrumentos da reparaçaõ dos seus negocios. Depois de os provêr a todos de bons cavallos, marchou com elles na tésta do Exercito em demanda dos inimigos victoriosos: elle os atacou com tanto vigor, que o Rei de Zeila ficou morto no combate, o Principe seu filho prisioneiro, as trópas cortadas em peças, a mórte de D. Christovaõ foi bem vingada, e o Imperador reentrou na posse das Provincias, que havia perdido.

Era vulg.

Depois de tantas aventuras na Abissinia, de que as nossas armas naõ tiráraõ mais fructo, que a gloria, ou ellas se olhem socoorrendo a hum Principe alliado, e opprimido, ou empregadas em defensa da Religiaõ atacada; alguns dos Portuguezes voltáraõ para a India, outros se estabelecêraõ no mesmo Paiz atrahidos pelas liberalidades do Imperador. Como elles nos seus

El-

Era vulg. Estados o haviaõ servido sem poupar-em o sangue, e as vidas, feitos huns espectaculos de admiraçaõ, o Principe grato, e officioso naõ se escusou ao reconhecimento, que a faltaõ em semelhante conjunctura, naõ podia deixar de fazer ingrata, ou a magestade, ou a pessoa.

Em quanto estas cousas se passavaõ na Abissinia, o Governador da India provia nos negocios do Norte, onde foi em pessoa. Dio foi entaõ provida em Manoel de Sousa de Sepulveda, que em virtude de huma carta apissiva do Rei preferio a D. Joaõ Mascarenhas, que no anno antes viera nomeado no governo para succeder a Diogo Lopes de Sousa. Tambem entaõ se concluíraõ as negociaçoẽs com o Nizamaluco, que em cambio das duas Fortalezas, que lhe cedemos, augmentou o tributo, que nos pagava. Pelo mesmo tempo Fernaõ de Moraes com huma só náo se fez admirar no Reino de Pegu. Elle naõ pode escusar-se de tomar o partido deste Rei contra o de Java, e se as suas forças

naõ

naõ foraõ bastantes para impedir a sua ruina, e a do Principe amigo, nella mesma teve a gloria de ser elle quem combateo quasi só toda a Fróta dos inimigos, que generosos á vista da sua magnanimidade, naõ quizeraõ consummar sobre elle a victoria.

Em 1542.

Martim Affonso de Sousa, que como fica dito vinha governar a India, e que com os successos do seu governo havemos dar principo ao Livro seguinte, elle invernára em Moçambique, donde se fez á véla a 15 de Março na náo de Luiz Mendes de Vasconcellos, que era mais ligeira, entregando a sua a D. Francisco de Noronha, que em huma tormenta naufragou com lastima, e morte de muita gente na Ilha de Salcete de Baçaim. O Governador correo melhor com o tempo, passou por Çocotorá, e ferrou a barra de Goa a seis de Maio. Desembarcou no silencio profundo sem ser visto, e mandando depois da meia noite dar parte da sua chegada a D. Estevaõ da

Era vulg. Gama, efte refpondeo ao cumprimento do Emiffario: Affim me como o Senhor Martim Affonfo como ladraõ nocturno? Ora dizei-lhe que feja bem vindo.

LI-

LIVRO XLVIII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuação do Reinado de D. João III. com os successos do anno de 1542, na Europa, Africa, e Asia.

EU acabei a Historia do Livro precedente no ponto da chegada de Martim Affonso de Sousa no mez de Maio deste anno á Cidade de Goa para succeder no governo da India a D. Estevaõ da Gama; e este ponto he a Época, de que me sirvo para a continuaçaõ da Historia neste presente Livro. Deixando-o porém descançar das fadigas da tormenta, que o levou quasi naufragante ao porto da Capital da India, eu passo a dar hum giro breve pela Europa, e pela Africa, naõ só

Era vulg.

Era vulg. como divida da narração, mas para divertir os Leitores com variedade de successos em differença de lugares; ainda que com desigual complacencia. Daqui em diante já nós entramos a vêr, que consumidos pela morte os grandes filhos da disciplina dos Menezes, dos Ataides, dos Almeidas, dos Albuquerques, dos Cunhas, e de outros Heróes de grande nome; parou o curso rapido das nossas conquistas, a fundação de praças, largando algumas, buscando a paz, crescendo a cobiça, já nos homens naõ taõ vulgar a grandeza do espirito, os mais qualificados humas creaturas de si mesmos sem influencias alheias, correndo Portugal á decadencia.

Neste Reino se mostrava o seu Principe justamente escandalisado de hum vassallo favorecido, que estimava mais o peso das Dignidades, que o valor da fidelidade devida aos Soberanos. D. Miguel da Silva, filho de D. Diogo da Silva, primeiro Conde de Portalegre, e Ayo do Rei D. Manoel, girando varias partes da Europa, fazendo-se lu-

gar

gar entre os homens grandes do seu tempo, este Rei o envioū á Corte de Roma, por Embaixador a Leaõ X., e para assistir em seu nome ao Concilio Lateranense. O mesmo caracter conservou nos Pontificados de Adriano VI., e de Clemente VIII.; assistencia longa em huma Corte polida, que lhe ganhou o gosto, attrahindo-o com a doçura das Dignidades Ecclesiasticas. Em attençaõ ao seu merecimento naõ lhe faltou com ellas D. Joaõ III., que já dominava, quando D. Miguel voltou ao Reino. Elle o fez Commendatario, e Prior perpetuo do Mosteiro de Landim de Conegos Regrantes, Abbade de Santo Tyrso, depois Bispo de Viseo, e Escrivaõ da Puridade; Officio da maior confiança na Casa Real, como deposito, que entaõ era dos coraçoẽs dos Reis deste Reino.

Ainda naõ contente D. Miguel da Silva, negociava em Roma com cautela o Capelo de Cardeal, que no anno de 1539 lhe conferio o Papa Paulo III. Como esta graça lhe fora feita sem beneplacito do Rei, a Soberania

naõ

naõ podia deixar de sentir-se da condescendencia do Papa, e do arrojo do vassallo. Ao primeiro se fizeraõ queixas; o segundo, que naõ podia deixar de temer a indignaçaõ Real, fugio para Roma, aonde tomou o Capelo, que podia tecer brilhante com as grossas sommas, que levára de Portugal. El-Rei com este novo estimulo mais aggravado, por Edictos publicos o desnaturalisou, com expulsaõ de todas as honras, e riquezas, que tinha no Reino: fulminando as mesmas penas ás pessoas de qualquer qualidade, que tivessem correspondencia com elle.

Mais attento ao amor fraternal, que á delicadeza da observancia da ordem do Rei, seu irmaõ D. Jorge da *Silva*, naõ só o tratava, mas promovia os seus interesses. Esta temeridade lhe custou huma prisaõ rigorosa na Torre de Belém, e passára muito mais longe o resentimento, se a Infante D. *Maria*, quando houve de passar a Castella para casar com Filippe II. naõ moderasse o rigor do Rei seu Pai, conseguindo delle a commutaçaõ da pena pelos servi-

viços, que o Réo lhe podia fazer em Arzila. D. Jorge se conduzio de modo nesta praça, que para elle fez aggradavel o desterro; para o Rei a justiça lhe deo proveitos do castigo. Os que D. Miguel sentio em Roma foraõ bem de affligir. O Papa o creou Legado de Veneza, da Marca de Ancona, de Bolonha, e querendo conferir-lhe a mesma dignidade junto á pessoa de Carlos V., o Imperador naõ o admittio por estar fóra da graça do Rei de Portugal, seu Cunhado. Elle fundou o magnifico Palacio junto á Basilica de Santa Maria Trans-Tiberim, Titulo do seu Cardinalato, aonde passou o resto da sua vida larga occupado em obras de erudiçaõ, e piedade.

Em vulgo

Como no Livro precedente, do anno de 1541 até agora, nada dissemos de Africa, sendo taõ preciso á nossa Historia ir enlaçando nella os successos do Xerife; aqui faremos hum compendio delles até entrarmos pelo anno de 1543. Nós deixamos o Xerife Rei de Marrocos prisioneiro em huma batalha de seu irmaõ o Xerife Rei de

Era vulg. de Tarudante. Muley Cidan, filho do primeiro destes Principes, desejoso da liberdade de seu Pai, convocou hum grande Conselho, para que nelle se arbitrassem os expedientes, que devia metter em obra para a conseguir. Fallando elle, como quem queria abrir o passo para tirar o escrupulo mais grave, que podia prender os arbitrios livres dos vogaes, disse: Que elle tinha por sem dúvida libertar a seu Pai, e lançar do Reino de Sus a seu tio, se os juisos illuminados daquella Assembléa descobrissem meios honrosos de ajustar a paz com o Rei D. Joaõ de Portugal, e merecer-lhe o soccorro de déz, ou doze mil Portuguezes.

Unanimemente se conformáraõ os pareceres com o do Principe, e se assentou que para mover o Rei de Portugal ao fim pretendido, meio algum era mais efficaz, que o de lhe enviar livres os 400 Portuguezes feitos escravos com D. Guterre de Monroy no Cabo de Aguer, acompanhados dos mais especiosos ginetes, animaes ferozes, e ricas tapeçarias das fabricas

Afri-

Africanas. Immediatamente se mandáraõ tirar os escravos das masmorras; se lhes permittio que passeassem livres por Marrocos; se foi preparando magnifico o presente, e nomeado para Embaixador, que o havia conduzir, o estimavel Alcaide Alimançor. Com a noticia desta determinaçaõ se sobprendeo o Xerife moço, que para reparar politico o golpe, que naõ poderia atalhar guerreiro, falla a seu irmaõ, e lhe assegura: Que ninguem como elle lhe desejava a liberdade, senaõ temesse a pouca fé, com que se conduzia em tudo, quanto lhe era respectivo: Que considerasse na temeridade, a que o Principe de Marrocos se arrojava, querendo chamar em seu auxilio os inimigos inflexiveis do Alcoraõ. Que a sua resoluçaõ era atalhar este mal commum; dando-lhe liberdade; mas com a condiçaõ de lhe jurar, e prometter que o deixaria possuir em paz a Tarudante, o Reino de Sus, e a Provincia do Dará. Que quando fallecesse naõ nomearia por successor o seu primogenito o Principe de Marrocos, mas a seu filho

Embaix.

Era vulg. Mahamet Arrami, Principe de Sus, que uniria na sua pessoa ambos os Reinos.

Em tudo conveio o Xerife preso, como quem nada determinava cumprir, pouco escrupuloso em ser perjuro. Levando o Tratado da paz perpetua solemnemente jurada, elle apparece livre em Marrocos, suspende a Embaixada de Portugal, e torna a dar aos Portuguezes o primeiro barbaro tratamento. Se nós houvermos de julgar as causas pelos seus effeitos, parece que El-Rei D. Joaõ naõ se embaraçaria com esta guerra de Africa, se para ella fosse convidado. Quando o Principe de Marrocos dispunha da Embaixada, que lhe havia mandar, em Lisboa se lavravaõ as ordens para serem abandonadas aos Mouros as Praças de Çafim, e Azamor, a primeira sustentada no nosso poder com glória immortal 36 annos, a segunda quasi trinta. O mesmo se obrou depois com Arzila, e mais Lugares regados com tanto sangue illustre, á excepçaõ de Ceuta, Tangere, e Maza-

zágaõ, que se presumio ficavaõ em nosso poder mais por pejo, que por vontade. Corrêraõ as idades, e chegáraõ os Portuguezes a estado de naõ possuirem na Mauritania hum só palmo de terra.

Etarvulg.

Entaõ se disse, que para este abandonamento lastimoso concorrêraõ os votos de muitos Principes da Europa; os pareceres conformes dos Ministros de Portugal, que com oculos de longa vista penetráraõ nos futuros a impossibilidade da sua conservaçaõ; nos presentes palpavaõ a sua inutilidade; sem avareza decidíraõ, que ellas naõ enriqueciaõ o Reino; compadecidos assentiáraõ que era hum degoladouro dos homens; bem instruidos as notáraõ rodeadas de padrastos, os portos de accesso difficil, resolvendo que as forças derramadas na marinha Africana, convinha mais que andassem unidas pelos golfos da Asia. Pelo contrario os genios independentes, pouco contemplativos, ou nada lisongeiros, firmes em ambos os pés sustentavaõ que juizo algum politica, e catholi-

ca-

Era vulg. camente illuminado podia deixar de desestimar como fraqueza, que os troféos ganhados a tanto custo sobre os inimigos do Christianismo houvessem de lhes ser abandonados: que huma Naçaõ taõ heroica, como a Portugueza, naõ devia fechar em Africa a Aula da guerra, em que ella se habilitava para atroar o mundo com o écco das suas façanhas: que ella em todas as Regiões publicaria, como os Portuguezes estimavaõ mais as drógas, e especiarias da India, que as feridas, e a glória de Africa, quando por humas viaõ commutar as outras.

Ao tempo que laboravaõ estes, e outros semelhantes discursos, os Mouros hiaõ reparando as Praças, que se lhes deixáraõ huns montes de ruinas. Mas as suas vantagens foraõ perturbadas pelo Xerife de Marrocos, que incapaz de guardar fé, nem de ser agradecido ao irmaõ, a quem devêra a vida, agora a liberdade, elle quiz vingar os beneficios como injúrias com a conquista de Tarudante, ruina do irmaõ, e derrota da sua fa-

mi-

milia. Este o esperou no mesmo lugar, aonde antes o prendêra; outra vez o vence, e ultimamente o destroe. O vendedor corre apressado a Marrocos, e quando chegou o vencido, a voz de algum vassallo fiel o avisou do muro, se retirasse sem demóra, senaõ queria cahir em poder de seu irmaõ, que estava senhor da Cidade. Perdido o Reino, e a esperança, o infeliz Xerife depois de andar dias affastado, e errante, foi parar a hum recolhimento de Cacises para passar entre elles o resto da vida nos exercicios do mesmo fanatismo, com que a principiára.

O Xerife de Sus Mahamed, já senhor de Marrocos, deixou vêr tantas apparencias de virtudes, que os Mouros vencidos se criaõ bem affortunados na mudança de dominio. Entre as suas primeiras acções foi huma a de qualificar o seu amor a D. Mecia depois de morta; chamando á sua presença a D. Gutierre de Monroy, Pai daquella Dama infeliz, tratando-o com agrado, dando-lhe a liberdade, e dizendo que em attençaõ á memoria de sua filha lhe

Era vulg.

Era vulg. lhe fazia esta graça: livre, regalado, e com escolta luzida foi D. Guterre levado a Mazagaõ para voltar á Pátria. Depois desta beneficencia, o Xerife victorioso, que sabia usar de magnanimidade no meio das desordens, quiz praticar outra com o irmaõ retirado entre os Cacizes, e reduzido ao abatimento da sorte mais humiliante.

Sabendo que o Rei de Féz se inclinava a soccorrello, por meio de alguns confidentes do infeliz deposto, conseguio ter com elle huma conferencia sobre as margens do rio Riden, poucas legoas de Marrocos. Depois de o arguir da sua falta de palavra, pouca fé, e perjurios, o consolou com a esperança, de que da sua maõ daria Reinos a seus filhos, e que elle fosse viver descançado, e sem sustos em Fafilete. Assim o executou o desgraçado Xerife menos magoado na esperança do commodo dos filhos, mais conforme na justiça da pena, que elle se merecêra com a repetição das perfidias.

Assim acantonado o Maior Xerife,

se, o Menor se determinou tomar contas ao Rei de Fez pela confiança, com que concebeo a idéa de se oppôr aos seus designios. O Principe ameaçado para mostrar que o naõ temia, sahio primeiro a campo com hum corpo de 30$000 cavallos, e hum grosso de Turcos, que de Argel trouxéra para o servir o Persa Morgan. O mesmo foi atacar o Xerife ao de Fez, que derrotallo, e fazello prisioneiro. Usando com moderaçaõ da estabilidade da sua fortuna, logo propôz ao Rei a sua soltura, se por ella lhe cedesse o Reino de Mequinez. Porque elle o naõ quiz fazer, foi levado em ferros para Marrocos, aonde o Xerife triunfante, já sem inimigos, Senhor de Reinos poderosos, que adquirio Tyranno por meio dos fingimentos de hypocrita, consumindo o Rei de Fez, que fora o seu primeiro bemfeitor, quando veio da Numidia para a Mauritania: elle pendurou em ociosidade gloriosa até seu tempo os morriões, e os arnezes para dar exercicio á prudencia no governo, á inflexibilidade na justiça.

Era vulg.

Por

lhe, mas a arrombar-lhe as portas. D. Manoel Mascarenhas, e D. Jorge da Silva naõ podéraõ soffrer este attrevimento, que sahíraõ a despicar no campo. Os poucos Portuguezes rodeados de tantos Barbaros estiveraõ no maior aperto. Francisco Colaço obrou acções dignas de admiraçaõ. D. Jorge da Silva, perdida a sella, recobrou o animo para tornar a ganhalla, e dobrar as maravilhas do valor. Outras semelhantes obrava D. Fernando Mascarenhas, filho do General, e seus sobrinhos D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas. Em fim, cortados os Mouros do nosso ferro perdêraõ o campo; nós ganhamos huma illustre victoria.

Era vulg.

CAPITULO II.

Trataõ-se os successos da India no principio do governo de Martim Affonso de Sousa.

Era vulg.

MARTIM Affonso de Sousa depois de chegar a Goa na fórma, que fica dito, de sobprender o Secretario, e o Thesoureiro para D. Estevaõ da Gama naõ ter nelles acçaõ, e de mandar a este Governador, que acabava, o aviso intempestivo da sua chegada, que foi outro modo de sobpreza; D. Estevaõ ajuntando estes aggravos aos que entendia lhe fizera a Corte em mandar para lhe suceeder a hum Fidalgo, que naõ era seu amigo; elle se explicou indignado em termos fórtes, nem quiz trato com Martim Affonso, que todas as Leis da civilidade, e da politica rompia para com elle. Retirado ao Fórte de Pangim, para acabar o governo como o tinha principiado, mandou fazer novo inventario da sua fazenda, em que se achá-

acháraõ de menos 500$000 pardaos, que tinha despendido no serviço do Estado. Depois partio para Cochim a cuidar no seu embarque, seguido do novo Governador, que na expediçaõ delle augmentou o número das grossarias. Elle chegou com felicidade ao Reino, aonde encontrou desgostos novos depois dos primeiros agrados, querendo-o obrigar a hum casamento involuntario, que foi causa de se retirar para Veneza. O Imperador conseguio a sua restituiçaõ á Corte, e quando parecia que tambem á graça, a pouca attençaõ aos seus serviços mostrou, que ella era apparente.

Era vulg.

O ponto da Época deste novo governo foi o mais luminoso para o Oriente pelo novo Astro, que nelle raiou em S. Francisco Xavier para illuminar nelle aos que estavaõ de assento nas trévas, nas sombras da mórte, e dirigir-lhes os passos pelos caminhos da paz. Notáraõ na vida deste Apostolo da Asia os espiritos de observaçaõ por admiravel a Providencia, que arbitrando déz annos ao Grande Affon-

Era vulg.

so de Albuquerque para conquistar Estados, que formáraõ o Imperio Portuguez no Oriente; que ella destinasse outros dez annos ao Grande Francisco Xavier para a conquista de Dominios, em que estabeleceo o Imperio de Jesu Christo na mesma parte do Mundo. As intenções dos Reis de Portugal foraõ sempre conformes em unir os avanços da Religiaõ, e do Estado; mas na India, segundo as idéas do primeiro Vice-Rei D. Francisco de Almeida, como os Portuguezes só cuidavaõ em ser dominantes dos mares, os progressos nos augmentos da Religiaõ naõ foraõ consideraveis.

Depois que os Portuguezes tiveraõ estabelecimento firme, os Ecclesiasticos seguíraõ outro methodo no exercicio das funções do seu ministerio. Ainda nestes primeiros tempos das fundações de Colonias na Asia, os fructos da sementeira da palavra Divina naõ eraõ muito copiosos, fosse pela instrucçaõ menos completa dos Capellães destinados para o serviço das Igrejas das Fortalezas, fosse por naõ terem todos

os

os meios necessarios para exercitar com vigor as suas funções, fosse pela agitação dos tempos perturbados com guerras continuas, ou fosse porque em hum Paiz, até então incognito para nós, não se encontrava nos seus moradores a docilidade necessaria para de repente se sugeitarem a Leis novas. Nós assim exceptuamos alguns Religiosos benemeritos, que com espirito de zelo promovêrão os negocios da Fé, especialmente depois que o Governador Diogo Lopes de Siqueira fundou em Goa o Convento dos Franciscanos, que lhes derão pinturas muito mais brilhantes.

Quasi pelo mesmo tempo forão apparecendo na India, mandados pela Corte, sugeitos dignos em qualidade de Vigarios Geraes, de Vigarios Apostolicos, ultimamente Bispos em Goa, em Cochim, em Malaca, em outras partes do Estado, e na Ethiopia Patriarcas. Então homens sabios, e santos regulárão melhor quanto era respectivo á Religião, que até nas Molucas lançou fundas as raizes na planta-

Ecclesi-

ta-

Em vulg. taçaõ efficaz, que nellas fez, sendo secular, a piedade do Governador Antonio Galvaõ, como eu mostrei no Livro precedente. A fundaçaõ do seu Seminario servio de modelo ao que depois edificou em Goa D. Estevaõ da Gama debaixo da direcçaõ do Vigario Miguel Vaz, hum dos Operarios mais ardentes na cultura desta *Vinha do Senhor.* Em taõ bellas disposições estavaõ as cousas, quando com seus companheiros os Padres Paulo Camerino, e Francisco Mansilha, chegou á India com o Governador Martim Affonso, o Padre Francisco Xavier, revestido do caracter de Nuncio Apostolico.

Entrou Xavier na India derramando luzes, que logo o mostráraõ como hum Planeta superior á esfera de Humano. Brilhavaõ nelle as virtudes mais heroicas. Como outro Paulo na constancia dos trabalhos, naõ se escusou a todas as provas. Como elle, obrava milagres taõ sensiveis, e taõ continuos, que a Asia o respeitava hum Taumaturgo. Como elle, reformou os costumes dos Povos, a dissoluçaõ

dos

dos improbos, os escandalos dos máos Christãos. Como elle, foi Prégador das gentes, vaso de eleiçaõ, e se avantajou a elle em ser o martelo por huma parte, e por outra, o attractivo de Mahometanos innumeraveis. Como elle, foi dotado do dom de Profecia, do de linguas, de curar enfermos, de resuscitar mórtos, de mandar com imperio sobre os ventos, e os mares: acções superiores á natureza continuamente exercitadas o espaço longo de déz annos para o fazerem respeitavel, qual Apostolo, e Profeta, como Columna de ferro, e muro de bronze na face dos Reis, dos Principes, dos Sacerdotes, e dos Pôvos da Terra.

Naõ ha dúvida, que os fundamentos do Christianismo tinhaõ na Asia as raizes muito mais antigas. Já nós dissemos, e a tradiçaõ da Europa confirmava, que o Apostolo S. Thomé levára as luzes do Evangelho ás Regiões Orientaes. Como entre nós os vestigios de tanta antiguidade estavaõ apagados, depois que os Portuguezes foraõ á India, elles acháraõ logo as

pri-

Em vulg. primeiras noticias em Cranganor nos Christãos chamados de S. Thomé, que conservavaõ religiosamente a profecia do Apostolo, feita aos seus Progenitores, de que pelo curso das idades viriaõ a Cranganor homens brancos, que ensinariaõ a mesma doutrina, que elle prégara; ainda que havia ser no tempo, em que o mar entaõ apartado doze milhas de Meliapor, viesse banhar os muros da mesma Cidade; a profecia, que evidentemente estava verificada, quando os Portuguezes entráraõ na India.

Eu deixo dito como o Armenio descobrio aos dous Fernandez Portuguezes vindos de Malaca o Templo antigo, aonde o Apostolo foi sepultado depois do seu martyrio, e o mais que obráraõ os Governadores da India até ao descobrimento das Reliquias do Santo. Depois de todas estas próvas, e do tempo de Martim Affonso, governando já D. Joaõ de Castro, appareceo a ultima, que tirou as dúvidas, em que ainda laborava a critica escrupulosa. Foi ella a invençaõ de

hum

hum marmore, em que estava grava-
da huma Cruz semelhante á da Ordem
de Avis, com huma pomba no alto,
inclinado o bico sobre a mesma Cruz.
Via-se esculpida no marmore huma or-
la de letras incognitas, que sendo in-
terpretadas separadamente por alguns
Bramines sabios sem se conversarem,
todas as interpretações sahirão
conformes em indicar a pregação,
martyrio, e sepultura do Santo Apos-
tolo; depois confirmadas com o cé-
lebre milagre da mudança das côres do
mesmo marmore na primeira vez, que
á sua vista se celebrou o sacrificio dos
nossos Altares.

Conservava-se em muitas partes da
Asia do tempo desta remota origem a
observancia do Christianismo, ainda
que em algumas dellas corrupto, es-
pecialmente depois que a Igreja Nesto-
riana, perseguida em Epheso, foi esta-
belecer-se no fundo das Regiões Orien-
taes. Sobre aquelles alicerces, que
achou tão fundos, principiou S. Fran-
cisco Xavier a levantar firme o edificio
Apostolico da sua Missão, edificio
san-

Exemplo santo, que se D. João III. naõ tivesse plantado outro na India, este bastava para fazer immortal a sua memória. Elle vio, que nesta parte do Mundo a colheita era muita, os operarios poucos; rogou ao Senhor da Herdade mandasse operarios á sua antiga seára; e para elle o mandar lhe apresentou Deos a Xavier, que valia por muitos.

Quando Martim Affonso entrava no seu governo, e occupado do espirito de refórma, ideava em Goa novos regulamentos, D. Jorge de Castro, que havia dous annos succedêra nas Moluccas ao sempre lembrado Antonio Galvaõ, teve de se affastar com a Armada Castelhana de D. Joaõ de Alvaradado, que fora mandada aos nossos mares por D. Antonio de Mendoça, Viso-Rei da Nova Hespanha. O Alvaradado descobrio nesta viagem várias Ilhas, entre ellas as Filippinas, que ficáraõ pertencendo á Corôa de Hespanha, por estarem na sua demarcaçaõ. Como os Castelhanos entráraõ nos destrictos da nossa, D. Jorge de Castro lhes fez vários protestos, que pro-

produzíraõ os seus effeitos sem rotura da paz. Epitafio

No mesmo tempo os tres Portuguezes Antonio Peixoto, Antonio da Mota, e Francisco Zeimoto, carregando no porto de Siaõ hum grande Junco para irem negociar ao de Cantaõ na China, depois de passarem o grande golfo de Ainaõ, já com o destino em Chincheo, foraõ insultados por hum dos formidaveis tufões, que parece querem levantar empoladas ao Ceo as ondas daquelles mares. Este turbilhaõ rápido levou os tres Portuguezes destroçados aos portos das Ilhas do Japaõ, e foraõ elles os primeiros Europeos, que viraõ estes paizes mais remotos da Asia. Os naturaes, mais brancos que os Chinas, homens sem barba, e de olhos pequenos, os recebêraõ com humanidade, acceitáraõ o commercio, cambiáraõ os seus generos por quantidade de prata, de que as Ilhas eraõ abundantes, e elles com felicidade voltáraõ para Malaca.

Parece que os Geografos antigos tiveraõ noticia do Japaõ, e que as

suas

[illegible] suas Ilhas saõ aquellas, a que alguns chamáraõ Zipango. Ellas estaõ situadas além de toda a India, oppostas ao Imperio da China em 38 gráos do Polo Arctico. A sua Capital, aonde fica a Corte de Meaco, residencia do Imperador, he Nipongi, Ilha, a que os Japões daõ 300 legoas de comprido, e que nas nossas Cartas he marcadas com 366 das Portuguezas. Saõ muitas, e numerosas as Ilhas do Japaõ, e entre ellas as mais principaes, além da Capital, Ximo, que está dividida em déz Governos, Ximo, Xeque, e Simo, que tem a Cidade de Jamaguchi; a grande Xicoco, repartida em quatro jurisdições, e outras que chegaõ ao numero de mais de sessenta e duas, e se formaõ hum Estado potentissimo.

A Historia do Japaõ, que trata da sua origem, e povoaçaõ, até que os Soberanos do Paiz se arrogáraõ o Titulo de Imperadores, ella está cheia das fabulas, e patranhas mais ridiculas, que as de outras Nações barbaras, e soberbas. Entendêraõ os Japões, que lhes era injurioso tirarem o

seu principio de hum grande Senhor, chamado Chimu, que com huma Collonia de Chinas veio povoar as Ilhas desertas, e o vaõ buscar no Ceo na pessoa de hum Gigante, que de lá arrojára á terra huma lança, que esta se cravára na Ilha de Nipongi; que della brotára huma mulher admiravel, amada de hum crocodilo, que vinha á praia ter communicaçaõ com ella; que desta uniaõ nascêraõ filhos de duas naturezas, celeste, e aquatica, origens das familias, que pela sua multiplicaçaõ povoáraõ a Nipongi, e a todas as Ilhas.

Ha nellas diversas Seitas, inventadas por naturaes, e estrangeiros, homens de piedade, que elles chamavaõ Fotoques. A mais dominante, chamada dos Jexuns, he a que seguem os Nobres, e se reduz a hum Atheismo abominavel, que nada crê fóra do visivel, nem que haja Deos, e outro mundo, aonde as virtudes, e os vicios tenhaõ premio, e castigo. Os Foncecenxum saõ idolatras, que adoraõ o Sol, e esperaõ depois de mortos

Engano

Anno vulg. ir viver com elle. Os da Seita Jamabuxé tem trato muito familiar com os espiritos immundos, que fazem vir dos abysmos ao som de huma bozina para os servirem nos seus prestigios, e actos nefandos. Os Jadorum são os cultores do celebre Idolo Amida, Deos de tanta misericordia para com elles, que lhes basta invocallo com a repetição simples do seu nome para expiarem todo o genero de enormidades. Com estes monstros combatêrão depois S. Francisco Xavier, e os zelosos filhos de S. Francisco de Assis, que plantárão nas Regiões brutas copiosa a vinha do Senhor, e muitos a regárão com o seu sangue.

Quando os Portuguezes tinhão a glória de ser os authores deste descobrimento, Martim Affonso de Sousa levava as attenções de Goa pelos actos edificantes das visitas frequentes dos carceres, e Hospitaes. Os soldados porém, que se embaraçavão menos com exterioridades pias, o olhavão carrancudos pelo seu modo de se conduzir com D. Estevão da Gama, que de

de todos era amado. Alguns politicos dos que entendem ter na sua maõ as chaves dos fundos dos coraçoẽs alheios, persuadiaõ que Martim Affonso obrava a respeito de D. Estevaõ mais por prevençaõ, que por paixaõ. Mas quem ignora, que ella he hum defeito vulgar nas pessoas de talento curto, que por huma opiniaõ apparente de piedade céga mal entendida, e em se reformar difficultosa, as precipita em defeitos, de que a razaõ illuminada se lastima, e os interesses da sociedade se perturbaõ? Ainda que descontente destes, e de outros passos a Nobreza, ella naõ se escusou a servir officiosa, depois que vio o Governador applicar-se com efficacia ás vantagens do Estado.

As primeiras, que lhe leváraõ as attençoẽs foraõ as cobranças dos tributos do Rei de Ormuz, que devia atrazados 318000 Xerafins; e da Rainha de Batecalá, que duvidava satisfazellos. Como a quantia do Rei de Ormuz por taõ avultada fazia impossivel a cobrança, se mandou ao Secreta-

Era vulg. tario Antonio Cardoso fosse propôr áquelle Principe, que naõ sendo justo tirar-lhe nas rendas, que possuia, os meios da sua subsistencia; que houvesse por bem largar todos os productos da Alfandega á Corôa de Portugal, que o daria por absoluto da divida. Contra a Rainha de Batecalá se necessitava usar de expedientes mais fórtes, que o Governador determinou applicar em pessoa para lhe abater a arrogancia. Como a este tempo chegáraõ as náos da sua conserva, que haviaõ invernado em Moçambique, acompanhadas de outras tres, que neste anno sahíraõ do Reino; elle as incorporou na Armada, com que navegou para Batecalá.

CAPITULO III.

Do que obrou Martim Affonso em Batecalá, depois em Goa, e alguns successos das Ilhas Molucas.

A Rica, e poderosa Cidade de Batecalá, situada em hum terreno banhado das aguas de hum rio, que se mette na Cósta de Canara, era dominada por huma Rainha com tanto de corage, como de industria. Ella perdeo a primeira á vista da nossa Armada; mas naõ a desamparou a segunda para arbitrar invectivas de entreter. O Governador, que estimava os instantes do tempo, cortou por todas, pedindo resposta prompta, e cathegorica á representaçaõ, de que sem demora pagasse os tributos, que devia, e entregasse os navios, que tinha no porto, aonde se acolhiaõ os pyratas depois de roubarem os Portuguezes. Naõ correspondendo as obras ás boas palavras, o Governador indignado desembarcou 600 homens, que dividio em dous Es-

Era vulg.

Era vulg.

quadrões, hum na vanguarda mandado por Fernando de Sousa de Tavora, outro que elle cobria em pessoa.

Nesta ordem seguio a marcha até se encontrar com hum corpo de trópas numeroso, que foi investido, e levado a golpes até as pórtas da Cidade, aonde com a presença da Rainha tomou calor o combate. As sombras da noite servírão para o suspender; para os moradores se salvarem nos bosques; para os Portuguezes a passarem na Cidade com cautela. Ao romper do dia começou o estrago. Innumeraveis que não podérão fugir, todos morrêrão; os despojos muitos, e preciosos, enchêrão todos os vãos da cubiça, e o fogo acabou por huma vez com Batecalá. Tão horrenda foi esta invasão, que o proverbio antigo, marca da soberba, que mandava guardar as gentes estranhas da arrogancia de Batecalá, foi mudado em: *Guarda-te de Martim Affonso.* Elle foi celebrar o gosto da victoria a Cochim, donde expedio as náos do Reino, em que embarcou D. Estevão da Gama, que

depois viveo annos largos, até lhe pôr termo na Villa da Vidigueira. Ordenou que o sepultassem no Convento, que nella tem os Carmelitas com o Epitaphio: O que armou Cavalleiros ao pé do Monte Sinay, veio acabar aqui.

Era vulg.

O abatimento da Rainha de Batecalá foi hum dos casos, que mostrou verificadas aos Principes da India as chamadas predicções dos Mouros illuminados, que quando viraõ nella os Portuguezes, lhes affirmáraõ, como aquella gente supplicante, que entaõ representava o papel de sobmettida, em pouco tempo elles a veriaõ com realidade de dominante. Para próvas de convencer se punhaõ á face de todos, como espectaculos, esta Rainha; os Reis cégos de Ormuz, que Affonso de Albuquerque fizera transportar a Goa para se mostrarem nas cabeças dos caminhos outros Belisarios sem olhos, que pediaõ de esmola paõ para a vida; o Rei de Ternate Tabarija, que por Tristaõ de Ataide fora preso, e mandado a Nuno da Cunha como réo, ul-

Era vulg. timamente o mesmo Rei de Ormuz; que sem conseguir até agora a liberdade, deveo á clemencia daquelle Governador andar em Goa sem ferros.

1543 Estes grandes negocios leváraõ as attenções de Martim Affonso. Elle quiz ouvir de sua justiça aos Reis infelices, que naõ tinhaõ encontrado azilo no sagrado da Magestade. O arrezoado da Rainha de Batecalá consistio em pedir perdaõ humilde das faltas passadas, prometter emenda para o futuro, e conhecer na concessaõ da paz que os seus crimes naõ lembravaõ. A tudo se lhe differio como pedia. O miseravel Tabarija para se qualificar innocente naõ necessitava mais trabalho, que apontar com o dedo o author da sua desgraça. Elle deo outras muitas próvas convincentes, a que pôz a corôa, abraçando com sinceridade o Christianismo. O Governador o fez passar a Malaca para ser restituido ao seu Reino, e elle partio na companhia de Jordaõ de Freitas, seu especial amigo, a quem havia feito mercê da Ilha de Amboino pertencente ao seu

Do-

Dominio de Ternate. O Freitas hia Era vulg. provido neste governo para succeder a D. Jorge de Castro. Elle fez só a viagem das Molucas, deixando em Malaca a Tabarija, já chamado D. Manoel, para dispor os seus vassallos a recebello gostosos, sem os perturbar a mudança, que elle fizera de Religiaõ.

No discurso da viagem do Freitas morreo Tabarija em Malaca, deixando nomeado no testamento ao Rei de Portugal por herdeiro dos seus Estados. Em virtude deste acto de doaçaõ, o Freitas em nome d'El-Rei tomou posse de Ternate; mas Cachil Aeyro, que dominava com caracter de Rei do tempo de Antonio Galvaõ até agora, se oppôz a quanto Jordaõ de Freitas obrava em seu prejuiso. Isto bastou para o Freitas tratar o infeliz Aeyro por hum réo de Estado, prendello, e mandallo em ferros para Goa, aonde esteve até ao governo de D. Joaõ de Castro reduzido tanto ao abatimento mais vil, quanto á pobreza mais lastimosa. Reis miseraveis, que estavaõ sendo hum jogo ridiculo da fortu-

na

na pela falta de forças para abaterem os particulares, que abusavaõ da soberania dos seus nascimentos.

Ultimamente ao Rei de Ormuz se fez a graça de ser ouvido em hum conselho. Nelle representou o Principe com vozes proprias da sua dignidade os insultos comettidos contra a sua pessoa; que ella fora tratada com as ultimas vilezas; que nem as barbas lhe deixáraõ na cara, caso inaudito, haverem mãos de homens attrevidos, que pegassem nos cabellos da face dos Reis; que o seu turbante Real andára pisado debaixo de muitos pés na sua presença; e que para tocar o attrevimento os ultimos pontos de insolente, o ligáraõ com cordas debaixo do pretexto, de que estava louco. Os do Conselho já bem instruidos na innocencia do Principe, ouviaõ como atonitos a sua narraçaõ lamentavel. Por todos os votos foi elle absolvido; e o Governador mais que todos tocado, naõ se deo por satisfeito sem o mandar reconduzir a Ormuz com esplendor brilhante, taõ magnifico, que es-

con-

confesso debaixo da pompa as sombras escuras do abatimento precedente. Eyrvulg.

Pelas Molucas andavaõ derramadas algumas embarcações Castelhanas com o pretexto da navegação das Filippinas; já abordando esta, ou aquella Ilha; inquietando os seus Reis, exasperando os Portuguezes, que naõ podiaõ soffrer contravenções semelhantes: tudo desordens, que occupáraõ quasi todo o tempo do governo de D. Jorge de Castro. No seu vigor as achou Jordaõ de Freitas, que se levou aos Castelhanos com prudencia para naõ romper a paz com a naçaõ amiga, a prisaõ do Rei Aeyro lhe fez mais pesada a sediçaõ dos naturaes. A casa do Principe se inquietou; e tendo elle por mulheres huma filha do Rei de Geilolo, outra do de Tidore, estes Reis desgostados as mandáraõ recolher de Ternate; admittindo já aos Castelhanos, que elles entendêraõ poderiaõ servir de instrumentos para a sua vingança em caso de rotura.

Quando nas Molucas se tratavaõ

Era vulg. estas desavenças entre Portuguezes, e Castelhanos, as duas Cortes dos seus Soberanos apertavaõ mais os laços de parentesco. O casamento do Filippe, Principe de Hespanha, com a Infante D. Maria de Portugal, que havia tratado o Embaixador D. Luiz Sarmento de Mendoça, foi celebrado em Almeirim na presença do Infante Cardeal D. Henrique. Em Outubro sahio a Infante de Lisboa para Castella, acompanhada até ao lugar do embarque por ElRei, e os Infantes. O Duque de Bragança, e o Arcebispo de Lisboa hiaõ encarregados de entregarem a Princeza em Castella ao Duque de Medina Sidonia, e ao Bispo de Cartagena. A comitiva dos Fidalgos, e Damas era das mais brilhantes. Contavaõ-se nella cinco mil cavallos, 1700 cargas cobertas com reposteiros, mais de tres mil das pessoas, que a formavaõ. O fausto, e a meza do Duque de Bragança tudo era correspondente á grandeza da sua casa, ou do seu animo.

As luzes deste matrimonio eclipsáraõ no semblante de Francisco I. de

Fran-

França, as quaes elle costumava mostrar bem agradaveis ao Conde de Linhares D. Francisco de Noronha, entaõ Embaixador de Portugal na sua Corte. Nascia o sentimento del Rei de se haver concluido este matrimonio, sem D. Joaõ III. lhe dar parte delle: sentimento justo, supposta a vulgaridade da politica, que se especialisava em razaõ da antiga alliança entre as duas Coroas. Em ignorancia semelhante respectiva, a mesma materia estava o Embaixador, que sobprendido de repente pela cólera do Rei de França, ouvia suspenso, e pedia auxilios superiores para responder a estas queixas inflammadas, que temeo levantassem incendios: como se póde soffrer, dizia o Rei, que vosso Amo case sua filha com o filho do meu inimigo sem mo fazer sabedor? Esta injuria estreita, aperta, naõ tem commodo na vastidaõ immensa do Ser Real: quanto lhe cresce a estatura, sendo feita por hum Monarca illuminado, alliado, e amigo? E feita a quem? A hum Rei de França. Elle he capaz de soffrella?

Era vulgar.

E

Hespanha. E a vós, ainda que tivesseis ordem para me naõ dar parte, quem vos ha de desculpar pelo naõ fazerdes, suppostos os agrados extraordinarios, com que vos tenho tratado?

O Embaixador que tudo ouvia attento, e calado, sem perturbaçaõ, sem focobro, com toda a presença do espirito lhe responde: Na queixa, que V. Magestade acaba de formar, encontro eu a noticia do casamento, que até aqui ignoro; porque o Rei, que o calla, naõ tem intençaõ de offender-vos: no silencio ha mysterio; e se elle intentasse ser vosso inimigo, dava-vos parte; naõ vo-la deo; Senhor, estai certo pela politica mysteriosa, que os seus sentimentos saõ de ser vosso amigo, como sempre. Ao ouvir esta resposta, o Rei de França, que parecia em estado de naõ admittir satisfaçaõ, de repente se mostrou taõ satisfeito, que banida a cólera, socegado o semblante, alegre o rosto, affavel como nunca, lançando os braços ao Embaixador, e apertando-o nelles, lhe disse: *Ah Conde, Eu dére-*

to-

tado. Pariz por lograr hum homem como vós. Honras semelhantes só fóra da Patria as possuiaõ Portuguezes. Este, que naõ presumia de si, á vista da naõ pensada mudança, teve a resposta por inspirada, naõ por sua. Com o maior segredo, e diligencia mais activa, deo o Conde aviso a Lisboa do que lhe succedêra. Com a mesma diligencia, e segredo communicou o Rey de Portugal ao de França o casamento, desculpando-se de naõ o haver feito antes, com as mesmas razões do Embaixador. O Rei que pela brevidade da Carta naõ teve lugar de suppôr a convençaõ, segunda vez se admirou da dexteridade do Embaixador, que estimou como hum interprete das intenções mais occultas do seu Principe.

CA-

CAPITULO IV.

Varias expedições do Governador da India, e principio dos importantes negocios, a que deo causa a retirada de Mealecan para Goa.

Era vulg.

JÁ dominante na India o espirito da avareza, elle influia muitos homens, que andavaõ no mesmo Estado correndo apoz o puro das riquezas, para persuadirem á Corte de Lisboa se aproveitasse dos thesouros sepultados nas terras do Oriente. Ella fatigada dos avisos, que lhe faziaõ aquelles genios a respeito das casas cheias de preciosos metaes, que se diziaõ estarem no Pagode de Tremele, situado no Reino de Narsinga doze legoas ao Sertaõ da Cidade de S. Thomé, ordenou a Martim Affonso, que em pessoa fosse a esta empreza com a cautéla, e segredo necessario a quem hia fazer para os Gentios hum roubo sacrilego. Com vinte e tres vélas sahio o Governador em demanda do Cabo de Comorim;

rim; mas além delle o assaltou hum temporal taõ furioso, que todos os vasos estiveraõ perdidos. Na Ilha das Vaccas, onde elles se reuníraõ, o Governador ajuntou os Officiaes, revelou-lhes as ordens da Corte, a importancia do negocio a que hia, ponderou a despeza feita com a Armada, o tempo improprio para passar os baixos de Choromandel, e que déssem o seu parecer no que se devia obrar.

Eis vulg.

Os Pilotos julgáraõ impossivel a continuaçaõ da viagem, e que se devia redobrar o Cabo para recolher os navios, que andavaõ desgarrados na contra costa. Como esta jornada era de lisongear a cubiça, ao passar pelo porto de Callecoulaõ, que era do Rei alliado, e amigo, houve quem lembrasse ao Governador, que huma legoa pela terra dentro estava o Pagode de Tebilicaré, naõ menos rico que o de Tremele para carregar de ouro toda a Armada. A fome maldita deste metal, que a todas as temeridades arroja os peitos humanos, fez esquecer a amizade, a alliança com o Estado de

Cou-

de Coulaõ, e ficou resoluto que o seu Pagode se roubasse para resarcir-nos os nossos damnos. Fez-se o desembarque na terra do Principe, que estava por ella dentro occupado na guerra sobre a fronteira. Os seus vassallos naõ se assustáraõ de ver em casa armados aos Portuguezes, que estimavaõ como amigos, e que tinhaõ no seu Continente huma Fortaleza. Elles se contentáraõ com observar quaes eraõ os seus designios.

Sem opposiçaõ chegáraõ elles ao Pagode, aonde acháraõ a imaginada riqueza reduzida a hum vaso de ouro, que servia para se lavar nelle o Idolo tutelar. A' vista desta profanaçaõ do seu Santuario, da rotura da paz, da avareza indigna, os Gentios tomaõ fogo, qual mina, que rebenta; com 200 Naires na testa se lançaõ aos nossos como chammas, que intentavaõ devorallos. Naõ he dizivel a situaçaõ lastimosa, em que o vicio raiz de todos os males metteo a tantos Portuguezes illustres. Por caminhos estreitos, por desfiladeiros intractaveis, que os impos-

possibilitava ao uso das armas, foraõ elles soportando o penoso ataque dos Barbaros, que os perseguiaõ como a profanadores sacrilegos do seu sagrado. A cada passo nos cahiaõ mortos, gemiaõ os feridos, dos primeiros trinta, dos segundos mais de cento e cincoenta, o resto em consternaçaõ summa.

Era vulg.

Martim Affonso, que marchava a cavallo, e havia recebido muitos golpes nas armas, que levava vestidas, deveo a vida ás advertencias prudentes de Vasco da Cunha, que elle naõ entendia seu amigo pelo ter sido de D. Estevaõ da Gama. Muitas vezes na marcha o advertio este Fidalgo se desmontasse para naõ ser conhecido, nem alvo da fúria dos Barbaros, e se mettesse no centro da Infantaria para se confundir com os soldados communs, e naõ se fazerem á sua pessoa pontarias determinadas. Porque elle naõ entendia o conselho sincero, nem queria acceitallo, Vasco da Cunha o fez apear quasi por força, e seguir a pé a marcha de Garcia de Sá, a quem se deveo a salvaçaõ do restante das tropas,

de-

Era vulg. depois que se formou em campo largo para as conduzir ao lugar do embarque com mais airosa retirada. Desta expediçaõ a Corte, que a aprováva, tirou por fructo condenalla depois, entrar em escrupulos, mandar restituir o vaso no mesmo lugar do roubo, e ordena ao Governador fosse em pessoa dar satisfaçaõ ao Rei pela infracçaõ da paz.

Naõ recobrados os espiritos desta derrota, Martim Affonso recebeo cartas de D. Garcia de Castro, Governador de Goa, que continhaõ negocio mais importante para o obrigar a recolher-se áquella Cidade sem perda de tempo. Abrahemo, novo Idalcaõ, havia succedido no Reino a prejuiso de seu tio Mealecaõ, que por mórte de seu Pai fora preso, e detronado por Malucaõ, irmaõ de Abrahemo. Accedecaõ, que temia a este novo Rei, se retirou para as terras do Concan, de que era Governador; más a bondade de Abrahémo foi tanta, que deo liberdade a Meale, e chamou para a Corte a Accedecaõ. Naõ tardáraõ sugestões de

de Aulicos intrigantes a perturbar esta bella harmonia. Meale temeroso fugio para Meca; mas roubado em Zeila, voltou para Surrate, aonde mereceo a protecçaõ do Rei de Cambaya. Acedecaõ se segurou com tempo, e animado com a volta de Meale, se resolvêo a jogar hum lanço favoravel ás suas longas vistas. Como elle tinha a pessoa, e os thesouros no azilo da Cidade de Sanguiçer, emprendeo ganhar, para si, e para Meale a protecçaõ dos Portuguezes.

Em vulgo

Elle negociou com D. Garcia de Castro, que mandasse vir Meale de Cambaya para com o seu partido o fazer Rei; que elle cederia á Coróa de Portugal as terras de Concan, que rendiaõ hum milhaõ. O Governador recebeo os avisos deste importante negocio em Cochim, quando chegava do Reino ao seu porto Diogo da Silveira com quatro náos, de que eraõ Capitães elle, D. Rodrigo Telo, Fernando Alvares da Cunha, e Simaõ Sodré. Immediatamente partio o Governador para Goa, aonde se delibe-

Em vulg. rou no Conselho, que o partido proposto por Accedecaõ se devia acceitar; que se mandasse vir Meale de Cambaya, se lhe desse azilo em Goa, e se tratassem como nossos os seus interesses. Em quanto se expediaõ ordens a Nuno Pereira de La-Cerda, que cruzava na barra de Sanguiçer por entreter com politica os dous partidos de Abrahemo, e de Accedecaõ, e chegava Sebastiaõ Lopes Lobato, que com dous navios fora a Cambaya para conduzir a Meale; o Governador mandou a Diogo de Reinoso, que com todo o segredo em huma embarcaçaõ ligeira fosse ao Estreito saber o que tinha acontecido na Abissinia a D. Christovaõ da Gama, e aos Portuguezes da sua companhia.

A cautela desta viagem provinha das noticias, que trouxeraõ as ultimas náos do Reino. Por ellas se soube como o Graõ Turco admirado de D. Estevaõ da Gama ter chegado com as armas Portuguezas ao porto de Suez, o que elle nunca pensou, esta expediçaõ fora causa das duas Cortes de

Lis-

Lisboa, e Constantinopla entrarem em negociações, que entaõ naõ podéraõ ser penetradas pelo público. Que por conta dellas El-Rei D. Joaõ mandára a Diogo de Mesquita com o caracter de Embaixador junto á pessoa do Sultaõ. Que este Ministro ajustára com elle que em todo o tempo, que aquelles negocios se tratassem, nem as náos Portuguezas entrariaõ no Estreito, nem as galés Turcas sahiriaõ delle: ordens, que de Constantinopla se tinhaõ mandado ao Baxá do Cairo, e agora vieraõ de Lisboa ao Governador da India; e ordens, que obrigáraõ o mesmo Governador a dar regimento apertado a Diogo de Reinoso para naõ passar de Arquico, nem se adiantar a mais operaçaõ, que a de saber noticias de D. Christovaõ da Gama.

Era vulg.

Tres grandes movimentos respectivos a Meale succediaõ ao mesmo tempo, além do que depois intentou Martim Affonso. O primeiro foi a felicidade da sua sahida de Cambaya, e chegada a Goa: o segundo a morte de

1544

Era vulg. Accedecaõ acabado da velhice de 90 annos, quando com os mais conjurados preparava 40000 cavallos para metter a Meale de posse do Reino. O terceiro a victoria do Idalcaõ Abrahemo sobre os mesmos rebeldes, que depois da morte de Accedecaõ foraõ feitos em postas. Estes dous ultimos movimentos se ignoravaõ em Goa, que estava posta em armas, e o Governador com o Exercito em Benastarim para passar com Meale á outra banda. No meio da noite precedente ao dia da passagem, Pedro de Faria, Fidalgo illustre na qualidade, nos annos, nas experiencias, no valor, buscou em Benastarim a Martim Affonso, e só com elle lhe propôz com tal energia os inconvenientes da empreza, que o Chéfe prudente fingindo cartas de Ormuz, que o obrigavaõ a alterar a resoluçaõ primeira, tomou a de se recolher a Goa com a luz do dia.

Bem hospedado com segurança o pretendente Meale, entráraõ a mostrar os successos a madureza do Conselho de Pedro de Faria, e a ser louvado

Mar-

Martim Affonſo como homem de penetraçaõ. Soube-ſe a victoria de Abrahemo, a mórte de Accedecaõ, a fuga intentada para Meca de Semaçadim, que elle nomeára depoſitario dos ſeus theſouros para os entregar a Meale, que deixava por herdeiro: tudo incidentes, que nos obrigáraõ a eſtimar a paz propoſta pelo Idalcaõ, que confirmou á Corôa de Portugal as terras firmes de Bardes, e de Salcete. O goſto deſta vantagem foi perturbado pelos meios applicados para impedir a Coge Semaçadim a ſua retirada para Meca, e haver ás mãos o theſouro de Accedecaõ. Elle ſe tinha feito lugar na graça do Rei de Cananor, que o amparava na ſua Corte, e ſe eſcandaliſou das intrigas indecentes mettidas em óbra para ſer ſobprendido o cabedal, e a peſſoa: intrigas, que irritando o eſpirito daquelle Rei, perturbáraõ a tranquillidade, que os Portuguezes havia tantos annos gozavaõ nos ſeus Eſtados.

Era vulg.

Entrou o Idalcaõ nas pretenções, de que o Governador mandaſſe a Meale

Era vulg. le para as Molucas. Elle o satisfez com pretextos especiosos para se contentar com que o tivessem seguro na Fortaleza de Cananor. Pelo mesmo tempo pediaõ de Ormuz para Rei a Torunxá, minino de onze annos, que estava em Goa, por ser morto seu Pai Xargol. A falta deste Principe servio de pretexto ao Rei de Xiraz para invadir com grossas forças as terras do Magostaõ: huma guerra, em que naõ pode deixar de se interessar Martim Affonso de Mello Jusarte, que governava a nossa Fortaleza de Ormuz. Ella estava no maior ardor, quando chegou o novo Rei Torunxá, acompanhado de Luiz Falcaõ, que hia succeder ao Jusarte no governo, e teve a felicidade dos dous Reis ajustarem a paz sem demora.

Diogo de Reinoso atroando o Estreito com éccos, que chegáraõ a Constantinopla, e metteraõ em sustos o Embaixador Diogo de Mesquita, contravindo o seu regulamento, que o chegou a termos de se lhe tirar em Goa a cabeça, se com certidões fingidas de idade naõ lhe valesse o indulto

de

de menor: elle chegou a Arquico, aonde achou a Manoel da Cunha, que com 50 Portuguezes dos 400 da companhia de D. Christovaõ da Gama, depois de deixarem ao Imperador da Abissinia em paz, e triunfante nos seus Estados, vinhaõ recolher-se para a India. Os mais se estabelecêraõ, e casáraõ nos mesmos Estados favorecidos pela liberalidade do Imperador. Estes cincoenta, como naõ cabiaõ no pequeno navio de Diogo de Reinoso, nem quizeraõ separar-se, esperaraõ outra monçaõ para a sua viagem.

Era vulg.

Neste anno passou á India pela terceira vez o famoso Fernaõ Peres de Andrade por Commandante de cinco náos, quatro dellas bem infelices na viagem. A sua chegou a Goa em Setembro; a de seu irmaõ Simaõ de Andrade arribou a Lisboa; a de Simaõ de Mello, que hia provido no governo de Malaca, se perdeo em Moçambique; a de Jacome Tristaõ invernou em Zanzibar; e a de Luiz de Calatayud tomou por fóra da Ilha de S. Lourenço, e chegou a Cochim em Outubro.

De

Era vulg. De dous homens tamanhos como eraõ Fernaõ Peres de Andrade, e Diogo da Silveira, pelas muitas vezes que tinhaõ vindo á India, aonde agora estavaõ ambos, disse com pouca seriedade o Governador Martim Affonso de Sousa: Que elles eraõ bons para bestas de carga, porque sabiaõ bem o caminho. Mas daqui em diante já este Chéfe naõ soffria a ninguem, nem ninguem o podia soffrer a elle. A mudança da moeda, alteradas consideravelmente as especies, sem lhes abaixar os preços, as suas refórmas intempestivas, os modos indignos, de que continuava a usar em Cananor para haver de Coge Semaçadim o thesouro de Accedecaõ, o fizeraõ aborrecido igualmente dos Portuguezes, e dos Indios.

1545 Já elle houvéra de Semaçadim oitocentos mil cruzados, dados em publico para El-Rei, e dizia-se que outra porçaõ tirada em particular para elle, na intelligencia de que o thesouro naõ passava de hum milhaõ. Informando-o depois o mesmo Idalcaõ, de que o depositario estava cheio de ou-

ouro, porque o cabedal de Accedecaõ montava a milhões, Martim Affonso para lhe cahir nas mãos Coge Semaçadim, como meio que estimou unico para entregar todo o dinheiro; elle foi em pessoa a Cananor, tratou em segredo com o Commandante da Praça prender o Mouro, entregallo a Henrique de Sousa para lho levar a Goa; e quando naõ o podesse conseguir, em todos os modos lhe segurasse o seu hospede Aderrajaõ, como instrumento bastante para os fins, que intentava. Casualmente se escusou Semaçadim a quantos convites lhe foraõ feitos para vir á Fortaleza, contente com os agrados do Rei de Cananor; mas para o infeliz Aderrajaõ naõ houve hum acaso destes.

Era vulg.

Como este homem em nada desmerecia aos Portuguezes, e estava firme na boa fé da sua amizade, naõ teve dúvida em acceitar com seu irmaõ o cumprimento de Henrique de Sousa, que os convidou para passearem pela praia. Quando chegáraõ ao sitio, em que estava gente occulta para o prender

Era vulg. der; elle advertido se pegou ao Sousa com tanta força, que naõ o podéraõ arrancar dos seus braços, senaõ morto ás lançadas. A mesma atrocidade se usou com o irmaõ do infeliz Aderrajaõ. Acabáraõ-se as esperanças do thesouro: perfidia taõ abominavel na casa de hum Rei amigo abateo a reputaçaõ do nome Portuguez: rompeo-se com golpe sensivel a paz de Cananor, que gozavamos do tempo do Viso-Rei D. Francisco de Almeida até agora.

CAPITULO V.

Ultimas acçaões de Martim Affonso de Sousa, e primeiras do Governador D. Joaõ de Castro, depois IV. Viso-Rei da India.

NOS annos do governo de Martim Affonso de Sousa, especialmente neste ultimo, que tratamos, foraõ muito vantajosos os progressos da Religiaõ no Oriente, animados pelos espiritos fervo-

vorósos dos Operarios Evangelicos, que com S. Francisco Xavier na sua têsta, por todo elle faziaõ soar a palavra de Deos. Naõ era menos ardente em Goa o zelo do seu Bispo D. Joaõ de Albuquerque, que deo melhor fórma a esta Capital para os seus moradores naõ experimentarem falta na administraçaõ dos Sacramentos. Até este tempo naõ havia nella mais Freguesia que a Cathedral, antigamente chamada de Santa Catharina. Agora, como a Cidade cada dia se augmentava, além desta Freguesia, elle erigio mais tres, que foraõ a da Senhora do Rosario, a da Senhora da Luz, e a de Santa Luzia, todas com constituições novas feitas por elle para commodidade dos Freguezes, e decencia do culto Divino.

Era vulgar

Martim Affonso entendendo lhe naõ tardaria Successor, quiz deixar expeditos negocios graves, que occorriaõ por muitas partes, para que naõ lhe imputassem omissões em tantas occurrencias criticas. Porque Malaca, sempre exposta, estava sem Governa-

dor

Era vulg. dor pela morte de Ruy Vaz Pereira; e pela perda da náo de Simaõ de Mello, despachou provído a Garcia de Sá, Fidalgo velho de grande merecimento, como se tem visto nesta Historia. Para o governo das Molucas mandou com consideravel reforço á Fernaõ de Sousa de Tavora. Aprestou com toda a diligencia a Armada para o Successor em chegando a achar em estado de servir. Pela situaçaõ critica dos negocios de Dio, que ameaçavaõ hum rompimento prompto, como eu já vou a referir, despedio com grosso soccorro de gente, munições, e viveres a D. Joaõ Mascarenhas para render a Manoel de Sousa de Sepulveda, que tinha acabado o seu tempo.

Este Fidalgo, como Governador de Dio, sentia de mais perto os effeitos da paz vergonhosa, que o Viso-Rei D. Garcia de Noronha fizera em Cambaya. Quando a elle lhe constava, por huma parte, que Sultaõ Mamud trazia sempre na memoria vinganças contra os Portuguezes, já pela morte, que elles haviaõ dado a seu tio Sultaõ Badur,

já

Já por deſpique da injúria feita ás ſuas armas colligadas com as dos Rumes invenciveis no primeiro ſitio de Dio: pela outra via o Sepulveda trabalhar no muro de diviſaõ entre a Cidade, e a Fortaleza, como ſe ajuſtára no Tratado da paz, de que reſultava á Praça a ſua ruina, ao Eſtado huma affronta. Diſſimulava elle a obra com impaciencia para naõ perturbar as que determinava fazer na Fortaleza, que neceſſitava maior recinto, e novos baluartes para melhor defenſa. Obras foraõ ſuas o lanço do muro, com que metteo no corpo da Praça hum padraſto entre ella, e o foſſo, aonde os inimigos ſe podiaõ poſtar amparados do fogo: os baluartes S. Thomé, a que entulhou a ametade, que ficava fóra da rocha; S. Joaõ, que depois foi chamado o Baluarte da Rama; e S. Jorge ſobre a porta, todos com capacidade para muita artelharia, e guarniçaõ correſpondente.

Era vulga

Tanto que Manoel de Souſa de Sepulveda teve a Fortaleza neſte eſtado de melhor defenſa, propôz á ſua gente

te

Era vulg. te a resoluçaõ, em que estava de naõ consentir que o Rei de Cambaya levantasse no muro hum padraõ de injúria para o Estado da India, hum curral de affronta para todos os Portuguezes, que ficavaõ fechados como animaes perdidos. Elle sahe a campo armado; põe os Officiaes em fugida; faz desmanchar a parede, e manda levar á Fortaleza todos os materiaes, e ferramentas. Sóbe aos ultimos pontos do desconcerto a cólera do Sultaõ Mamud com esta noticia, e Coge Çofar sempre attento para naõ perder os lanços da sua fortuna, vendo-o tomado della, atiça o fogo, sopra as chammas, faz lavrar as lavaredas, e com este discurso inflammado intenta fazer inextinguivel o incendio.

Que esperas, Rei invicto, Sultaõ poderoso de Cambaya, tu que fazes tremer a terra, assustar os mares, perturbar as Esféras? Em que te detens, Monarca adorado do Universo, só de quatro monstros acantonados em Dio, offendido, affrontado, ou porque a ti te desconhecem, ou porque

se-

se naõ conhecem a si? Detens-te, esperas, que estes brutos, estes tigres, estas féras agora com medo enterradas na cova de Dio, recobrem alentos, sahaõ devorantes por Cambaya, como leões ás prezas, façaõ ao teu nome mais injúrias, aos teus vassallos mais insultos, te reduza a sua barbaridade ao estado de teu tio o invencivel Badur, acabado ás mãos dos trahidores mais vis? Morraõ as hydras affogadas no berço. Se as deixares nutrir, naõ deves temer que te devorem? Se ellas na vida ainda te naõ tocaõ, na honra que fundo te ferem! Se quaesquer homens por ella saõ obrigados a expor muito, os Reis devem arriscar tudo. Que importa se despedace a Coróa, quando a reputaçaõ se rompe, quando o respeito se perde? Eu, que sou hum Estrangeiro em Cambaya, aonde busquei hum refugio com o Baxá Mustafá, porque aos seus Soberanos devo honras como vassallo, amor como filho, já naõ tenho soffrimento, falta-me a tolerancia para ser testemunha sem acçaõ, paciente sem vin-

Era vulg.

Era vulg. vingança dos despresos, que os Barbaros Portuguezes fazem na minha face aos meus Pais, aos meus Reis; aos Monarcas de Cambaya, a quem Çofar deve tudo. Senhor, dá-me armas, e gente para ir arrancar do mundo os monstros da abominaçaõ. Se ao que peço me naõ differes, eu marcho só, chego a Dio, bato a Fortaleza dos Portuguezes com a cabeça, morro phrenetico; mas nella deixarei gravado para a posteridade o Epitaphio advertido. Aqui se matou Coge Çofar dessesperado por naõ ter meios de vingar o seu Rei offendido, que naõ quiz vingar-se.

Naõ podiaõ deixar de produzir os seus effeitos razões taõ fórtes applicadas a hum animo todo cheio de estimulos. Sultaõ Mamud agradeceo a Coge Çofar as demonstrações do zelo; nomeou-o Capitaõ General dos seus Exercitos; encarregou-lhe a expediçaõ contra os Portuguezes de Dio para a executar como bem lhe parecesse; mas que até ao tempo prefixo de entrar em acçaõ; fizesse guardar inviolavel o segre-

gredo. Com as cautelas necessarias deo Çofar principio ás negociações pelas Cortes da India até ao Malabar; convidando os Principes com promessas de vantagens para huma alliança geral contra os Portuguezes. Elles naõ podiaõ deixar de esperar o mesmo, que o segredo cobria; e attentos á sua conservaçaõ, o Governador para a guerra, que esperava, mandou de Goa prover a Fortaleza na fórma, que fica referido.

Era vulg.

Esta era a figura, em que se achavaõ os negocios da India, quando D. Joaõ de Castro chegou á barra de Goa com seis náos, que neste anno sahíraõ do Reino. O Infante D. Luiz lhe negociou o despacho de Governador do Estado, em que vinha provido, e com elle embarcáraõ seus dous filhos D. Alvaro, e D. Fernando de Castro; filhos benemeritos da natureza, e da disciplina de taõ grande Pai. Os Capitães, que trazia ás suas ordens, eraõ D. Jeronymo de Menezes, filho de D. Henrique, irmaõ do Marquez de Villa-Real, e Cunhado do Governador,

Em vulg. que trazia o governo de Baçaim; Jorge Cabral com o mesmo despacho, se D. Jeronymo naõ o servisse; D. Manoel da Silveira provído em Ormuz; Simaõ de Andrade, e Diogo Rebelo, que haviaõ voltar com as náos da carregaçaõ. Em Moçambique tomou o Governador a bórdo a Simaõ de Mello com a gente, que escapára do naufragio da sua náo, e chegou a Goa com feliz viagem.

Martim Affonso lhe entregou o governo com as formalidades costumadas, naõ podendo deixar de sentir as mudanças dos amigos da fortuna, que costumaõ adorar o Planeta, que nasce, e apedrejar o que se põe. Só se achou Martim Affonso, sem lembrança nos homens, de que elle era parente estimado do Conde da Castanheira valido. Fosse por esta consideraçaõ, ou pela grandeza da alma de D. Joaõ de Castro, elle tratou a Martim Affonso por humas maneiras civis bem differentes daquellas, com que Martim Affonso tratára a D. Estevaõ da Gama. Muita da Nobreza, que anda-

va na India, se embarcou com este Chefe para o Reino, aonde chegou com huma felicidade de viagem até entaõ naõ vista, aonde foi bem recebido, e aonde o Rei, fazendo justiça á sua capacidade, aos seus talentos, e virtudes, lhe deo lugar nos conselhos, e se servio do seu prestimo em utilidade do público.

Era vulg

D. Joaõ de Castro recebido em Goa com apparato magnifico, como se o estivesse já vendo entrar pelas suas praças, e ruas victorioso, e triunfante; elle naõ perdeo tempo em cumprir os deveres da sua obrigaçaõ com a agilidade de espirito, de que o dotou liberal a natureza: Porque achou preso em huma torre o Principe Mealecan, o pôz em liberdade com casa, e fausto correspondente a quem era. Porque soube, que Coge Semaçadim estava escandalisado em Cananor pelo ultimo insulto cometido contra Aderrajaõ a seu respeito, o mandou satisfazer, e lhe deo licença para enviar seguras a quaesquer portos, até ao de Meca, as náos, que elle carregasse. Porque

Era vulg. na sua companhia trazia solto, livre, e honrado ao Raix Xarafo, o despachou logo para Ormuz a servir os seus empregos. Porque Simaõ de Mello viera provído do Reino no governo de Malaca, em que naõ podéra entrar por causa do seu naufragio, sem demora o despedio para tomar delle posse, como El-Rei mandava.

Os negocios de Cambaya eraõ os mais criticos: elles pediaõ mais attentos os cuidados. Entrou D. Joaõ de Castro a ponderar, que Coge Çofar era o primeiro movel das intrigas: que depois do sitio de Dio, elle naõ perdêra as esperanças de o renovar, fechado a toda a penetraçaõ até ser tempo de apparecerem os designios mettidos em obra por medidas differentes: que se na occasiaõ do primeiro sitio se conduzira reportado, fora com temor do Baxá Solimaõ, naõ succedesse forjar para Cambaya nova cadêa, quando intentava romper a antiga: que elle por confiar menos nos Guzarátes, attrahia as nações Musulmãs, os Christãos renegados, e lhes dava lugar dis-

distincto na sua estimaçaõ para o servirem de vontade: que tantos provimentos de guerra, tanto fundir de artelharia, tanto trabalhar nos armazens do referido sitio até agora, provava bem que se premeditava outro contra a mesma Fortaleza: que era huma apparencia o estrondo habilmente espalhado por Cambaya de huma guerra proxima com os Patanes, e de huma invasaõ eminente dos Mogores: em fim, que a amizade estreita de Çofar com os Officiaes das trópas, as civilidades, e regalos com que os distinguia, as suas negociações effectivas pelas Cortes Estrangeiras, tudo os Portuguezes deviaõ olhar como huns Heraldos, que lhes estavaõ declarando a guerra.

Era vulg.

Todas estas idéas se confirmavaõ com o muro de divisaõ pouco antes derrubado por Manoel de Sousa de Sepulveda. Mas D. Joaõ de Castro ainda meditava mais, que nada obstava aos Portuguezes para andarem como cégos por causa da confiança temeraria, que os fazia crêr que depois de tantas victorias nada era bastante para os fa-

zer

Era vulg. zer perder a ascendencia sobre todas as Nações Orientaes. Nada bastava para os acordar do lethargo, que lhes causava a paz diuturna; soberbos por vêrem os Reis humilhados; arrogantes, como se a guerra fosse hum entremez; elevados, como se todos os animos estivessem taõ abatidos, que Principe algum do Indostaõ se attrevesse a declarar-lha. Nada bastava para os fazer conhecer, que a conduta dos homens da India era já differente da dos Portuguezes primitivos; a avareza hum fomento, que os arrastava a escandalisar sem excepçaõ a amigos, inimigos, e indifferentes, geralmente malquistos. Nada bastava para os capacitar da diminuiçaõ dos soccorros, que vinhaõ do Reino; a que havia nas Armadas da India, aonde huns navios se deixavaõ apodrecer; os que se deviaõ fazer, naõ se fabricavaõ; as guarnições nas praças eraõ muito menos do que ellas necessitavaõ; as munições, e os viveres escaços. Huns nadas, que naõ podiaõ escapar aos inimigos do Estado, e muito menos a Coge Çofar, que es-

tan-

tando álerta em quanto lhe era respectivo, tudo penetrava, e de nada se esquecia.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Do que succedeo na India no principio do governo de D. João de Castro até o segundo sitio de Dio.

1546

COM a chegada de novos Officiaes Commandantes em Chéfe a Dio, e a Goa, o habil Coge Çofar, sem fazer mudança nos sentimentos, quiz mudar com ambos do estylo, que estudava. Elle mandou visitar em Dio ao Capitaõ D. Joaõ Mascarenhas com cortezias, cumprimentos, civilidades; mas acompanhadas de queixas do seu Predecessor, como hum infractor da paz na temeridade de arrazar o muro, que estava bem certo sería agora levantado com a permissaõ de hum Chéfe taõ prudente, que saberia respeitar a dignidade do Rei de Cambaya. D. Joaõ Mascarenhas depois de derramar sobre

Ço-

Reg. vulg. Cosar iguaes torrentes de urbanidade; em quanto á permissaõ para a fabrica do muro, se desculpou com que era faculdade, que naõ cabia na sua jurisdiçaõ; hum acto facultativo, e particular do novo Governador da India, D. Joaõ de Castro, com quem elle a devia negociar.

Esta resposta de D. Joaõ Mascarenhas fez apressar a jornada do emissario destinado para a visita de Goa, seguido de hum rico presente, que com todos os mais, que se acceitáraõ neste governo, foraõ carregados em receita na Fazenda d'El-Rei; porque D. Joaõ de Castro, que havia na India empenhar as barbas, naõ era Governador de acceitar presentes. O Heróe, que muitas vezes fechou as mãos ás mercês dos Reis, mal as poderia abrir para receber dadivas dos particulares. O homem, que na sua quinta de Sintra arrancou as arvores fructiferas para plantar as silvestres, naõ hia a India tomar o gosto ás producções das terras do Oriente. Guerra, Paz, Justiça, e Religiaõ foraõ para D. Joaõ de

Cas-

Castro outras como quatro arvores do Paraiso, para que elle levantou a maõ; advertindo que os seus fructos eraõ a nutriçaõ do Estado, as folhas a saude das suas gentes.

Eravulgi

Tratou D. Joaõ de Castro o emissario de Cambaya com honras de delicadeza; mas em quanto ao muro se fez desentendido, antes prompto á guerra, que á injúria. Com igual politica despedio os Embaixadores do Idalcaõ, que pretendia a remessa de Meale para as Molucas, ou a restituiçaõ das terras de Bardes, e Salcete; as delongas, de que elle se servio para a primeira escusa, aproveitáraõ para a segunda; bem lembrado de que o Idalcaõ naõ declararia a guerra com o temor de apparecer Meale nos seus Estados levado na frente das nossas tropas, que poderia ser origem de comoçaõ nas suas.

Com modos mais sublimes, até entaõ naõ usados, se portou D. Joaõ de Castro com Aeyro, Rei de Ternate, que agora chegou a Goa, mandado preso por Jordaõ de Freitas para a Co-

Era vulg. rôa de Portugal, sem este tropeço, ficar possuindo aquelle Estado, de que o Rei Tabarija lhe havia feito doação, quando morreo em Malaca. O Governador tratou o Principe com as honras devidas ao seu caracter; respeitou-lhe a innocencia; investio-o na posse do seu Reino sem outra obrigação; que o reconhecimento á nossa Corôa; e porque naõ estranhasse o clima á maneira dos seus Predecessores, que apodreciaõ nos carceres de Goa, havendo chegado em Fevereiro, o despachou no Abril seguinte, entregue a Bernardim de Sousa para o conduzir com toda a decencia ao seu Reino.

Entre tanto que estas cousas succediaõ, nas Molucas laboravaõ duas revoluções consideraveis, que tinhaõ occupados a Fernaõ de Sousa de Tavora, mandado por Martim Affonso a socegallas, e o Governador Jordaõ de Freitas, até entaõ sem ociosidade em divertillas. Da primeira eraõ causa os Castelhanos, commandados pelo seu Chéfe Ruy Lopes de Villalobos, protegidos do Rei de Tidore, que con-

contravinhaõ os Tratados estipulados na Europa. Fomentava a segunda o Rei intruso de Geilolo, que perturbava todas as Ilhas, perseguia todas as novas Christandades, por mar, e terra fazia guerra aos Portuguezes. A primeira revolta com desembaraço, e prudencia foi pacificada pelo Tavora, que reduzio os Castelhanos a virem a Ternate para se embarcarem com elle para a India, donde haviaõ voltar para o seu Reino. Elle os tratou com tanta hospitalidade, que se lhe offerecêraõ para o acompanhar na guerra de Geilolo, em que ambas as Nações obráraõ actos de valor heroicos; mas sem nada de consequencias.

Em vulg.

Na India como o Veraõ declinava, o Governador cuidou em provêr as Praças do Nórte, especialmente a de Dio, para onde mandou com 200 homens os Capitães D. Joaõ, e D. Pedro de Almeida, ambos irmãos, Gil Coutinho, e Luiz de Sousa. Em quanto se apreſtava em Champanel o Exército, que na entrada do Inverno havia formar o sitio, Çofar andava pelas

Ci-

Era vulg. Cidades maritimas ajuntando com cautela as cousas necessarias. Succedeo em Surrate encontrar-se com hum Portuguez de Dio, seu conhecido antigo, chamado Ruy Freire, homem de caracter taõ provado de Çofar, que naõ teve dúvida fiar-lhe, e conseguir delle huma de tres manobras bem conformes á baixeza do seu espirito elevado com altas promessas: Que envenenaria as aguas da cisterna, ou poria fogo ao armazem da polvora, ou no silencio da noite pela parte do mar daria entrada por escadas de corda á gente de Cambaya. Tres trahições infames, que providencia particular do Ceo dispôz chegassem á noticia de D. Joaõ Mascarenhas antes de produzirem os seus perniciosos effeitos.

Já corria o mez de Abril, quando na Cidade de Dio entrou hum dos Capitães de Çofar com 500 Tarcos, que lhe mandára de soccorro seu amigo o Rei de Zebit para impedir com dissimulaçaõ se vendesse aos Portuguezes nada do necessario. Como era tempo de começar a tirar a mascara, Çofar fin-

fingindo que Sultaõ Mamud o havia feito Donatario das Cidades de Surrate, Reinel, e Dio, efcreveo pelo feu Capitaõ a D. Joaõ Mafcarenhas dando-lhe parte defta mercê, e accrefcentava: Que naõ fe admiraffe de vêr entrar trópas na Cidade, naõ levando mais deftino, que o de a fortificarem, como a dominio novo, que acabava de entrar na fua cafa: Que em quanto ao mais, o contaffe no número dos fieis fervidores de Portugal, e no dos feus bons amigos. D. Joaõ Mafcarenhas refpondeo pelo mefmo tom com as delicadezas convenientes; mas o movimento de trópas fazia já tanto eftrondo, que abafava o ruido furdo da fimulaçaõ.

Em vulg.

Sabía o noffo Chéfe do grande Exercito, que principiava a desfilar de Champanel com caras na Ilha de Dio; do tropel de carretas, que occupavaõ os caminhos, e as Cidades vifinhas cheias de recrutas; dos bandos de gente, que todos os dias vadeava os paffos, e quantidade de caras novas na Cidade, que naõ fe podia duvidar ferem

rem

Era vulg. rem outros tantos soldados disfarçados para se descobrirem a seu tempo. Á vista de tantos indicios, que já pareciaõ evidencias da guerra, D. Joaõ Mascarenhas despachou logo huma embarcaçaõ ligeira com cartas aos Governadores de Baçaim, de Chaul, e da India, fazendo-lhes saber, como na bocca do Inverno estava nas vesperas de hum sitio, e que necessitava soccorros. Nos tres dias posteriores a este aviso, que ainda foraõ de liberdade, recolheo na Fortaleza grande somma de tudo, viveres, madeiras, materiaes de edificios, que demolio; mantimentos, que mandou vir dos portos immediatos; pôz fóra as boccas inuteis, que em navios mercantes enviou ás nossas praças, até chegar o dia 20 de Abril, em que entrou na Ilha outro Exercito, que rompeo o segredo da guerra projectada, e nos obrigou a estarmos mais vigilantes sobre as guardas.

Imitador glorioso da actividade, das previdencias, do valor do grande Antonio da Silveira, D. Joaõ Mascarenhas

afias taõ grande em tudo como elle, fez reparos semelhantes, deo providencias confórmes, e ordens iguaes ás do seu tempo, para que a gentileza da resistencia se parecesse com a sua. Até nove de Maio, em que Çofar entrou na Cidade com o resto do Exercito, naõ houve na Fortaleza instante ocioso. Em quanto nós trabalhavamos para resistir, Çofar passava revista ás trópas, com que nos havia atacar, e que montavaõ ao número de 25000 Guzarates, 5000 Turcos, Mamelucos, Arabes, Persas, Abexins, Christãos renegados de várias Nações, além de quantidade de peões, artifices, vivandeiros, e outra muita gente de serviço, que se engrossava de hum para outro dia. Ao seguinte da sua chegada, Çofar mandou cumprimentar ao Governador, e pedir-lhe hum Emissario da sua confiança para tratar com elle negocios importantes. O Governador lhe retribuio o cumprimento por Simaõ Feyo, que hia encarregado de o ouvir, e o notar.

Era vulg

A este homem sábio, e prudente

des-

Era vulg. descobrio Çofar o fundo das suas intenções bem córadas com a exactidaõ apparente da justiça. Depois de lhe expôr com energia quanto era, e sempre fora amigo, e obrigado aos Portuguezes, acrescentou: Que attento á reputaçaõ do Rei, que tinha a honra de servir, naõ podia deixar de se queixar do attentado de Manoel de Sousa de Sepulveda, nome fatal dos Governadores de Dio para com os Sultões de Cambaya, por parecer, que com elle andavaõ vinculados os attrevimentos: que aquelle Chéfe audaz derrubára o muro de separaçaõ ajustado na paz do Viso-Rei D. Garcia, e que o novo Governador, como taõ justo, havia consentir que elle outra vez fosse levantado. Que além disto lhe pedia como bom amigo naõ viesse mais á imaginaçaõ serem os navios de Cambaya obrigados a navegar as côstas do seu Reino com passaportes Portuguezes; sugeiçaõ intoleravel a qualquer Régulo, quanto mais ao poderoso Rei dos Guzarates. Que da mesma sórte os havia isentar da obrigaçaõ de vir a

Dio,

Dio, por ser esta servidaõ huma tyrannia, de que elle os havia libertar. Que da sua parte pedisse ao Governador naõ se quizesse fazer odioso, e a sua Naçaõ aborrecida no Paiz Estrangeiro, aonde os recebêraõ de graça; e que quanto antes se lhe desse a resposta destes officios cathegorica, e decisiva.

Era vulga

Levados elles á presença do Governador, tornou a enviar Simaõ Feyo com o original do Tratado da paz, e ajustada no Conselho dos seus Officiaes a resposta cathegorica, de que elle em nada se opporia á observancia do Tratado, mas que a haver nella a infracçaõ mais ligeira, os Portuguezes de Dio estavaõ resolutos antes a morrer, que a consentilla. Çofar, que reconhecia a justiça de D. Joaõ Mascarenhas, e queria romper, affecta-se aggravado da resposta, prende em ferros a Simaõ Feyo, no dia 10 de Maio publíca na Cidade a declaraçaõ formal de guerra, e nelle mesmo huma multidaõ tumultuaria das suas gentes sem regularidade, nem ordem, veio descarregar as

 suas

Da vulg. suas armas nas paredes da Fortaleza, que com huma surriada a cartuxo juncou os seus contornos de cadaveres inimigos. Como estava declarada a guerra, restava ao grande Governador destribuir os postos, e animar a guarniçaõ para a tolerancia nos trabalhos.

A Fortaleza depois das ultimas obras mandadas fazer por D. Garcia de Noronha, e por Manoel de Sousa de Sepulveda, tinha na face, que faz frente á Cidade, sete Baluartes. O da villa dos Rumes se havia demolido por estar apartado della, e se ter conhecido a sua inutilidade no primeiro sitio. Agora o Governador, depois de mandar taipar as portas principaes, de deixar livres os postigos, e pontes *levadiças*, de segurar a polvora, *defender* a cisterna, cobrir a varanda, que eraõ os tres postos ameaçados para a nossa ruina, por onde haviaõ executar a sua trahiçaõ ajustada com Çofar os infames Ruy Freire, e o Mourisco Francisco Rodrigues, já postos em seguro, este em Chaül, o outro em Goa; D. Joaõ Mascarenhas distribuio

a

a guarniçaõ, e repartio os postos. Do Baluarte Sant-Iago foi encarregado D. Joaõ de Almeida com seu irmaõ D. Pedro; do de S. Thomé Luiz de Sousa; do de S. Joaõ Gil Coutinho; do de S. Jorge Antonio Peçanha; do do mar Fernaõ Carvalho; da Couraça o Feitor Antonio Rodrigues; do da pórta da villa Antonio Freire, Alcaide-Mór da Fortaleza. Cada qual destes Officiaes tinha trinta soldados ás suas ordens, e o Governador reservou a escolta de cincoenta para acodir, aonde a necessidade o pedisse.

Primeiro que elles se apartassem para os lugares, que lhes estavaõ destribuidos, D. Joaõ Mascarenhas tendo-os presentes, revestindo os exteriores respeitaveis da pessoa do peso da authoridade do cargo, lhes fallou assim: Eu bem sei que podia pouparme ao discurso, que vou a fazer-vos para vos animar, só com a lembrança de que sois Portuguezes: vós naõ o attendais como acçaõ livre do meu espirito, que vos conhece, mas como obrigaçaõ rigorosa do meu emprego,

Era vulg. que naõ deve faltar aos ſeus deveres. Por força della vos digo que nós ſomos chegados aos pontos critico, e glorioſo, hum de vencermos, o outro de ſermos vencidos. Em ambos elles a noſſa reputaçaõ ſerá immortal, e ella nos encherá de corage nos perigos com a conſideraçaõ precedente aos combates. Conſideraçaõ, que nos adverte que vencedores illuſtramos a Pátria, que vencidos honramos a Religiaõ. Pelo Rei, e pelo Deos ſomos de hoje em diante feitos eſpectaculos aos Anjos, e aos homens. Nós devemos moſtrar o que ſomos. Todo o ſangue ſe derrame, para que os homens advirtaõ, que eſtimamos o Rei, e temos amor á Pátria; para que os Anjos vejaõ, que abatemos o *Alcoraõ*, e exaltamos o Evangelho. Como naõ hei de ter por certa a victoria, ſe eſtes motivos taõ altos he impoſſivel deixarem de nos formar huns promontorios, aonde venhaõ quebrar desfeitas as ondas da cólera dos inimigos. Elles ſaõ os meſmos ha taõ pouco tempo cortados pelo noſſo ferro; ainda

tra-

trazem abertas as feridas ; façamos-lhas mais fundas , e desenganemo-los de que os Portuguezes, que tornaõ a investir pelas mesmas causas , saõ os mesmos homens.

Era vulg.

CAPITULO VII.

Principio do segundo sitio , que Coge Çofar pôz á Fortaleza de Dio , e que foi defendido por D. Joaõ Mascarenhas.

EU entro na narraçaõ do segundo sitio de Dio ; assumpto , em que se occupou , entre outras , a penna de hum Historiador taõ eloquente como Jacynto Freire de Andrade , e por isso o omitira , senaõ fosse o temor de deixar na minha Historia hum vacuo , que a desfigurasse. Reduzindo-o porém aos termos mais curtos , que naõ tirem a especiosidade á gentileza das acções , devo dizer , que depois dos bravos defensores de Dio ouvirem o discurso igualmente pio , e valeroso do seu Chefe , para lhe mostrarem a con-

1546

Era vulg. formidade dos ſentimentos, o goſto que faziaõ da guerra, elles ſe veſtíraõ de gála, coroáraõ os muros da Fortaleza, viſitáraõ os poſtos, e com toda a artelharia ſalváraõ a Cidade para lhe perſuadirem o alvoroço, com que neſtas diſpoſiçóes precedentes celebravaõ as futuras victorias.

Coge Çofar, ſem perder tempo, metteo mãos á obra. Com o deſignio de ganhar o Baluarte do mar para impedir os ſoccorros, e de mais perto bater o corpo da praça, que lhe ficava a deſcoberto, em tres noites ſucceſſivas fez conſtruir com trabalho incrivel de pedra em çoço tres reductos com ſuas caſamatas, canhoeiras, e parapeitos, entre elles cortinas de quatorze palmos de alto, que tomavaõ de ribeira a ribeira, e impediaõ o paſſo por aquella parte. A favor das ſombras trabalhou neſta obra huma multidaõ de peonagem para ficarem incertas as pontarias do noſſo fogo; mas como ella era tanta, e andava apinhada, nem nós perdiamos tiro, nem ella punha pedra ſem ſer regada com

ſan-

sangue. Naõ se esqueceo Çofar de construir outra célebre maquina semelhante á do sitio passado, que lhe facilitaria a tomada do Baluarte, se ella naõ experimentasse outro estrago bem confórme.

Era vulg

Sobre huma grande náo da navegaçaõ de Meca mandou levantar de madeira hum Castello de tres andares, que encheo de materias combustiveis, guarnecido de 200 Turcos para huma noite na maré alta o arrimarem ao Baluarte, e o sobprenderem. As sentinellas das torres déraõ aviso desta invençaõ ao Governador, que encarregou ao valeroso Jacome Leite, Capitaõ da Armada do porto, a expediçaõ de a queimar. Elle se embarcou com vinte homens escolhidos em dous catures ligeiros, naõ lhe valendo a voga surda para deixar de ser sentido, alvoroçar o Exercito, correrem troços á ribeira, arrojar sobre o Leite nuvens de setas, chuveiros de ballas. Com todo o socego do animo, ainda que com alguns feridos, elle cortou as amarras á náo; trouxe-a a reboque para

ra

Era vulg. ra perto da Fortaleza, aonde a *fez* voar com perda de muitas munições, artelharia destinada para o ataque, e morte dos Turcos, que a guarneciaõ.

Quando esta bizarria dos Portuguezes mettia em desesperaçaõ a Çofar, o mesmo Jacome Leite lhe forneceo outra materia para novo furor. *Soube* D. Joaõ Mascarenhas, que pela cósta de Balsar até Damaõ havia vir aos inimigos huma Cafila de mantimentos, e mandou aquelle Official com tres navios a sobprendella. Elle cumprio as ordens taõ pontual, que a trouxe a Dio com os Mouros enforcados nas vergas das embarcações, que ardêraõ á vista dos inimigos depois de lhes aproveitarmos as cargas. Ambos *estes* insultos foraõ para Çofar taõ *sensiveis*, que desaffogou a cólera com fazer voto a Mafoma de tomar Dio, ou morrer na empreza, como elle cumprio em fiel Musulmaõ pela segunda parte. Para conseguir a primeira sim lhe sobejou o valor, mas faltou-lhe a fortuna. Em nada faltou elle aos deveres de grande Capitaõ, para poder com jus-

justiça imputar só á fortuna as faltas nos successos. Era vulgar

Bem o mostrou elle na direcçaõ do sitio pela parte da terra, quando vio abortar os designios traçados pela do mar. Depois de estar perfeita a linha, que sobia da borda do rio pela cósta acima do terreno até a do mar, foi abrindo as trincheiras, que chegavaõ quasi ao fosso, taõ cortadas, e divididas em ramaes, que formavaõ huma especie de labyrinto para ter a gente a coberto. Depois traçou outra linha semelhante a ella com Baluartes, e reductos, em que plantou a numerosa artelharia, entre ella alguns canhões de grandeza extraordinaria. Já declinado o mez de Maio entrou ella á laborar, taõ bem servida com todas as regras da arte, com materiaes taõ excellentes, que as ballas passavaõ os gabiões de hum a outro lado. O Inverno entrava, naõ appareciaõ soccorros, a polvora consomia-se, tudo hia faltando, corria a voz, de que os inimigos esperavaõ por instantes huma Armada de Rumes; aquelles se avan-

ça-

Era vulg. çavaõ; mas os Portuguezes, *ainda* que cuidadosos, com o mesmo susto animavaõ o valor, soffridos, e intrepídos.

Naõ tinha descuidos em Goa D. Joaõ de Castro, que apenas recebeo as cartas do Governador de Dio, em tres dias fez dar á véla nove navios de soccorro, commandados por seu filho D. Fernando de Castro, que hia postilar lições de soldado na Aula de hum Professor taõ completo, como D. Joaõ Mascarenhas. Com elle embarcáraõ D. Francisco de Almeida, irmaõ dos dous Fidalgos do mesmo apellido, que já estavaõ em Dio; Sebastiaõ de Sá, filho de Joaõ Rodrigues de Sá do Porto; Diogo de Reinoso; Pedro Lopes de Sousa; *Diogo* da Silva; Antonio da Cunha, e outros Fidalgos ambiciosos da honra, lembrados da muita, que annos antes ganháraõ no mesmo lugar os filhos da disciplina de Antonio da Silveira. Os mares grossos retardáraõ a viagem, e fizeraõ arribar os navios, huns a Baçaim, outros a Chaul; mas o ardor

de

de D. Fernando com maior alteraçaõ de impaciencia, que a das ondas no mar, rompeo o golfo, e chegou a Dio.

Era vulg.

Com efte foccorro focegou a agitaçaõ dos animos, já forte a guarniçaõ no número de 500 homens efcolhidos a maior parte Fidalgos; os viveres, e munições em abundancia; a Fortaleza capaz de fe defender até a vinda de novos foccorros, fe os mares naõ lhes fechaffem as portas. D. Fernando de Caftro, que amava a gloria, cheio de fogo, tomou o feu quartel no Baluarte S. Joaõ, que era o mais fraco, para fazer companhia ao valor de Luiz de Soufa feu Commandante. Entaõ fez Diogo de Anhaya Coutinho a gentileza fempre lembrada, fó para os premios efquecida, de ir com hum camarada de noite bufcar lingua ao campo dos inimigos, ferrar hum Mouro, trazello em braços, mettello na Fortaleza: e porque lhe efqueceo no campo hum capacete, que leváral emprestado, baixou pela mefma efcada, tornou ao lugar, trouxe o capacete, e o reftituio a feu dono.

Ten-

[illegible] vulg.

Tendo Çofar as obras em estado de bater a praça, convidou o Rei para vir em pessoa authorisar a victoria: Marchou elle de Champanel com toda a Corte, e a escolta de déz mil cavallos ás ordens do bravo Juzarcaõ, que nos fez a honra de assistir no campo todo o tempo, que durou o sitio. Do alvoroço, que nelle notavamos, desejou D. Joaõ Mascarenhas ter noticia, e encarregou a Fernaõ Carvalho, que no quarto d'Alva mandasse do seu Baluarte do mar hum batel a buscar lingua. Seis bravos tomáraõ á sua conta esta diligencia, atacando os Mouros, que dormiaõ, por parte aonde elles se suppunhaõ seguros dos intentos da mais arrojada temeridade. Elles naõ se contentáraõ de trazer hum vivo, sem deixarem mórtos a muitos. Por este soube o Governador a vinda d'El-Rei; e pondo-o em liberdade, lhe pedio dissesse da sua parte ao grande Sultaõ Mamud: Que os Portuguezes ficavaõ delicadamente sensiveis á incomparavel honra, que lhes fazia de vir illustrar o seu valor com a presença da sua Mages-

gestade; presença augusta, que naõ podia deixar de dar hum relevo brilhante á gloria, que elle esperava de abater á vista da sua face o poder formidavel de Principe taõ poderoso.

Era vulg.

Este cumprimento depois acompanhado por outro de mais estrondo, que sahio da bocca de hum canhaõ, privou os Portuguezes do prazer da assistencia d'El-Rei no campo. Huma balla perdida lhe matou aos pés hum dos Aulicos estimados, que o salpicou com o seu sangue. Os Aruspices tiveraõ este acaso por taõ máo agouro, que o Rei tomou a pósta para a sua Corte de Amadaba, e Çofar a sua retirada por hum despreso, que o forçava a apressar o cumprimento do voto feito a Mafoma de vencer logo, ou morrer quanto antes. Entaõ se redobrou o horror do fogo para bater em brecha por muitas partes. Foraõ levantados dous reductos diante dos bastiões de Saõ Joaõ, e da Pórta. Obra semelhante se fez defronte do de S. Thomé, que chamáraõ o Baluarte da Rama, por ser formado de troços de arvores lia-

dos,

Era vulg. dos, e sobídos a tanta altura, que igualavaõ a Cidade, e devaçava o interior da Praça. A artelharia jogava sem socego, já partido de alto a baixo o Baluarte S. Thomé, ameaçando a ultima ruina; os bastiões todos abalados, e causando horror incrivel hum morteiro, que arrojava pedras de seis pés de circunferencia. Nós tivemos a fortuna de fazer cessar os effeitos destes monstros de bronze, quando matamos hum renegado Francez, que os governava, naõ os sabendo manejar o Engenheiro, que lhe succedeo.

Crescia o perigo, e o estrago; mas a actividade de D. Joaõ Mascarenhas naõ se poupava a trabalho para fazer a defensa vigorosa. Para reparar as ruinas abrio huma cortadura, e levantou hum muro de vinte pés de largo: encostou ao Baluarte S. Thomé huma nova torre: junto á Igreja construío hum cavalleiro do Baluarte Sant-Tiago ao da Porta, guarnecido de grossa artelharia, apontada á fabrica da Rama: trabalhos activos, continuados de longa fadiga, em que sem-

pre

pre acompanhárao aos homens as memoraveis Matronas Isabel Fernandes, conhecida pelo nome da Velha de Dio, Garcia Rodrigues, Isabel Dias, Catharina Lopes, e outras, que neste sitio se mostrárao intrepidas como Heroinas nos perigos, nos combates, no serviço effectivo de quanto para a defensa da Praça era necessario. O seu fogo sobre os inimigos tambem era sem intervallos; os effeitos maravilhosos, já nesta, ou naquella parte, aonde a dexteridade do Governador o applicava, conforme as occurrencias o pediao.

Era vulg.

O Chéfe vigilante, porque os trabalhos erao nocturnos, dispôz no fosso da Praça em proporcionadas distancias barricas accesas, que descobriao á multidao dos trabalhadores para elles engrossarem as fachinhas com outra multidao de cadáveres. Ao mesmo tempo o cavalleiro junto á Igreja batia o Baluarte da Rama com tanta violencia, que o deitou a terra, entrando muitos homens nas suas ruinas. D. Joao Mascarenhas estimou tanto este

suc-

successo, quanto o sentio. Çofar, que naõ perdeo a corage para levar as linhas até ao fosso, que pretendeo cegar. Com este designio correo ao longo da explanada a trincheira taõ profunda, que podiaõ os trabalhadores andar por ella sem susto. Ordenou logo cobrir o seu parapeito de fortes mantas, e com grandes pranchas de vigas, e taboas pregadas atravessar o fosso de huma à outra parte, taõ defendidas de terra molhada, que lhe naõ podéraõ fazer impressaõ diluvios do nosso fogo, nem os sitiados impedir que o fosso fosse entulhado.

Semelhante vantagem, capaz de desanimar os mais intrepidos, justamente encheo de corage aos inimigos, que nos transportes do gosto naõ podéraõ conter-se sem nos aggravarem com insultos. Póstos em parte, donde podessem ser ouvidos dos sitiados, movendo as cabeças lhes diziaõ: O lá Portuguezes, aonde estaõ aquelles, que presumiaõ com pouco número de homens destruir os maiores Reinos da Asia, para sobre os seus destroços edi-

ficarem hum novo Imperio? Acaso sois vós da raça destes arrogantes? Naõ: já degenerastes: sem cara para apparecer, sois outra gente, que por enorme se esconde entre essas quatro paredes. Vós naõ sois taõ gentís-homens, como os outros, que estiveraõ ahi com Antonio da Silveira: estes mostravaõ-se como homens aos seus inimigos; vós escondeis-vos como gallinhas debaixo do côvo: fracos sois, ou fraco Capitaõ tendes; elle fraco, porque naõ sahe comvosco a campo, ou vós fracos, porque naõ o obrigais a sahir.

Era vulgo

Os alentados Portuguezes, mais attentos á defensa da sua Praça, que a audacia destes insultos para naõ os provocarem a alguma temeridade desordenada; elles tiveraõ a fortuna, de que alguns velhos da Fortaleza dissessem ao Governador, como naquelle lugar do fosso estava hum postigo tapado com terra, que sendo descoberto, por elle facilmente se poderia furtar o entulho dos inimigos bem necessario para o serviço da Praça. Immediatamente se

En vulg. cavou no lugar indicado, e appareceo o postigo. Todo o mundo sem exceição, homens, e mulheres metterão mãos a obra para despejar o fosso, que encheo de materiaes a Praça. Com a continuação do trabalho se fez no entulho huma especie de abobada, que não podendo sopportar o peso, deo com a máquina no fundo. Coge Cofar colerico, e admirado de D. João Mascarenhas, que eludia todas as suas traças, veio em pessoa examinar o estrago. Como o ardor da raiva lhe fez esquecer a cautéla, correo á trincheira, montou sobre o parapeito o lugar que estava destinado para cumprir a segunda parte do voto feito a Mafoma; porque huma balla perdida de canhão lhe fez em pedaços a cabeça.

Este foi o fim do memoravel Apostata da nossa Religião santa o célebre Coge Cofar, que tinha sua mãi viva, e boa catholica na Cidade de Otranto; donde todos os annos lhe escrevia cartas com o sobrescrito profetico: *A meu filho Coge Cofar, ás portas do Infer-*

ferro. Nada de mais funesto, que esta mórte, podia sobrevir ao Exercito de Cambaya. Ella lhe desconcertou de sórte as medidas, que esteve oito dias sem acçaõ com assombro dos sitiados, que ignoravaõ a causa, sem que nos reparos perdessem o tempo. Seguio-se a desordem na eleiçaõ do novo Chéfe, taõ divididos os animos, que faltou pouco para a deserçaõ dos soldados: noticias ambas para os sitiados taõ gostosas, como quem esperava nellas o fim dos seus trabalhos. Naõ lhes succedeo da sórte, que elles o pensáraõ; porque Rumeçaõ, filho de Çofar, moço de 29 annos, taõ atrevido como seu pai, se encarregou do commandamento do Exercito, jurando a Mafoma de lhe vingar a mórte com a de todos os Portuguezes de Dio. Sultaõ Mamud approvou a eleiçaõ do novo Chéfe, e o soccorreo com muito dinheiro, com 40000 soldados, e outro número de obreiros, e gastadores em tanta copia, que a das muitas mórtes diarias naõ deixava conhecer a falta na multidaõ.

Estratag.

Era vulg.

Na Fortaleza havia grande de hum novo soccorro. Passados mais de tres mezes de trabalho, o maior era o do Inverno, que laborava furioso no mar. Via D. João Mascarenhas aos inimigos chegados ao corpo da praça; que os combates de armas curtas tinhão de ser frequentes; que pela diminuição das munições as havia poupar; pela dos viveres inventariar os que houvesse pelas casas para os distribuir com regra; que tinha pouco mais de 200 homens capazes do serviço, os mais doentes, feridos, e mortos; que os sãos noite, e dia não despião as armas, trabalhavão, e não dormião, com os corpos fatigados, as forças lassas. Todas circunstancias, de que devia avisar ao Governador da India para o soccorrer, sem descobrir o modo, nem a pessoa. Nestas perplexidades o animou o valeroso Padre João Coelho, Capellão da Fortaleza, que se lhe offereceo para romper os mares em hum catur, chegar a Baçaim, e Chaul, fazer enviar os avisos a Goa; e sem perder tempo deo á véla.

CA-

CAPITULO VIII.

Rumecaõ por morte de seu Pai Coge Çofar continua o sitio da Fortaleza de Dio.

DEPOIS que o Exercito de Cambaya rendeo as ultimas honras ao Chéfe defunto com toda a magnificencia militar; bem conduzido por seu filho Rumecaõ, continuou no mesmo trabalho do entulho. Já inutil o postigo por continuamente atacado, D. Joaõ Mascarenhas o mandou tapar por dentro para applicar todos os cuidados a duas grandes torres, que Rumecaõ fazia construir no lugar, aonde estivera o Baluarte da Rama. Ellas faziaõ frente ao de S. Joaõ, e S. Thomé, que haviaõ ser batidos de cada huma por dous grossos canhões, cada qual em sua casamata. Depois lançou as galarias ao fosso para os gastadores trabalharem defendidos. Tudo em Dio, e por muitas partes da India, manobras militares taõ ajustadas com as regras

Era vulg.

Era vulg. gras da arte, e impulsos do valor, que he necessario bem de corage, nos chamados criticos modernos, para sustentarem que os Portuguezes na Asia contendêraõ com gentes brutas, e covardes, sem ordem, nem disciplina.

Resistencia alguma da nossa parte pode impedir a Rumecaõ hum trabalho taõ grande, taõ continuo, sustentado por tanto mundo. Nós tinhamos por impossivel, que o muro houvesse deixar de ser picado; mas o que naõ podia embaraçar a força, o conseguio a industria. Como as pranchas, ou pontes que cobriaõ o fosso, eraõ feitas de grossos troncos de palmeira, e taboas de navios, materias, em que o fogo artificial continuado produziria prompto effeito; D. Joaõ Mascarenhas mandou forjar huma grande cadêa de ferro, que do alto do muro descesse sobre as maquinas. Com huma das pontas preza na aza de hum canhaõ, na outra fez atar sacas de huma materia, que na India chamaõ Gunes, cheias de polvora, salitre, enxofre, e outros materiaes do fogo de artificio,

cio, que estando a arder sobre a madeira, levantou nella tal incendio, que toda a diligencia dos inimigos naõ o pode apagar, em quanto naõ reduzio a cinzas as mesmas pedras.

Em vulg.

Effeito para os sitiados taõ feliz, longe de abater a Rumecaõ, servio para mais se obstinar; para levar ao fim furioso o projecto, que naõ podia lograr advertido. Tantos foraõ os materiaes, que ajuntou no fosso, até os das mesmas obras feitas no principio do sitio; tantas as vigas, mastos de navio liados, mais bem defendidos do fogo; tantos os combates a que resistio para sustentar o campo, e o cobrir até as boccas das brechas, que chegou ao fim de o arrazar para sobir ao assalto sem tropeços. Como conseguio abrir huma bocca, por que cabiaõ déz homens defrente ao interior da praça, ainda que o Governador lhe contrapoz hum muro; Rumecaõ quiz observar a disposiçaõ dos Portuguezes para a defensa, e puchou grossos destacamentos, que dessem várias investidas por muitas partes, especialmente ao

lu-

Era vulg. lugar, que parecia aberto. A resistencia foi taõ prompta, tantos os seus mortos, que elle teve de se retirar para dispôr hum assalto geral com regularidade.

Antes de o emprender tentou a constancia Portugueza, que entendeo poderia aballar, propondo-lhe huma Capitulaçaõ honrada. Com este designio mandou a Simaõ Feyo escoltado á face do Baluarte Sant-Iago chamar pelo Governador, que o ouvio attento repetir as palavras, que os Mouros lhe punhaõ na bocca; palavras ao mesmo tempo de louvor, de compaixaõ, de honra, de promessas: vozes, que pareciaõ de hum Portuguez enternecido, e eraõ de hum General simulado. D. Joaõ Mascarenhas, que naõ attendia nellas as articulações; senaõ o espirito, respondeo a Simaõ Feyo neste tom féro; Os Portuguezes taõ magnanimos como os meus soldados, naõ daõ ouvidos a propostas de huma naçaõ perfida: Que nos importaõ a nós as paredes arruinadas, se os nossos animos estaõ inteiros? De que nos ser-

ve a piedade fingida de Rumecaõ, se Era vulg. nós queremos vender-lhe cada pedra desta Fortaleza pelo preço de cada huma das nossas vidas? Dizei-lhe, que depois de tudo arruinado, eu o irei buscar ao seu campo; que romperei as fileiras do seu Exercito; que chegarei á sua tenda, e que com a minha espada farei á sua cabeça o mesmo, que huma balla dos meus canhões fez á de seu Pai: e vós, Simaõ Feyo, ide bem certo, que se cá tornares com commissaõ semelhante, do muro vos hei de mandar tirar á espingarda, como sobre hum trahidor vil.

O author desta resposta insultante justamente devia esperar o despique de hum assalto, e para elle se dispoz o Governador de sorte, que as obras das mãos correspondessem ás vozes da lingua: se estas valerosas, as outras intrepidas; huma correspondencia igual entre o sublime, e o magnimo. Ao amanhecer o dia appareceo todo o Exercito de Cambaya em torno da Fortaleza; Rumecaõ na sua testa, as bandeiras despregadas, os clarins mili-

ta-

Era vulg. taes ferindo os horisontes, a vozería dos Mouros atroando os arès; tanto apparato soberbo contra 200 homens já rodeados de fadigas. Elles appareceram outros tantos Baluartes na face do inimigo para defenderem o de S. João, aonde estava Luiz de Sousa com D. Fernando de Castro, Sebastião de Sá, Diogo de Reinoso, Pedro Lopes de Sousa, Diogo da Silva com outros Fidalgos, e cavalheiros, que neste dia obràraõ acções dignas da immortalidade. Jozarcaõ mandava este ataque, e Rumecaõ outro no Baluarte S. Thomé; o primeiro com as trópas dos Guzarates, o segundo com as escolhidas de seu Pai, que eraõ Turcos, Mamelucos, e os Estrangeiros renegados.

Em ambos os Baluartes andava o furor derramado. O fogo, o fumo, o estrondo dos golpes, os gemidos dos agonisantes tinhaõ extacticos os sentidos. Os defensores naõ moviaõ hum pé do primeiro posto; as Matronas naõ lhes desamparavaõ os lados; D. Joaõ Mascarenhas enchia as obrigações de

gran-

grande Capitaõ com providencias superiores á mesma esperança. Já metido Rumecaõ em derrota, Juzarcaõ foi substituir-lhe a praça; mas encontrou taõ inteiro o valor de D. Joaõ de Almeida, de Gil Coutinho, e dos outros Fidalgos, e soldados, que experimentou sórte semelhante. Sebastiaõ de Sá gravemente ferido depois de matar a muitos, provocou a cólera dos camaradas, para que os inimigos no combate naõ o achassem menos. Tantos corrêraõ ao Baluarte S. Thomé, que logrou a porfia o que naõ pode conseguir o valor. Elles o entráraõ, e plantáraõ trinta homens no seu terrapleno. Os nossos a esta vista, tomados de hum furor mais que humano, se arremessaõ a elles, e os arrojaõ dos muros para os rebentarem na quéda. Rumecaõ com 300 mórtos dos melhores soldados, e grande número de feridos, mandou tocar a recolher. Os Portuguezes perdêraõ hum homem.

O máo successo deste ensaio para mais vigorosos combates fez lembrar a Rumecaõ, que elle provinha da in-

di-

Era vulg. dignaçaõ de Mafoma, e escandalisado das desordens dos Musulmãos, e determinou aplacallo. Na mesma noite convocou o campo para as preces, que haviaõ preceder aos actos de expiaçaõ barbaros, e ridiculos, que exercitavaõ entrando, e sahindo em huma Mesquita, segundo os Ritos da superstiçaõ Mahometana. Toda a noite levárão os Barbaros nestes exercicios de Religiaõ, que sendo advertidos por Fernaõ Carvalho, Capitaõ do Baluarte do mar, veio avisar ao Governador, por lhe parecerem disposições para o futuro assalto. Elle o preveniu dispondo as tropas para esperarem huma gloriosa victoria na vespera do Apostolo Patraõ de Hespanha, que deviaõ invocar no conflicto, lembrando a Fernaõ Carvalho, soccorresse os Baluartes assaltados com o fogo da sua artilharia pelo flanco dos inimigos, como fizera na ultima refega.

Horas antes da manhã, Rumecaõ, e Juzarcaõ marcháraõ com o Exercito em tres columnas sobre os Baluartes S. Joaõ, S. Thomé, e sobre a Falsa Bra-

Braga de Antonio Peçanha; que eraõ os lugares mais arruinados. Ao ponto que soou o toque de avançar, nos seus Baluartes Luiz de Sousa, D. Fernando de Castro, os tres irmãos Almeidas, o Peçanha, Fidalgos, e soldados clamáraõ San-Tiago, grito de guerra, com que metteraõ os espiritos em calor para affrontarem o dia, que tinha de decidir a sorte da India em vencer, ou morrer. Pensem como quizerem os criticos judiciosos, que as façanhas obradas nelle pelos Heróes, e Matronas Portuguezes excedem todo o encarecimento. Hum punhado de gente contra hum mundo de homens aqueceo no horror da noite hum combate, em que a luz dos fogos artificiaes, o ruido dos canhões, e da fuzilaria, os clamores dos feridos, os gritos dos combatentes, os ais dos agonizantes formavaõ hum espectaculo o mais indigno á humanidade, hum cáhos de espantos, de terror, hum todo do Inferno.

Estavaõ as mulheres nos lugares do maior perigo, e nos transportes da

co-

Era vulg.

coragem, diziaõ aos soldados: Ah filhos, que gentis-homens nos pareceis, quando burdais a gala do valor com os fios do vosso sangue: felices as mãis, que vos paríraõ para dardes as vidas pela Pátria, pelo Rei, pelo Deos, para viverdes immortaes na fama. A efficacia destas vozes, & do exemplo dos Chéfes os soldados obravaõ taes maravilhas, que pelos montes dos mórtos sobiaõ os vivos. Como elles eraõ tantos, que a cada instante se revezavaõ frescos, e descançados sobre os mesmos defensores fatigados, e oprimidos; o Baluarte S. Thomé a troco de muitas mórtes foi entrado por hum Esquadraõ de Turcos. Os Portuguezes como se estivessem sentindo, que tinhaõ quem lhes fizesse sombra á cabeça neste dia da guerra, no mayor perigo deraõ ao valor maior alento. Elle era taõ grande, que foi causa de se derramar a voz, de que estava perdida a Fortaleza: voz falsa, que chamou furiosos os soldados dos outros póstos pára acodirem como leões ao Baluarte atacado.

Ju-

Jurareaõ se aproveitou desta desordem: elle correo em maré baixa ao longo do mar, aonde suppôz desamparada a Fortaleza, que alli era defendida pela altura dos rochedos. Acha o mesmo que entendeo; planta a escalada, e lhe mette dentro cem Turcos. Elles se botáraõ á pilhagem pelas casas, aonde as bravas Heroinas armadas de chuços os bloqueáraõ, até que com os alaridos proprios do sexo avisáraõ ao Governador, que com tres soldados visitava os póstos. Prevenindo as consequencias da rotura desta voz, que desconcertaria o valor mais intrépido empenhado na acçaõ, mandou a todas, que se callassem, e destacou hum dos soldados, que fosse a buscar alguns, que encontrasse menos necessarios nas outras partes, sem lhes dizerem o para que. Como raio fulminante D. Joaõ Mascarenhas, seguido de quatro soldados, em quanto naõ vinhaõ outros, foi ao lugar da scena vistosa, aonde humas poucas de mulheres tinhaõ em huma casa sitiados a trinta Turcos; elle mesmo lhes lan-

Em vulgar.

Era vulg. çou huma panella de polvora com admiravel effeito, e arremetendo-os com huma espada, e rodela, os levou ás cutiladas, até os precipitar dos rochedos, aonde se fizeraõ em pedaços. Concluida huma acçaõ taõ gloriosa, além da vulgar credulidade, reparou D. Joaõ Mascarenhas que na varanda da Igreja estavaõ muitos Turcos dispostos para descer ao muro, e incorporar-se com outros, que Juzarcaõ fazia sobir á Fortaleza. Como de muitas partes vinhaõ concorrendo soldados, D. Joaõ na sua tésta montou a varanda, atropelou os Barbaros, e com valor igual em sórte semelhante lhes deo o destino dos primeiros.

Livre a Praça deste perigo, D. Joaõ Mascarenhas chegou aos *Baluartes* atacados, que vio em outro maior. Toda a sua alma ainda agitada, posta na lingua, e nas mãos, antes que entre a obrar de novo com estas, pela outra sahem intrepidos os sentimentos do valor: Ainda este combate dura? Senhores, acabemos de nos dar a conhecer aos Barbaros: o dia de hoje

to-

do he de gloria para a noſſa Naçaõ: Era vulg.
Aqui tendes naõ o voſſo Governador
para vos mandar; mas hum camarada
para ao voſſo lado vencer. Fallando aſ-
ſim, elle ſe arrojava aos inimigos com
impulſo heróico. Os ſoldados o ſuſpen-
dêraõ nos braços, pedindo-lhe com vo-
zes de imperio guardaſſe a ſua vida, de
que dependia a de todos; que os deixaſ-
ſe obrar ſem elle ſe entreter para goſ-
tar melhor de vêr nos filhos da ſua diſ-
ciplina as gentilezas, que tambem eraõ
gloria ſua. Baſtou a preſença deſte He-
róe para ſe reanimarem os eſpiritos aca-
bados de fadigas. Já vencedores de tan-
tos contrarios em huma peleija do meio
da noite até depois do meio dia, os
Portuguezes arrojavaõ os Turcos dos
baluartes feitos em poſtas.

Os dous Generaes envergonhados
voltáraõ á carga ſem encontrarem diffe-
rença na reſiſtencia. O fogo dos canhões
dos Baluartes do porto, e do Mar, ata-
cados a cartuxo, que tomava aos ini-
migos pelos flancos, nem ceſſava de
laborar, nem elles podiaõ ſoffrer-lhe o
eſtrago. O medo, ou a contumacia dos

 Ché-

Era vulg. Chéfes era quem fazia os Barbaros insensiveis á dôr, e á mórte; mas dispôz a Providencia para suspender a carnagem, que huma balla perdida de canhaõ tomasse a Juzarcaõ por meio corpo, e o levasse pelos ares, deixando hum sobrinho do mesmo nome, que lhe succedeo no cargo. Rumecaõ perdeo os alentos com esta mórte. Mandou tocar a recolher, ficando juncado o campo com 1ↀ500 cadaveres, e levando maior número de feridos. Dos nossos faltáraõ sete, e feridos trinta. Huma bandeira com o retrato de Mafoma feita para marca, de que estava applacado, ficou jarretada, e outras muitas em nosso poder.

Com a noticia de successo taõ feliz, e da extremidade, a que a Fortaleza ficava reduzida, D. Joaõ Mascarenhas despedio hum Expresso ao Governador da India. Quando nós ganhavamos aquella victoria recebia elle as cartas, que o Capellaõ da Fortaleza levára a Chaul; e como a sua actividade naõ socegava em aprestar soccorros, depois que despedio a seu filho D. Fernan-

nando; agora publicou que ſem demora mandava o ſeu primogenito D. Alvaro para moſtrar na India, que arriſcava os filhos, aonde os Portuguezes empenhavaõ a honra. Commovêraõ-ſe os Fidalgos a eſta voz, offerecendo-ſe em competencia para acompanhar a D. Alvaro, que tinha duas recommendações na peſſoa, e nas virtudes. O primeiro de todos foi D. Franciſco de Menezes, que o Governador deſpedio logo com alguns navios, e tres dias depois o ſeguio D. Alvaro com dezanove, em que embarcáraõ, além de outra muita Nobreza, os Capitães D. Jorge de Menezes, D. Duarte de Menezes, os irmãos Luiz, e Jorge de Mello de Mendoça, D. Antonio de Ataide, Garcia Rodrigues de Tavora, Lopo de Souſa, Nuno Pereira de la Cerda, D. Joaõ de Ataide, D. Duarte Deça, e outros. O Governador eſcreveo a D. Joaõ Maſcarenhas, e a D. Franciſco de Menezes, dizendo: Que lhes mandava ſeu filho D. Alvaro para naõ ter mais acçaõ, que a de eſtar ás ſuas ordens, como levava em

Era vulg.

Era vulg. regimento. Na reta-guarda desta Esquadra partio Antonio Moniz Barreto com outros Fidalgos aventureiros em hum grande caravelaõ de mantimentos: todos determinados a lutar com as ondas no rigor do Inverno pelo golfo de Dio para irem participar da glória sublime, que os seus Patricios ganhavaõ nas prostradas ruinas da Fortaleza.

F I M.